



**LIVRO 58 - SE PUDESSEM
VOLTAR NO TEMPO, ESTAS
500 PESSOAS NÃO...**

Sinopse:

*Quantas vezes falamos ou ouvimos pessoas se expressar assim: “Ah! Se eu pudesse voltar atrás, eu não...”. Esta expressão pode se referir às mais diversas situações das vidas das pessoas, como: relacionamentos com amigos, familiares, colegas de trabalho; amores vividos; compra de bens móveis e imóveis; viagens; empregos e estudos; aventuras e riscos; comportamentos e vícios, entre tantas outras. O arrependimento e as frustrações por decisões erradas são comuns e fazem parte do nosso processo de aprendizado. São sonhos que se transformaram em pesadelos, realizações que não corresponderam às expectativas, dispêndio de recursos que não compensaram os benefícios, atitudes que afastaram amigos e familiares, foco em objetivos errados que não construíram uma família, planejamentos que atingiram objetivos diferentes do programado. Mas, quanto estas expressões de realidades podem servir de orientações às outras pessoas? Que peso elas poderiam ter na tomada de decisões importantes que fazemos em nossas vidas? Através deste livro, estamos dividindo estes relatos com vocês, leitores, na expectativa que possam somar na ampliação da sua base de conhecimento e sua experiência de vida, possibilitando a tomada de decisões mais acertadas! Este tesouro de experiência acumulada, talvez, nunca tenha sido explorado de forma adequada e em maior profundidade. Tomar conhecimento destes testemunhos pode mudar a sua maneira de pensar, em especial, quanto se encontrar em situações semelhantes e estiver prestes a tomar decisões em sua vida e rever relacionamentos com as pessoas que o cercam e lhe são importantes! Estes relatos retratam casos reais vividos por pessoas que se dispuseram a colaborar com este trabalho, repassando experiências adquiridas, muitas vezes, com grandes sofrimentos, prejuízos, danos morais, mágoas, frustrações, fracassos e tantos outros sentimentos, no decorrer de um período longo de suas vidas. São 500 experiências de vida, retratadas em 100 relatos, que podem ‘abrir seus olhos’. Saiba aproveitar este ‘Tesouro de Experiência Real de Vida’! Os relatos mais comuns foram: 1.º - Pessoas que deram foco exclusivo em sua carreira profissional, negligenciando as relações e a interação com a família, amigos e parentes e ficaram frustrados em muitos aspectos; 2º - Pessoas que não curtiram seus pais quando podiam e, quando eles se foram, restou apenas a triste sensação de ‘ficar devendo’ para eles, tardiamente; 3º - Pessoas que tiveram grandes prejuízos, arriscando-se em negócios próprios, sem experiência e sem o levantamento de informações mínimas e básicas antes de investir. Em vista de casos semelhantes ou assemelhados, os relatos de 500 pessoas foram retratados em 100 eventos. **Você olhará para seus pais, sua esposa, seus filhos, seus irmãos, seus parentes, seus amigos, seu emprego, sua opção de carreira, sua igreja, seus hobbies, seu planejamento de futuro, seus valores pessoais, entre outros aspectos de sua vida, com novos olhos, aguçados sob um prisma complementar, após a leitura deste livro! E o que é mais importante - a tempo de refletir e rever conceitos para não cometer erros irreparáveis no tempo ou apurar as análises e a qualidade de suas decisões ao seguir em frente.***

J. J. Dacosta

Dedicatória

Agradeço a todos os meus amigos (as) e outras pessoas que concordaram em dividir suas experiências conosco. Estes relatos são um verdadeiro tesouro de sabedoria e filosofia de vida.

Estes relatos retratam casos reais vividos por pessoas que se dispuseram a colaborar com este trabalho, repassando experiências adquiridas, muitas vezes, com grandes sofrimentos, prejuízos, danos morais, mágoas, frustrações, fracassos e tantos outros sentimentos, no decorrer de um período longo de suas vidas, tornando-os um registro útil a todos que dele possam beneficiar-se...

“Mestre, como faço para me tornar um sábio?”.

“Boas escolhas!”.

“Mas, Mestre! Como fazer boas escolhas?”.

“Experiência!”.

“E como adquirir experiência, Mestre?”.

“Através de más escolhas!”.

... E como evitar más escolhas?

Refletir sobre as experiências negativas de outras pessoas pode ser uma boa alternativa!

“Uma pessoa inteligente aprende com os seus próprios erros. Uma pessoa sábia aprende com os erros de outras pessoas!”.

J. J. Dacosta

Quantas vezes falamos ou ouvimos pessoas se expressar assim: “Ah! Se eu pudesse voltar atrás, eu não...”. “Ah! Se eu pudesse voltar no tempo, eu não...”. “Ah! Se eu nascesse de novo, eu não...”. “Ah! Se eu tivesse outra oportunidade, eu nunca...”. Estas expressões podem se referir às mais diversas situações das vidas das pessoas, como: relacionamentos com amigos, familiares, colegas de trabalho; amores vividos; compra de bens móveis e imóveis; viagens; empregos e estudos; aventuras e riscos; comportamentos e vícios, entre tantas outras. O arrependimento e as frustrações por decisões erradas são comuns e fazem parte do nosso processo de aprendizado. São sonhos que se transformaram em pesadelos, realizações que não corresponderam às expectativas, dispêndio de recursos que não compensaram os benefícios, atitudes que afastaram amigos e familiares, foco em objetivos errados que não construíram uma família, planejamentos que atingiram objetivos diferentes do programado. Mas, quanto estas expressões de realidades podem servir de orientações às outras pessoas? Que peso elas poderiam ter na tomada de decisões importantes que fazemos em nossas vidas? Será que se tomássemos conhecimento dos arrependimentos e frustrações das outras pessoas sobre determinado assunto mudaríamos alguma posição nossa com relação ao mesmo assunto?

Dizem que se conselho fosse bom, não se daria, se vendia! E a sociedade não avançaria se todos os seres humanos fundamentassem suas ações e decisões com base nos arrependimentos, fracassos e frustrações de outras pessoas. Eu ouvi do consultor Luis Marins uma das melhores frases de toda minha vida: “Não falaram para ele que era impossível e ele foi lá e fez!”. Então, em sendo assim, estas expressões de arrependimentos que as pessoas fazem todos os dias, a ponto de desejarem nascer de novo ou viajarem no túnel do tempo, não servem para nada?

Se, por um lado, têm pessoas que, para tomar uma decisão importante na vida, utilizam uma base ampla de conhecimento formada por sua experiência de vida, valores, nível de educação, dados e fatos, inteligência e sabedoria, por outro lado, outras são mais afoitas e superficiais nesta base. Com certeza, as primeiras são mais assertivas em suas decisões e as segundas, freqüentemente, se vêm às voltas com os problemas de decisões e ações erradas. Porém, em ambos os casos, a experiência retratada nas declarações das pessoas, que vamos chamar de ‘efeito do túnel do tempo’, são úteis para somar na base de conhecimento. E, quanto a isto, eu não tenho a menor dúvida!

Mas, a verdade seja dita, os maiores avanços da humanidade tem se dado pela utilização e complementação de experiências, bem ou mal sucedidas, vivenciadas por antecessores!

Às vezes, estas experiências podem ser cruéis, outras vezes extremamente gentis conosco. Somando experiências, vamos vivendo nossa vida, com os laços de relacionamentos que estabelecemos, superando as ciladas, frustrações e fracassos, nos regozijando nos triunfos e sucessos. Satisfeitos ou insatisfeitos, alegres ou tristes, vencedores ou perdedores, tudo nos serve para acumular experiências na vida. A vida, salvo maiores teorias espíritas, é uma estrada de via única, sem retorno, com as placas de sinalização sempre indicando seguir em frente no caminho. Assim, uma experiência passada só se reveste de algum valor quando for para gerar uma ação positiva com base nela. E, assim, aprimoramos continuamente este nosso 'curriculum-vitae', em um contínuo aprendizado até o final de nossas vidas. Precisamos ser bons alunos desta nossa professora experiência, a vida não para e temos que achar tempo e disposição para arrumar e consertar o que for possível, reparando nossas tristezas, coisas que deram errado, fracassos, frustrações, seguindo em frente. É errando que se aprende. E nossa professora experiência sabe muito bem disto quando aplica a prova e, somente depois, ensina a lição. Para aprendermos a enfrentar o desafio de viver a vida, temos a necessidade de compreendê-la através da razão, um grande instrumento para o homem perceber o lado bom e positivo das experiências passadas, usando a nossa inteligência, memória e capacidade de imaginação e com o mais poderoso dos métodos de aprendizagem - o sofrimento.

E não faltam pensadores para eternizar frases a respeito da importância de aproveitar a experiência de outros:

- "A escola da experiência é a mais educativa." (Molière)
- "A experiência deve ser avaliada duplamente, conforme faz subir a consciência do próprio valor ou em que medida a faz baixar." (Hugo von Hofmannsthal)
- "A experiência é a sabedoria que nos permite considerar velha e indesejável conhecida a loucura por nós cometida em outros tempos." (Ambrose Bierce)
- "A experiência é a verdadeira sabedoria das nações." (Napoleão Bonaparte)
- "A experiência é aquilo que lhe permite reconhecer um erro quando você o comete de novo." (Earl Wilson)
- "A experiência é um troféu composto por todas as armas que nos feriram." (Marco Aurélio)
- "A experiência é uma chama que só ilumina queimando." (Benito Pérez Galdós)

- "A experiência é uma coisa que você não consegue adquirir através do nada." (Oscar Wilde)
- "A experiência é uma escola onde são caras as lições." (Benjamin Franklin)
- "A experiência é uma lanterna dependurada nas costas que apenas ilumina o caminho já percorrido." (Confúcio)
- "A experiência ensina mais seguramente que o conselho." (André Gide)
- "A experiência ensina-nos a desconfiar de tudo, e muito especialmente de nós próprios." (Gabrielle-Anne de Courtiras)
- "A experiência mantém uma preciosa escola, e os tolos não aprenderão em nenhuma outra." (Benjamin Franklin)
- "A experiência mostra que os homens vão sempre para baixo, que é preciso corpos sólidos para os conter." (Jean-Paul Sartre)
- "A experiência não leva a conclusões universais." (Thomas Hobbes)
- "A experiência não permite nunca atingir a certeza absoluta. Não devemos procurar obter mais que uma probabilidade." (Bertrand Russell)
- "A experiência nunca falha, apenas as nossas opiniões falham, ao esperar da experiência aquilo que ela não é capaz de oferecer." (Leonardo da Vinci)
- "A experiência nunca volta para nós a face que estamos à espera." (François Mauriac)
- "Aprendemos com a experiência que os homens nunca aprendem com a experiência." (George Bernard Shaw)
- "Eu aprendi que o perigo é relativamente pequeno, mas que a inexperiência pode funcionar como uma lupa." (Charles Lindbergh)
- "Eu sempre achei que a experiência é uma faca de dois gumes; você evolui a partir dela, mas algumas vezes ela te fere. Somente uma coisa é certa: você sempre aprende com ela. E isso é o que realmente importa." (Donald Trump)
- "Existirá alguém tão esperto que aprenda pela experiência dos outros?" (Voltaire)
- "Experiência é o nome que todo mundo dá aos próprios erros." (Oscar Wilde)
- "Experiência é quando renunciamos aos erros da juventude para substituí-los pelos da idade." (Ambrose Bierce)
- "Experiência não é o que acontece com você, mas o que você fez com o que lhe aconteceu." (Aldous Huxley)
- "Há duas coisas que a experiência deve ensinar: a primeira é que é preciso corrigir muita coisa; a segunda é que não se deve corrigir demais." (Eugène Delacroix)

- "Há uma coisa que é essencial a uma grande experiência: Uma natureza experimentadora". (Walter Bagehot)
- "Não há médico igual à experiência." (Textos Islâmicos)
- "Não há nada tão fácil de aprender como a experiência, e nada tão difícil de aplicar." (Josh Billings)
- "Não se pode criar experiência. É preciso passar por ela." (Albert Camus)
- "Nossa experiência é composta mais de ilusões que de sabedoria adquirida." (Joseph Roux)
- "Para a maioria dos homens, a experiência é como as luzes da popa de um navio que só iluminam o sulco deixado atrás." (Samuel Taylor Coleridge)
- "Se a história se repete, e o inesperado sempre acontece, quão incapaz precisa o homem ser de aprender com a experiência?" (George Bernard Shaw)
- "Se você pudesse vender a sua experiência pelo preço que ela lhe custou, ficaria rico." (J. P. Morgan)
- "Um espinho de experiência vale toda a selva de avisos." (James Russel Lowell)
- "Uma experiência nunca é um fracasso, pois sempre vem demonstrar algo." (Thomas Edison)
- "A experiência deve ser avaliada duplamente, conforme faz subir a consciência do próprio valor ou em que medida a faz baixar." (Hugo von Hofmannsthal)
- "A experiência é a sabedoria que nos permite considerar velha e indesejável conhecida a loucura por nós cometida em outros tempos." (Ambrose Bierce)
- "A experiência é a verdadeira sabedoria das nações." (Napoleão Bonaparte)
- "A experiência é aquilo que lhe permite reconhecer um erro quando você o comete de novo." (Earl Wilson)
- "A experiência é um troféu composto por todas as armas que nos feriram." (Marco Aurélio)
- "A experiência é uma chama que só ilumina queimando." (Benito Pérez Galdós)
- "A experiência é uma coisa que você não consegue adquirir através do nada." (Oscar Wilde)
- "A experiência é uma escola onde são caras as lições." (Benjamin Franklin)
- "A experiência é uma lanterna dependurada nas costas que apenas ilumina o caminho já percorrido." (Confúcio)
- "A experiência ensina mais seguramente que o conselho." (André Gide)

- “A experiência ensina-nos a desconfiar de tudo, e muito especialmente de nós próprios.”
- “A experiência mantém uma preciosa escola, e os tolos não aprenderão em nenhuma outra.” (Benjamin Franklin)
- “A experiência mostra que os homens vão sempre para baixo, que é preciso corpos sólidos para contê-los.” (Jean-Paul Sartre)
- “A experiência não leva a conclusões universais.” (Thomas Hobbes)
- “A experiência não permite nunca atingir a certeza absoluta. Não devemos procurar obter mais que uma probabilidade.” (Bertrand Russell)
- “A experiência nunca falha, apenas as nossas opiniões falham, ao esperar da experiência aquilo que ela não é capaz de oferecer.” (Leonardo da Vinci)
- “A experiência nunca volta para nós a face que estamos à espera.” (François Mauriac)
- “Aprendemos com a experiência que os homens nunca aprendem com a experiência.” (George Bernard Shaw)
- “Aprender com a experiência dos outros é menos penoso do que aprender com a própria.” (José Saramago)
- “Eu aprendi que o perigo é relativamente pequeno, mas que a inexperiência pode funcionar como uma lupa.” (Charles Lindbergh)
- “Eu sempre achei que a experiência é uma faca de dois gumes; você evolui a partir dela, mas algumas vezes ela te fere. Somente uma coisa é certa: você sempre aprende com ela. E isso é o que realmente importa.” (Donald Trump)
- “Existirá alguém tão esperto que aprenda pela experiência dos outros?” (Voltaire)
- “Experiência é o nome que todo mundo dá aos próprios erros.” (Oscar Wilde)
- “Experiência não é o que acontece com você, mas o que você fez com o que lhe aconteceu.” (Aldous Huxley)
- “Há duas coisas que a experiência deve ensinar: a primeira é que é preciso corrigir muita coisa; a segunda é que não se deve corrigir demais.” (Eugène Delacroix)
- “Há uma coisa que é essencial a uma grande experiência: Uma natureza experimentadora.” (Walter Bagehot)
- “Não há nada tão fácil de aprender como a experiência, e nada tão difícil de aplicar.” (Josh Billings)
- “Não se pode criar experiência. É preciso passar por ela.” (Albert Camus)

- “Nossa experiência é composta mais de ilusões que de sabedoria adquirida.” (Joseph Roux)
- “Para a maioria dos homens, a experiência é como as luzes da popa de um navio que só iluminam o sulco deixado atrás.” (Samuel Taylor Coleridge)
- “Quando os escritores morrem, eles se transformam nos seus livros. O que, pensando bem, não deixa de ser uma forma interessante de reencarnação.” (Jorge Luis Borges)
- “Se a história se repete, e o inesperado sempre acontece, quão incapaz precisa o homem ser de aprender com a experiência?” (George Bernard Shaw)
- “Se você pudesse vender a sua experiência pelo preço que ela lhe custou, ficaria rico.” (J.P. Morgan)
- “Um espinho de experiência vale toda a selva de avisos.” (James Russell Lowell)

Experiência é o que se passa e acontece conosco, o que nos diz respeito e nos toca. A palavra experiência vem do latim ‘experiri’ - provar, experimentar. A experiência é, em primeiro lugar, um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é ‘periri’, que se encontra também em ‘periculum’ - perigo. A pessoa que se submete a uma experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele a prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião.

Assim, quando se faz uma experiência significa que algo nos acontece, nos atinge, se apodera de nós, contesta nossos conhecimentos, nos transforma.

O sujeito da experiência não um sujeito que permanece sempre em pé e seguro de si mesmo, mas, sim, um sujeito que perde suas resistências pela experiência que dele se apodera. Por outro lado, é também um sujeito sofredor, receptivo. Já uma pessoa que não se submete a experiências é sujeito firme, forte, inatingível, ativo, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade. Podemos ser assim transformados por experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. Portanto, a pessoa que se submete a uma experiência está aberta a sua própria transformação.

Podemos aprender algo ouvindo conselhos, lendo, freqüentando palestras, ou seja, aumentando nossa base de informações, entre elas, as experiências vividas por outras pessoas. Estas informações nos ajudam a impulsionar as ações. Entretanto, muitos preferem aprender com suas próprias experiências e erros. Suas escolhas tenderão a ser mais assertivas quando você adquire conhecimento e tem interesse sobre um determinado assunto. Seu

conhecimento teórico pode ser equilibrado através de conhecimentos reais de experiência vividas por outras pessoas, tornado-se uma ferramenta que o ajudará na atitude a ser tomada. Essa ferramenta é um recurso precioso para o desenvolvimento pessoal. Se você lembrar os erros cometidos ao longo da sua vida, sejam na família, no trabalho ou na vida pessoal, verificará que aprendeu muito com eles. Mas, é certo que você também pode aprender através da experiência do outro, sem repetir o mesmo erro. Essa é uma das formas de se utilizar a inteligência emocional.

Quando estiver diante de qualquer situação, procure aprender com as conseqüências de determinadas escolhas feitas por outras pessoas. A experiência de outras pessoas é preciosa. Aprender com ela é um tesouro. Aprender com a experiência do outro pode ser um fator diferencial em sua vida. Experimente! A experiência própria é a melhor professora, mas pode sair muito caro e exigir muito esforço se você estiver aprendendo somente com seus próprios erros. É bom aprender com o erro dos outros para não repetir seus equívocos. O arrependimento, apesar de trazer sofrimento, não mata, e é a partir dos erros que nasce o conhecimento de como acertar e tomar o melhor rumo. Você não precisa cometer todos os erros do mundo para aprender, uma vez que, às vezes, a experiência dos outros já é o suficiente para o seu aprendizado. Estudos mostram que aprendemos mais com os erros dos outros. Numa pesquisa da Universidade de Bristol, voluntários jogaram um game enquanto seus cérebros eram monitorados. Quando ganhavam o jogo, neurônios ligados ao aprendizado se acendiam, mas nada acontecia quando perdiam. Por outro lado, quando uma pessoa via outra jogar e perder, o cérebro dela acionava os mecanismos de aprendizado para não repetir os erros alheios.

Assim, iniciei uma pesquisa, perguntando para as pessoas: “O que você não faria novamente, se pudesse voltar no tempo?”. E obtive respostas das mais diversas, variando de situações cômicas, até as que se revestiram de verdadeiras tragédias. E estamos dividindo estes relatos com vocês, leitores, na expectativa que possam somar na ampliação da sua base de conhecimento e sua experiência de vida, possibilitando a tomada de decisões mais acertadas!

Este tesouro de experiência acumulada, talvez, nunca tenha sido explorado de forma adequada e em maior profundidade. E isto é natural, dentro do princípio que preferimos viver nossas próprias experiências. Tomar conhecimento destes testemunhos pode mudar a sua maneira de pensar, em especial, quanto se encontrar em situações semelhantes e estiver prestes a tomar decisões em sua vida e rever relacionamentos com as pessoas que o cercam e lhe são importantes!

É fundamental que você dê a devida importância para tais experiências, uma vez que estes relatos retratam casos reais vividos por pessoas que se dispuseram a colaborar com este trabalho, repassando experiências adquiridas, muitas vezes, com grandes sofrimentos, prejuízos, danos morais, mágoas, frustrações, fracassos e tantos outros sentimentos, no decorrer de um período longo de suas vidas.

São 100 experiências de vida que podem ‘abrir seus olhos’ quando estiver em situação semelhante, provocando maiores análises e considerações dos fatos e circunstâncias, antes de tomar decisões! Saiba aproveitar este ‘Tesouro de Experiência Real de Vida’!

Você olhará para seus pais, sua esposa, seus filhos, seus irmãos, seus parentes, seus amigos, seu emprego, sua opção de carreira, sua igreja, seus hobbies, seu planejamento de futuro, seus valores pessoais, entre outros aspectos de sua vida, com novos olhos, aguçados sob um prisma complementar, após a leitura deste livro! E o que é mais importante - a tempo de refletir e rever conceitos para não cometer erros irreparáveis no tempo ou apurar as análises e a qualidade de suas decisões ao seguir em frente.

Os relatos mais comuns foram:

1.º - Pessoas que deram foco exclusivo em sua carreira profissional, negligenciando as relações e a interação com a família, amigos e parentes e ficaram frustrados em muitos aspectos: na educação e formação de seus filhos; no relacionamento com a esposa; na ausência nos momentos mais importantes da família; no esquecimento de parentes distantes; no abandono das amizades.

2º - Pessoas que não curtiram seus pais quando podiam e, quando eles se foram, restou a triste sensação de ‘ficar devendo’ para eles, tardiamente. Devendo aquela viagem que eles tanto sonhavam; aqueles passeios no parque de mãos dadas, ajudando-os caminhar; aqueles almoços aos domingos, onde a velha mãe esperava com a macarronada pronta e a comeu sozinho com o velho pai; aquela ida aos médicos e hospitais, procurando dar apoio e assistência nesses momentos difíceis; aquela atenção quando tentaram mostrar suas fotos antigas.

3º - Pessoas que tiveram grandes prejuízos, arriscando-se em negócios próprios, sem experiência e sem o levantamento de informações mínimas e básicas antes de investir. Estas pessoas arriscaram seu patrimônio, ou parte importante dele, abandonaram carreiras bem sucedidas, no sonho maior de

uma independência econômica e financeira ou mais autonomia. Ou, simplesmente, acreditando em um projeto de vida onde pudessem encontrar uma maior realização profissional.

4.º - Pessoas que relataram casamentos mal sucedidos em decorrência de erros básicos na escolha do marido, principalmente, ou esposa, e se viram diante de uma vida conjugal frustrante e infeliz, com alguns mantendo a situação em razão dos filhos do casal. Outros, optaram pelo rompimento do vínculo conjugal e partiram para novas vidas.

5.º - Pessoas que não se realizaram profissionalmente por falta de uma carreira planejada. Assim, deixaram que o acaso de ofertas emprego e outras oportunidades profissionais selassem o seu 'destino profissional'. Assim, exercem suas atividades profissionais com certa frustração e falta de motivação.

6.º - Pessoas que não estabeleceram uma filosofia de vida ou estabeleceram uma filosofia de vida que no tempo mostrou-se errada e não apropriada. Como exemplos, temos relatos de erros na educação e criação de filhos; aplicação de recursos financeiros; relacionamentos com parentes e amigos; arrependimentos por não ter estudado quando mais jovens, deixando que os compromissos de trabalho e família não liberassem o tempo adequado para o estudo; foco em prioridades erradas; relacionamentos amorosos desastrosos; não aprimoramento de hábitos e comportamentos que levou a problemas em família, no trabalho e relacionamentos sociais; vícios que dominaram a vontade e trouxeram desgraças e comprometimentos pessoais; falta de previdência e não planejamento da aposentadoria; descuido com as condições de saúde e preparo físico; exposição desnecessária a perigos; isolamento da vida espiritual e religiosa; manutenção de situações extraconjugais; não aproveitamento de oportunidades únicas de mudança de vida; hesitação na tomada de decisões importantes que comprometeram a carreira ou a vida conjugal. Entre, alguns outros relatos.

Em vista de casos semelhantes ou assemelhados, os relatos de 500 pessoas foram retratados em 100 eventos, descritos abaixo. Quanto ao perfil das pessoas que enviaram contribuições, a maioria tem curso superior e idade acima de 40 anos.

01 - Iniciei um empreendimento na base do amadorismo, perdi muito dinheiro...

A ideia se originou nas pescarias que eu fazia com um grupo de amigos no Mato Grosso do Sul. Quase todos os trimestres, nós reservamos uma

semana para pescar e relaxar. E acampávamos próximo do rio. Íamos de Kombi e o rio ficava no final de uma ribanceira, mais ou menos 300 metros de onde montamos o acampamento. Quem é pescador sabe que nestas horas temos que carregar um monte de coisas para uma boa pescaria. E tínhamos um problema para levar tantos sacos plásticos com tudo que precisávamos. Assim, eu bolei um suporte para carregar vários sacos de uma só vez. Era uma peça simples, constituída de um pedaço de cabo de vassoura, com ganchos aparafusados. Cada suporte levava 8 sacos plásticos. Assim, um único homem podia levar 16 sacos plásticos, usando as duas mãos. Meus amigos pescadores acharam a ideia genial e começaram a me incentivar para que eu fabricasse algo parecido para oferecer aos supermercados. Eles me convenceram que era uma ideia promissora e que eu poderia até ficar rico. Afinal de contas, qual supermercado não gostaria de oferecer às suas clientes um brinde tão genial? Eu me empolguei com a ideia. E, sem maiores preocupações, vendi minha casa, comprei duas injetoras de plásticos e passei a fabricar os suportes de plásticos, uma espécie de cabide grande com vários ganchos para pendurar os sacos plásticos. Eu estava eufórico e realizado. Porém, as coisas não saíram como eu pensava. Poucos e pequenos comerciantes se interessaram pelo produto. Acabei sem minha casa, vendi as injetoras de plásticos por um preço bem inferior ao que paguei, sai desta malfadada empreitada falido e com grande prejuízo.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... seria tão ingênuo de acreditar que uma ideia assim poderia ser levada adiante sem uma análise de mercado aprofundada e sem ouvir consultores de negócios. Se eu tivesse, no mínimo, perguntado aos donos de supermercados se eles estavam sentindo a necessidade de um produto assim e se comprariam um produto assim, eu já teria uma resposta aos meus planos de me tornar um empresário e não teria sofrido tantos prejuízos e frustrações pelo fracasso.

2 - ‘Casar’ com homem casado foi a maior furada de minha vida...

Eu era uma jovem estudante de Direito, carreira esta que escolhi de coração e de vocação. Ainda como universitária, atendi a um anúncio para Estagiária de Direito em uma grande empresa. E foi na entrevista que eu conheci o Diretor Jurídico, um homem maduro para a minha idade. Ele me impressionou deste o primeiro minuto de minha entrevista. E, decorrido apenas oito meses de minha contratação, eu estava envolvida com ele. Ele era casado e, em nenhum momento, conversamos sobre casamento e a separação dele da esposa. Eu estava assumida e consciente de minha posição de amante. Na verdade, eu acreditava que este romance duraria alguns anos apenas. Mas, durou toda uma vida. Foram mais de 40 anos nesta situação. Mas, o que era emocionante no começo, com o tempo se mostrou uma

experiência das mais tristes de minha vida. Eu acabei fazendo uma opção pela solidão. O tempo que ele dedicava a mim era cada vez menor. Com o falecimento de meus pais, fiquei sozinha. Assim, amarguei anos a fio passando o Natal, Primeiro de Ano, aniversário, Páscoa, férias, entre outras situações importantes para vida de uma pessoa, sozinha. Ficamos velhos juntos, ele morreu primeiro. E hoje me restou a solidão e sequer eu curto boas memórias desta minha infeliz decisão em minha vida.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me envolvido com um homem casado, definitivamente. Quem sabe não poderia ter constituído uma família, encontrado um marido parceiro e companheiro, ter tido filhos que agora me amparariam na minha velhice. Mas, agora é tarde demais.

3 - O ciúme doentio me fez perder o melhor dos maridos...

Eu sempre fui muito ciumenta. Sei que ciúme decorre de insegurança, principalmente, Li tudo a respeito, eu conversei com psicóloga, procurei me corrigir. Mas, em vão! Este monstinho sempre me perseguiu. Meu namorado já sofria com minhas crises de ciúme. Era uma excelente pessoa e este namorado tornou-se meu marido. Mas, possuída pelo ciúme, eu tinha como hábito revirar suas gavetas, revistar os bolsos de suas calças e paletós, sua pasta de trabalho, procurando provas de traição. Tinha ciúme de seus amigos e amigas e não dormia enquanto ele não chegasse em casa. Exigia que ele me ligasse quando chegasse ao trabalho ou quando dele saía. Eu não poupava nem seus pais, principalmente, sua mãe, minha sogra exemplar. Era tanto ciúme que eu passei a viver grudada no meu marido. Eu esqueci todas minhas amigas e meu mundo girava em torno dele. E olha que não faltaram conselhos de meus pais! Se numa festa eu via meu marido conversando com outra moça, eu interferia e me apresentava como sua esposa. Deixá-lo ir sozinho a um jogo de futebol com os amigos ou tomar um chope em uma comemoração com colegas de trabalho, nem pensar. Durante os três primeiros anos de casamento ele foi paciente comigo. O casamento acabou por iniciativa dele. Ele agora namora outra mulher. Perdi um grande homem e um grande marido. Mas, a amargura serviu para eu aprender a me controlar. Percebi o quanto as minhas atitudes eram infantis. Tardamente, percebi que você não consegue controlar ninguém com ciúme. Na verdade, fiquei esperando nos anos seguintes que ele, ainda, me procurasse e reatasse comigo.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria perdido um homem como meu marido, controlaria melhor o meu ciúme. Aprendi que não adianta ficar controlando horário, telefone, e-mail. Se for para acontecer a traição, vai acontecer de qualquer jeito, independentemente de marcação ferrenha.

Para mim, hoje, a maior vacina contra esse doença da alma é a confiança. Nada melhor do que o coração em paz para poder curtir plenamente os relacionamentos.

4 - Um endividamento ao extremo me levou ao desespero...

Como Assistente Financeira, meu trabalho é lidar com dinheiro, conciliando contas e cobrando dívidas e pagamentos atrasados. Paradoxalmente, isso não impediu que eu experimentasse o outro lado da moeda: eu passei a receber cobranças. Eu perdi meu emprego e consegui outro, porém, com um salário equivalente a um terço do anterior. No mesmo ano, minha mãe, com quem morava, morreu. Ela fazia bolos, doces e salgados para festas, além de receber aposentadoria. Assim, as três fontes de renda se resumiram em uma. Procurando ignorar esta situação, continuei mantendo o mesmo estilo e nível de vida, ou seja, o mesmo nível de gastos. No começo, eu bancava todas as despesas com uma poupança que tinha acumulado. A poupança acabou e minhas dívidas começaram a se acumular. Negociações com o banco começaram, junto com uma bola de neve de dívidas. Como o banco não me emprestava mais dinheiro, abri outra conta e logo estava devendo mais ainda. Endividada, comecei a passar mal de ansiedade. Perdi noites de sono, meu apetite diminuía. Como pagar as dívidas tornou-se um tormento em minha cabeça. Assumi novas dívidas com cartões de crédito, mas não mudei o meu padrão de consumo. Eu pensava que deveria continuar me divertindo, já que minha situação não tinha jeito mesmo. Cheguei ao fundo do poço, pensei até em suicídio. Foi quando eu tomei uma decisão - ou eu corrijo esta situação ou vou morrer! Optei pela vida. Cancelei os meus cartões de crédito, reduzi meu limite de saque no banco e cortei despesas que não imaginara cortar antes, como o identificador de chamadas no telefone fixo, racionalização no uso água, luz e energia, TV a cabo e muitas outras. E nada de programas de lazer, apenas passeios que nada custavam. O almoço em casa foi substituído por marmita, para poupar gasolina. Mas, acima de tudo, aceitei que não poderia continuar vivendo como se tivesse um dinheiro que não tinha mais.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria entrado nesta paranóia de dívidas. Isto tirou minha paz, prejudicou minha carreira e quase me matou. Nunca mais vou entrar no vermelho. Aprendi que o padrão e estilo de vida devem acompanhar ou ser inferior a renda.

5 - Uma balada irresponsável se transformou em tragédia...

Eu comemorava o meu aniversário de 18 anos e estava em uma festa com os amigos. Entre o amontoado de copos, alguém lançou a idéia: “Vamos continuar esta balada na praia?”. Talvez, até não haveria problema se o meu

carro estivesse em boas condições de rodar e se o pessoal não estivesse chapado e cansado. Já era bem tarde e saímos às 4 horas da manhã. O carro estava sendo reformado, não tinha retrovisor e vidros. O estepe? Ficou em algum lugar no meio do caminho. O carro parou com problemas por duas vezes, demos um jeito e seguimos em frente. E aconteceu o pior. Na descida da Rodovia dos Imigrantes, o carro ficou sem freio e começamos a descer sem controle e sem direção. O carro somente parou quando se chocou em uma enorme pedra, já fora da estrada. Todos se feriram, um de meus amigos mais gravemente. Ele teve traumatismo na coluna e ficou paralítico. Nossos pais de nada sabiam e estavam desesperados quanto ao nosso paradeiro, até que a Polícia Rodoviária deu a notícia sobre o acidente.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... me deixaria levar pelo embalo de amigos chapados e eufóricos. Fui irresponsável. Não morri, aprendi. Mas, até hoje me sinto culpado pelo acidente como um de meus melhores amigos que agora tem uma vida seriamente prejudicada e alterada. Nunca mais entrei numa dessa.

6 - Casamentos, um atrás do outro, quase me levaram à insanidade...

Relacionamentos amorosos um atrás do outro, com dedicação exclusiva, crises de ciúme e possessividade, vício do álcool e baixa autoestima, foram os ingredientes da bomba que construí para minha vida aos 16 anos. Nesta idade me casei e foi um casamento desastroso. Passei a viver uma vida a dois de brigas e confusão. Eu tive um ‘amor cego’ por um homem de 30 anos e saí de casa para me casar e viver com ele uma louca paixão. Três anos depois, o casamento acabou. Mas, eu embalei um novo relacionamento em menos de uma semana depois. Eu nunca entendi muito bem este meu sentido de urgência para me unir a outra pessoa. Talvez, um descontrole emocional que destruiu minha vida. Era como um verdadeiro vício e eu me via compelida a fazer tudo por amor, negligenciar minha vida e dedicar-me exclusivamente a cada relacionamento amoroso. E fiz isto - era um casamento seguido do outro. Uma boa parte de minha juventude eu não fiquei nem uma semana solteira. Perdi muitos trabalhos e oportunidades, a família se afastou de mim e assim o fez meus amigos. A paixão me deixava selvagem e fora do sistema social. E acho que tinha perdido minha sanidade e achava divertida esta sensação. Larguei a faculdade, não tinha ânimo para procurar trabalho, fui fazer terapia. Era uma mulher carente, uma adolescente que sequer conseguia dormir sozinha.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... me deixaria envolver tão cedo por relacionamentos amorosos sérios, muito menos ainda por casamentos. Eu escolheria ser uma mulher feliz e solteira, daria um maior foco em meu

trabalho, procuraria conquistas e realizações na minha vida. Procuraria alento na simplicidade da vida, nos prazeres que ela oferece, controlaria a tentação de outros relacionamentos semelhantes que bateram à minha porta.

7 - Um nome comum dado a um filho ocasionou-lhe problemas por toda uma vida...

E olha que eu já estou nos meus 75 anos. Mas, acompanhei durante toda a minha vida os problemas que o nome dado a meu filho lhe causou. É um nome simples, combinando dois nomes de santos e o nome da família, também, muito comum. Quando ele foi para escola, em sua classe já encontrou outro menino com o mesmo nome e ele achou isto engraçado. Mas, ao longo de sua vida, o que parecia engraçado lhe trouxe muitos contratempos. Com o mesmo nome dele tinha um grande número de pessoas, ou seja, homônimos. E uma parte expressiva destas pessoas era formada por caloteiros, golpistas, falsários, entre outros comportamentos criminosos. E, assim, foram inúmeras ocorrências em que estes homônimos trouxeram problemas para o meu filho: na abertura de crédito, na aplicação a uma vaga de emprego, na obtenção e renovação de documentos. Um dia, ela viajava para os Estados Unidos e, quando passou pela Polícia Federal, foi detido e levado para uma sala dentro do aeroporto, onde foi interrogado. E foi uma tarefa muito árdua convencer as autoridades que ele não era a mesma pessoa que abrira uma empresa fantasma no Rio de Janeiro para comprar a prazo mercadorias, que não pagava, e vendê-las à vista, a preços tentadores. O fato de ter nascido no Rio de Janeiro, atrapalhou ainda mais este episódio. E, por inúmeras vezes, ele teve que fazer declaração à praça, com elevados ônus, que ele não era a pessoa com problemas na justiça, que se tratava de homônimo. O ônus da prova compete sempre ao cidadão honesto. Ele chegou a ponto de não gostar de seu nome, o que para um pai é triste.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... daria um nome muito comum a um filho meu. Eu acrescentaria outros nomes para tornar a existência de um eventual homônimo muito improvável. Foi um presente de batismo que, sinceramente, eu não esperava causar tantos problemas ao meu querido filho. Ao invés de chamá-lo João Antônio da Silva, eu o chamaria João Antonio Le Claire Valentin da Silva.

8 - Uma excursão para países da Europa se transformou em um pesadelo para mim...

Ah! Viajar para a Europa era uma sonho que eu nutria desde criança. Meu pai era da Itália e minha mãe de Portugal. Assim, a Europa sempre me

chamou a atenção, não somente por minhas raízes, mas ser o berço da cultura mundial. Quando comecei a trabalhar, eu já planejava esta tão sonhada viagem, poupando tudo o que podia do meu salário, que já não era muito. Alguns anos foram necessários de economia e sacrifícios para eu me aproximar do valor que eu precisava. Um financiamento da parte restante por doze meses viabilizariam a viagem e a realização do sonho. E, chegou a hora. Eu escolhi uma excursão que me faria conhecer a França, Portugal, Itália, Espanha e Alemanha. Isto tudo em 10 dias, já incluindo a viagem de ida e de volta. Arrumada a bagagem com carinho, lá fui eu pegar o ônibus da empresa de turismo rumo ao aeroporto de Cumbica. Entretanto, já na Europa, uma realidade que eu não conhecia se apresentou para mim. O itinerário da excursão incluiu muitos países em muito pouco tempo. Assim, fiquei mais presa dentro de aeroportos, ônibus e hotéis do que conhecendo os lugares, que pensava poder conhecer, nestes países. E da janela do ônibus eu ouvia o guia falar: aqui é o museu do Louvre, aqui é a Torre Eiffel, esse é o coliseu de Roma, este é o Castelo de Guimarães. Eram muito poucas horas para conhecer estes lugares turísticos. Eu enjoei de arrumar e desarrumar a mala! Isto sem contar das paradas para compras em lojas que, diziam alguns, eram lojas que davam comissão aos monitores. Lá, o tempo de parada era maior. Bem, desta minha viagem restaram algumas poucas fotos, alguns souvenirs e, o que é pior, as prestações para pagar. Hoje eu tenho até vergonha de dizer que visitei estes países e evito falar desta minha frustrada excursão para evitar perguntas embaraçosas.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... programaria conhecer a Europa através de uma excursão a vários países e em tão pouco tempo. Ao invés disto, eu programaria visitar dois países com mais tempo, conhecer e andar por seus museus, visitar pontos históricos, relaxar, tomar uma refeição com calma procurando conhecer os hábitos dos habitantes locais. Na volta, com certeza, eu poderia dizer: Conheci a Itália e Portugal!

9 - Investir demais em sítio de lazer me trouxe grandes e irrecuperáveis prejuízos...

Dizem que sítio de lazer são duas alegrias, uma na hora da compra e outra na hora da venda. Mas, sinceramente, este não foi o meu caso. Eu sempre gostei de ter contato com a natureza, plantar árvores, observar pássaros e animais silvestres. E ter um sítio de lazer me oferecia esta oportunidade. Comprei o primeiro, depois o segundo, maior e melhor localizado. E me dedicar a construir no sítio o paraíso que não encontrava na cidade grande foi muito gratificante para mim e me ajudou a viver com entusiasmo por mais de trinta anos. E eu não parava de inventar coisas para melhorar, cada vez mais, meu cantinho ecológico. Construí galinheiro, canil, viveiros, trilhas

pavimentadas, reformei a casa três vezes, fiz churrasqueira, quadra de esporte, oficina, piscina, praça, isto para citar o mais importante. Mal acaba um projeto e pensava em outro. Era como um vício, uma mania. Mas, à medida que eu preenchia a minha necessidade de criatividade, eu investi muito dinheiro nestes projetos. Bem, envelheci, me aposentei, ganhei mais experiência. A família passou a não frequentar mais meu sítio. Os filhos se casaram, tiveram seus próprios filhos e cuidaram de suas vidas. O sítio foi ficando uma lembrança do passado. Sem uma utilização mínima, o custo x benefício de manter o sítio ficou desequilibrado e resolvi vender. Aí eu tive uma grande surpresa. Tudo aquilo que eu tinha gasto e construído não tinha valor comercial! De um preço inicial que julgava adequado para cobrir uma parte de tudo o que gastei, tive que baixá-lo várias vezes até viabilizar a venda. O prejuízo foi enorme em termos de investimentos não recuperados. Não recuperei nem 1/3 do total que gastei.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... compraria um sítio de lazer. Ao contrário, eu compraria uma área de proteção natural, manteria a mata intacta, contrataria um caseiro de baixo custo para vigiar o lugar e fazer algumas trilhas para eu passear, construiria somente uma cabana simples e deixaria a natureza cuidar, como somente ela bem sabe fazer, das plantas, dos córregos de águas claras, das flores, dos pássaros e dos animais silvestres. Eu teria gasto muito menos dinheiro, ficaria mais próximo da verdadeira natureza e teria dado uma contribuição muito mais efetiva à ecologia e ao meio ambiente. Mesmo com baixa utilização, este lugar estaria cumprindo sua missão.

#10 - O hobby de aquário em casa se transformou em uma estressante amolação...

As crianças eram pequenas quando ganharam na escola, cada uma delas, um peixinho vermelho dentro de um saco plástico com água. E vieram entusiasmadas para casa com os dois peixinhos. Para abrigá-los, eu comprei um pequeno aquário para alegria dos peixinhos e dos meus dois filhos. As crianças jogavam pedaços de miolo de pão e eu comprei uma ração própria para os peixinhos. E ficávamos maravilhados com estes simpáticos peixinhos, admirando sua capacidade de respirar dentro da água. E esta alegria das crianças me motivou a entrar neste hobby com toda minha capacidade de tempo e dinheiro. Assim, comprei um aquário maior, depois de algum tempo outro maior ainda e mais para frente um verdadeiro aquário. Ele tomava uma boa parte da sala e tinha de tudo que se podia imaginar para um aquário bonito - pedras, areias, respiradouros, sereias e outros bonequinhos, roda d'água, filtros, esconderijos, iluminação. Realmente, era um aquário que chamava a atenção de todos. E os leibistes,

poecilia endlers, platis, espadas, molinésias, colisas, tricogasters, beijadores, entre outras espécies, viviam brincando, brigando, namorando dentro deste mundo aquático que criei dentro de casa. E todos os sábados de manhã eu tinha uma ocupação – esvaziar o aquário, limpar os vidros, a areia, as pedras, os enfeites, acomodar os peixinhos em baldes separados. Meus filhos cresciam e eu continuava investir todos os meus sábados na parte da manhã neste hobby, que se tornou uma tarefa, que se tornou um compromisso, que se tornou uma amolação! Meus filhos já não notavam mais seus amigos submersos, se interessando mais pelos jogos eletrônicos e outras brincadeiras. Às vezes, eu pensava em me desfazer de tudo e aproveitar as manhãs ensolaradas destes meus sábados para passear, jogar bola, caminhar. Mas, eu sentia uma responsabilidade sobre cada um destes pequenos seres. Eles já me conheciam, se dirigiam a mim quando eu me aproximava do vidro. Eles tinham até nomes! Cheguei quase a um esgotamento nervoso por causa deste hobby. Quando a semana de trabalho terminava eu ficava estressado antecipadamente ao imaginar o que me esperava sábado de manhã. Com muita tristeza, um dia peguei todos os peixinhos, com aquário e seus pertences, levei na loja de um japonês que atuava no ramo e simplesmente dei tudo. Por muitos meses me senti egoísta e fiquei mal comigo mesmo. Levou muito tempo para eu esquecer este meu hobby e os peixinhos pelos quais desenvolvi grande carinho e ‘amizade’.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me deixado levar pelo excesso de entusiasmo, teria me controlado mais, ficado no pequeno aquário dos dois peixinhos vermelhos dados pela escola. Aprendi que alguns hobbies consomem muito tempo e, o que é para ser uma distração, acaba virando um vício, um tormento. Coincidência ou não, eu nunca mais me interessei por nenhum outro hobby.

11 – Fazer dieta e regime me fez perder deliciosos momentos em minha vida...

Eu sou jovem, meus amigos sempre dizem que eu sou bonita e tenho um corpo que chama a atenção. Mas, venho de uma família de pessoas, digamos ‘fortinhas’. Minha avó é ‘fortinha’, minha mãe é ‘fortinha’, minhas tias são ‘fortinhas’. Não tinha como eu não ser ‘fortinha’ também. Gorda? Não! Eu prefiro falar que sou ‘fortinha’. Mas, quando entrei na adolescência comecei a me interessar por tudo quanto era tipo de regime alimentar e dieta. Felizmente, não ousei em tomar remédios. E os sacrifícios foram enormes. Foram dezenas de festas e eventos sociais onde deliciosas comidas foram servidas que eu tive que me abster. Isto sem falar dos ‘happy hours’ com meus amigos, onde irresistíveis petiscos eram servidos e eu me limitava a alguns pedaços de pickles e azeitonas. E passei a ser considerada por eles

como ‘a chata do grupo’. E o pior é que o meu peso pouco reduzia. O custo x benefício destas dietas e regimes começaram a me deixar frustrada e infeliz. Digamos, que quase cheguei a ter problemas psicológicos. Comecei a me achar ‘fortinha demais’, acreditando até que eu, realmente, era uma gorda! Isto durou seis longos anos. Passei minha adolescência e parte de minha juventude com esta neura de dieta e regime. Quase perdi a confiança em mim. Entretanto, nunca tive dificuldades de me relacionar e encontrar garotos interessados em mim. Nunca, nenhum deles, se dirigiu a mim como uma moça ‘fortinha demais’. Ao contrário, minha fama era de ser uma jovem ‘poderosa’ em termos de corpo. Chegou um dia que disse: “Basta!”. Parei com todas as dietas e regimes e comecei a me alimentar de acordo com o meu paladar e vontades. Claro que aprendi a não exagerar. Talvez, esta foi a única vantagem de me interessar por dietas e regimes.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... entraria nesta neura de dietas e regimes, principalmente nesta fase tão bonita, importante e irreversível de minha vida. Quantas delícias eu deixei de experimentar, quantos ‘happy hours’ com meus amigos deixei de curtir integralmente, me policiando o tempo todo. Agora, estou com o mesmo peso, continuei ‘fortinha’, mais feliz. Dieta e regime nunca mais!

12 - Afastei-me dos amigos e experimentei o gosto amargo da solidão...

Quando jovem eu sempre gostei de ter muitos amigos. Minha casa estava sempre cheia e em festas animadas por eles. No começo de casado, ainda mantive a maioria de minhas amizades de juventude e fiz outras, de acordo com minha nova realidade. Entretanto, as obrigações do casamento, o nascimento dos filhos, os estudos à noite, me fizeram dar um foco de comprometimento na minha carreira. E, assim, o tempo foi passando e eu comecei a me esquivar e recusar os encontros que normalmente mantinha com os meus amigos. E eles foram reduzindo em número cada vez mais, até que eu me vi em uma situação onde os colegas de trabalho eram os amigos que eu considerava. E com eles até mantinha alguns relacionamentos fora do trabalho, como convites e participações em festas de aniversário, churrascos de confraternização. Mas, à medida que minhas responsabilidades profissionais se elevavam, nem estes contatos fora do trabalho eu mantinha com os meus colegas. Envelheci, me aposentei. Percebi que aquelas amizades com colegas de trabalho não tinham profundidade. Quando você sai da empresa alguns poucos ou nenhum continuam mantendo uma amizade e podem ser chamados de ‘amigos’ ao invés de ‘colegas de trabalho’. E é neste período de aposentadoria que eu sinto falta de todos os meus amigos Mas, perdi o contato. Muitos casaram, se separaram, tiveram filhos, mudaram do estado e até do Brasil. Agora, eu fico procurando

desenvolver novas amizades, mas percebo que não será uma tarefa muito fácil.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria perdido o contato com os meus amigos de juventude, pelo menos, com a maioria deles. Descobri que as amizades do trabalho não são duradouras e eu poderia ter crescido e envelhecido juntamente com os meus amigos de juventude, acompanhado suas vidas, talvez me transformado em padrinho de casamento de vários deles ou padrinho de batismo de alguns de seus filhos. Agora, velho e aposentado, procuro pessoas para conversar, procuro fazer novas amizades, mas sei que não será uma tarefa fácil.

13 - Isolei-me de parentes e perdi meus laços de família de forma irrecuperável...

No meu tempo de infância e adolescência eu mantinha um invejável relacionamento com meus primos, meus avôs e meus tios, tanto do lado do meu pai, como de minha mãe. Eram comuns os encontros de domingo, com revezamento da macarronada nas casas. Com meus primos eu saía para passear, paquerar e jurávamos nunca nos afastar. Crescemos, entramos na juventude, mas conseguimos manter este bom nível de relacionamento. Porém, após o casamento e nascimento dos filhos, eu me transformei com relação a estas amizades com meus parentes mais próximos. O foco na família, a concentração na educação e lazer das crianças, acabaram com as macarronadas aos domingos. Os encontros ficaram cada vez mais raros e a família passou a se reunir em cerimônias de casamento e em velórios. E nestas ocasiões, ainda tentávamos marcar os encontros, com aquelas frases: “Você está sumido! Apareça lá em casa, mas apareça mesmo!”. E estes agendamentos ficavam somente nas promessas. O tempo passou, meus filhos cresceram, se casaram, tiveram seus próprios filhos e cuidaram da vida. Eu e minha esposa envelhecemos, eu me aposentei. Agora ficamos, nos intervalos entre uma viagem ou outra, esperando os filhos aparecerem com os netos. Mas, isto nem sempre acontece. Achamos que deveríamos procurar por aqueles primos, tios e avôs do nosso tempo de juventude e início de casamento. Na verdade, as visitas aos nossos avôs aconteciam, apesar da pouca frequência. Mas, com relação aos primos e tios não tivemos mais contatos. Quando fui procurar por eles os laços de relacionamentos já não existiam mais. Além disto, alguns tinham morrido, outros estavam seriamente doentes.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria perdido os laços de amizade e relacionamentos com os meus primos e tios, tão fortes no tempo de juventude. Teria visitado mais os meus avôs. Acompanharia melhor a vida

deles, deixando os laços de sangue se fortalecer. Mas, é um arrependimento que não tem volta. Consegui resgatar somente alguns poucos relacionamentos, porém sem aquela profundidade dos tempos de outrora.

14 - Perdi a oportunidade de fazer intercâmbio de estudante no momento certo...

Jovem universitário, eu não via a hora de me formar e me lançar ao trabalho. Tinha muitos planos, queria comprar muitas coisas, realizar muitos sonhos. Eu era estudante de Engenharia Mecânica. Ao contrário, alguns amigos não tinham tanta pressa. Eles pensavam em ampliar os estudos um pouco mais, antes de pensar em trabalho. Achavam que, assim, teriam maiores e melhores oportunidades. Alguns deles, fizeram intercâmbio de estudantes no exterior. Através deste intercâmbio puderam visitar centros de pesquisas, museus e empresas na área de engenharia mecânica, além de estudarem e aprenderem o idioma inglês, que era o objetivo maior do intercâmbio. Eu não fiz isto e logo estava contratado como Trainee de uma empresa automobilística, sendo efetivado para uma função de média liderança. Começara meu trabalho e, conseqüentemente, a falta de tempo para estudos adicionais. E fui muito demandado pela empresa para aprender, um pouco tardiamente, o idioma inglês. O fato de não dominar este idioma me prejudicava em minhas oportunidades de carreira e no próprio desempenho de minhas funções.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me lançado imediatamente no mercado de trabalho. Sem dúvida, teria feito um intercâmbio de estudante para poder conhecer a cultura de um país diferente, adquirir novos conhecimentos na minha área e, além disto, teria regressado com um excelente domínio do idioma inglês.

15 - Planejei mal meus recursos para a aposentadoria, comprometendo meu futuro...

Sim, há algo muito importante que me arrependo na vida. Quando comecei a trabalhar como profissional liberal, eu era um jovem de 22 anos. Eu me formara médico-veterinário e estava pronto para iniciar minha carreira e ganhar meu próprio dinheiro. Eram tantos os sonhos acumulados, que me lancei no trabalho com grande dedicação e uma carga horária acima do normal. O tempo passou e eu consegui acumular certo patrimônio. Mas, este patrimônio, na maioria, refere-se aos imóveis e instalações de minha clínica veterinária. Ou seja, eu não tinha formado, além do INSS, uma renda que me deixasse sentir seguro quanto a uma futura aposentadoria. Hoje, após 25 anos de trabalho, eu sinto que poderia ter planejando melhor esta

fase da vida que a gente nunca pensa que chegará. Mas, ela chega bem mais rápido do que se imagina. Claro que estou formando uma poupança para complementar o valor estimado de minha aposentadoria pelo INSS. Mas, poderia ter sido melhor.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido tão descuidado com o meu planejamento financeiro para a fase de aposentadoria e teria feito um plano de previdência privada. Hoje, eu já estaria com 25 anos de contribuições e poderia me aposentar com mais segurança e até mais cedo. Imperdoável de minha parte.

16 - Preocupe-me tanto com o futuro que deixei de viver o presente intensamente...

Eu sempre me lembro de meu pai como um homem muito preocupado com o futuro da família e ele norteou sua vida procurando assegurar que este futuro pudesse ser garantido e tranquilo. Talvez, eu tenha herdado parte deste comportamento de meu pai. Assim, eu vivi preocupado com o meu futuro muitos anos de minha vida, apesar de não ter filhos. Quando não se está relaxado e confiante com relação ao futuro, os problemas do dia a dia parecem maiores do que verdadeiramente o são. Bem, eu não deixei de viver e ter os meus momentos felizes. Mas, confesso que esta excessiva preocupação com relação ao futuro me fez ver problemas que não existiam, temores que não ameaçavam, inseguranças que não se fundamentaram.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me preocupado tanto com o futuro e teria vivido mais os momentos do presente de minha vida. Muitas coisas que me preocupe se resolveram sozinhas e de uma maneira que não esperava.

17 - Não fiz uma escolha certa da cidade para exercer minha profissão...

Eu sempre estive envolvido com animais e assuntos da natureza. Quando pequeno, eu morava em uma chácara e tinha os mais variados tipos de animais, como tartaruga, coelhos, cabras, galinhas, patos, cachorros, gatos. Eu acompanhava as árvores do quintal da chácara e ficava maravilhado quando de uma flor nascia um fruto e com uma bananeira que explodia uma flor enorme vermelha e, escondidas em suas pétalas, estavam dezenas de pencas de banana. Quando descobria um ninho de passarinho, acompanhava a evolução deste a postura dos ovos até o nascimento dos filhotes. Formei-me em Fisioterapia. Mas, sentia que devia ter como missão atividades de proteção e preservação da natureza e sua rica fauna e flora. Formado, montei minha clínica de fisioterapia em uma cidade do interior de

São Paulo. Fui bem sucedido e bem acolhido por esta cidade que considero como a minha cidade natal. Mas, os lugares onde eu pudesse realizar a missão que me propus de dar uma contribuição em prol da natureza ficavam afastados desta minha querida cidade. E isto tem me dificultado nas minhas ações de ecologista.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido tão precipitado na escolha da cidade para montar minha clínica de fisioterapia. Escolheria uma cidade estrategicamente localizada e de fácil acesso a parques naturais e, ao mesmo tempo, com boas condições de trabalhar na minha profissão com sucesso e qualidade.

18 - Afastei-me da igreja e senti quanto isto foi prejudicial à minha família...

Meus pais, infelizmente, não nos acostumaram a frequentar missas. Eles eram comerciantes e trabalhavam dia e noite para garantir o sustento e suprir as necessidades de uma numerosa família. Mas, quando completei nove anos, a minha escola, em conjunto com a Igreja São Judas Tadeu, organizou a primeira comunhão de nossa turma. Antes desta cerimônia, a classe tinha que participar de aulas de catecismo que se realizavam no salão paroquial, junto com dezenas de outras crianças. As aulas eram ministradas pelo rigoroso e inclemente padre Clemente. Era um padre de expressões sérias, falava alto e tomava o catecismo com muito rigor. Após as aulas de catecismo, a igreja passava filmes, geralmente de Tarzan, Nyoka (uma Tarzan feminina) e O Gordo e o Magro. E as crianças não gostavam de perder as aulas de catecismo para não perder os filmes! E o Padre Clemente, ao final da aula, corria o salão com um ar austero, procurando crianças para responder perguntas sobre o catecismo. Confesso que eu ficava apavorado nestas horas. Por quê? Porque as crianças que não sabiam responder as perguntas eram colocadas na frente do salão paroquial de costas para a tela e, assim, não assistiam ao filme. Hoje esta prática pode até ser considerada não recomendável, mas era o rigor da educação que as crianças tinham naquela época. Mas, não fiquem mal impressionados com o padre Clemente. Ele era um bom padre. Naquele tempo, estamos falando dos idos de 1950, a educação das crianças marchava ao ritmo do rigor, respeito e disciplina. Havia rigor na educação pelos padres, pais, professores, avós. Eles impunham o respeito e tinham o respeito. E lá ia o padre Clemente circulando pelo salão, apontando para uma criança: “Você! Quais são os 7 pecados capitais?”. “Você! Quais são os 10 mandamentos da lei de Deus?”. “Você! Quais eram os nomes dos apóstolos?”. “Você! Qual foi o imperador que condenou Jesus à crucificação?”. Eu abaixava a cabeça quando o padre Clemente passava pelos corredores do salão paroquial para não ser notado.

Nada feito! Ele fazia as perguntas exatamente para as crianças que assim procediam. Uma vez fui parar na frente do salão e lamentava perder o filme. Eu esquecera o nome de um dos três reis magos! Melchior havia traído minha memória! O filme Tarzan era um seriado e a continuidade do último capítulo tinha me deixado muito aflito e curioso em acompanhar como o Tarzan escaparia de uma situação de grande perigo. Mas, na maioria das vezes, o padre Clemente relaxava o castigo e, logo após o início do filme, liberava as crianças castigadas. Assim, pude ver o Tarzan vencer a luta contra um feroz leão! Fiquei aliviado! Após minha primeira comunhão, eu passei a assistir missas todos os domingos e me sentia muito bem com isto. Entretanto, ao me casar e ter filhos, uma prioridade se estabeleceu em minha vida - dar foco no meu trabalho, progredir na empresa, elevar o padrão social da família. As missas de domingos ainda estavam presentes na rotina da minha família. Mas, com o passar do tempo, nossa presença foi rareando até que deixamos de lado este hábito cristão. Assim, meus filhos cresceram da mesma forma que eu cresci - sem ver nos pais o exemplo de religiosidade. E isto não foi bom para a nossa família e para a complementação da educação moral e espiritual deles.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... abandonaria minha rotina de levar a família para assistir as missas todos os domingos. Isto nos levou a dar um valor maior ao lado material da vida, em detrimento do valor espiritual que a religião assegura. Meus filhos hoje são relativamente apáticos aos assuntos religiosos e eu sinto que isto faz falta na vida espiritual deles.

19 - Apostar sempre nos mesmos números da loteria está me atormentando...

Bem, eu não sou um daqueles apostadores de loteria que possa ser considerado um viciado. Mas, como milhões de brasileiros, eu faço minhas apostas semanalmente tendo na cabeça os sonhos de todos e de sempre - ajudar meus familiares, viajar, comprar um carro e imóveis, garantir o meu futuro, ajudar entidades sociais. Há muitos anos, talvez décadas, aposto na Megasena e na Quina perseguindo sempre os mesmos números. Assim, acreditava que minhas chances de ganhar poderiam ser maiores. Eu procurava não me impressionar com os cálculos dos matemáticos que afirmavam que minha chance de ganhar na Megasena era de 1 em 50.063.860 e na Quina 1 em 24.040.016. Mas, com o passar do tempo, esta prática de perseguir os mesmos números foi me deixando atormentado e quase neurótico. Não raras vezes, eu me via impedido de jogar, quer por um problema de saúde, quer por uma viagem, um compromisso ou outro impedimento qualquer. E eram nestas ocasiões que eu me estressava e, em uma visão pessimista, eu pensava: "Vai ser neste sorteio que meus números

vão dar. E eu não joguei!”. E isto passou a ser um tormento para mim. Este meu hábito me obrigava a fazer malabarismos para encontrar uma loteria para jogar, incomodar outras pessoas para fazer o meu jogo, desviar do trajeto de uma viagem para encontrar um lugar para fazer o jogo, isto sem falar nos dias de muito frio e chuva em que eu tinha que enfrentar uma longa fila no último dia e na última hora de apostas. Hoje jogar na loteria para mim virou um compromisso. E não deveria ser assim.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... faria minhas apostas na loteria perseguindo sempre os mesmos números. Eu transformaria este hábito em uma coisa mais prazerosa, jogando aleatoriamente os números, pedindo para fazer as chamadas ‘surpresinhas’ e, o que seria mais importante, quando não desse para jogar não sentiria nenhuma aflição e pressão. Ou seja, eu gostaria de ser um apostador leve e solto fazendo apostas de forma divertida, sem compromissos. Mas, por que eu não paro de jogar os mesmos números? Você está doido? Quando eu não jogar, com certeza, será o dia em que os meus números vão dar. Você duvida disto?

20 - Iniciei um negócio próprio na aposentadoria, perdi dinheiro e um tesouro de tempo irrecuperáveis...

Não é fácil para um homem que trabalhou por mais de 50 anos de repente se ver às vésperas de aposentar-se. Apesar dos meus 65 anos, eu me sentia muito bem mental e fisicamente. A ideia de ficar em casa sem fazer nada me assustava. Eu tinha acumulado uma boa poupança que, somada aos direitos trabalhistas e incentivos de minha rescisão trabalhista recebidos da empresa onde eu era um dos executivos, me davam toda a tranquilidade para uma aposentadoria feliz e sem dificuldades. Mas, não eram estes os meus planos. Eu precisava arrumar algo para fazer. Eu sempre sonhei em ter minha própria empresa e tinha acumulado uma experiência profissional em uma área técnica de informática que me vislumbrava um sucesso em qualquer empresa que eu pudesse vir a criar. Assim, logo após alguns meses da aposentadoria, eu já estava com uma empresa de serviços de instalação de redes de computadores, além de assistência técnica de equipamentos de informática. Mas, tive que gastar toda a minha reserva financeira. Mas, eu me sentia realizado e os negócios iam relativamente bem. O lucro não era o que eu esperava, mas, na maioria dos meses, as despesas empatavam com as receitas, considerando que nas despesas já estavam incluídos os meus rendimentos, os da minha esposa e os de um dos meus filhos. Confesso que administrar esta empresa tomava um tempo muito grande meu e deles e quase não tínhamos mais finais de semana, uma vez que não eram raras as vezes que nós tínhamos que trabalhar aos sábados. Bem, o tempo passou. Eu me encontro agora com 75 anos e me sinto muito cansado. Gostaria até

de parar, mas dependemos financeiramente desta minha empresa. Por que não vendê-la? Já tentei por várias vezes. Mas, infelizmente, não têm aparecido interessados. Ela foi organizada muito em cima de minha experiência profissional e em um ramo extremamente técnico.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria, definitivamente, investido minhas reservas financeiras em uma empresa, nesta fase de minha vida onde a aposentadoria me ofereceria um tesouro de tempo para aproveitar a vida de uma forma como nunca tinha aproveitado antes. Avaliei mal, muito mal. Acabei montando uma armadilha. Dependemos da empresa para o nosso sustento e, até agora, não consegui vendê-la. Não sei como vou sair desta!

21 - O alcoolismo me fez perder uma grande esposa e uma rara mulher...

Eu já tinha uma experiência de um casamento que não deu certo pelo mesmo motivo - vício de bebida. Tive crises de descontrole, cheguei agredir minha esposa, nos separamos, nunca mais a vi, nem sei do paradeiro do meu filho. Sofri muito, mas, infelizmente, isto somente agravou meu vício. Mas, o destino ainda me deu uma grande oportunidade. Encontrei uma linda moça, de excelente família, de boa formação moral e educacional, com quem me casei e tive mais dois filhos. Ela se deu muito bem em sua carreira, galgando cargos executivos. O padrão de vida da família elevou-se graças ao seu salário. Mas, ao invés disto me deixar tranquilo e feliz, ao contrário, aumentou nossas diferenças e eu não aceitava esta situação. Eu me sentia rebaixado com relação a ela. Não parei o vício de beber, até aumentei. As discussões em casa passaram a ser uma rotina, tristemente assistidas pelas crianças. Ela até que aguentou minhas crises e minhas bebedeiras por mais de 10 anos. Mas, um dia, ela me surpreendeu com o pedido de divórcio. Fiquei desesperado, não acreditava. De repente me vi por minha conta, sem preparo financeiro e psicológico. A bebida era meu único consolo. Cheguei ao fundo do poço.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria cometido esta insanidade com ela. Eu vi que tinha um tesouro raro nas mãos e não dei o devido valor. Nunca mais me encontrei na vida em termos de relacionamento com outras mulheres. Fiz tratamento para adictos e consegui controlar meu vício. Era um compromisso que eu tinha comigo mesmo para punir quem sempre me prejudicou - a bebida. Hoje me resta o conforto de tê-la, pelo menos, como amiga.

22 - Destruí uma linda família por causa de uma amante, eu acabei destruído...

Casei por amor, um amor raro, romântico, apaixonado. Tive com esta linda e especial esposa três filhos, igualmente, maravilhosos. Éramos, o que todo mundo podia dizer, uma família unida, cúmplice, feliz e bem sucedida. E assim ficamos por mais de 40 anos. Morávamos em uma bela casa, tínhamos um sítio de lazer maravilhoso e um padrão de vida muito bom. Felizmente, tínhamos tudo em casa: amor, compreensão, união, harmonia, amizade, cumplicidade, solidariedade, entendimento. Ela era muito religiosa, gostava de se dedicar a serviços voluntários na igreja e na comunidade. Eu me dedicava ao trabalho com a motivação de um chefe de família realizado e consciente de suas responsabilidades. Claro que tivemos algumas discussões, divergências de pontos de vistas e atritos. Mas, nada sério que pudesse abalar os alicerces estabelecidos no relacionamento familiar por décadas de convivência. O tempo passou e, como todo mundo, chegamos na idade em que era preciso parar. E a aposentadoria se visualizava como uma nova etapa de nossas vidas. Os filhos cresceram, casaram, tiveram seus próprios filhos. Agora, os planos eram de viajar, aproveitar a vida e o tempo livre que esta fase de aposentadoria assegura. Mas, como dia o ditado: ‘O ócio é amigo do vício’. Com tempo livre, eu frequentava shoppings e clubes. E foi neste ambiente que conheci uma mulher. No início, nada de anormal. Conversávamos, às vezes almoçávamos juntos, tomávamos um cafezinho, falando de família e da vida. Ela era divorciada. Mas, estes contatos, que inicialmente sinalizavam apenas uma amizade, com o tempo se transformaram em um relacionamento amoroso e uma paixão. E minha mudança de hábitos em casa, minhas frequentes saídas e motivos para viagens, fizeram com que minha esposa, inclusive meus filhos, comesse a desconfiar que algo deveria estar acontecendo na minha vida. Eu mesmo resolvi falar sobre o caso que estava mantendo com uma amante. Bem, em resumo. A família se desfez, meus filhos me isolaram, minha esposa pediu o divórcio, me desfiz de bens preciosos. Em poucos meses, tudo estava acabado. Eu me entregava, cada vez mais, à bebida.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria cedido à tentação de conhecer e me relacionar com uma outra mulher, nesta fase da vida em que tudo estava programado para ser uma fase gratificante em termos de paz e tranquilidade, como um prêmio por tudo o que trabalhei e minha esposa por tudo o que tinha se dedicado para construir uma família. São momentos de devaneio que a gente passa, sem medir as consequências. Estou triste, me sinto destruído, sem condições até de manter o relacionamento com a mulher que, involuntariamente, foi a causadora de toda esta tragédia familiar.

23 - Recusei uma proposta de emprego internacional, me arrependi profundamente...

Se para muitas pessoas receber um convite para trabalhar no exterior é um grande sonho e projeto de vida, para mim eu hesitei quando tive esta oportunidade. Casado, com filhos adolescentes, com pais e sogros para dar uma assistência, com investimentos no Brasil, entre outros motivos, para mim foi muito difícil avaliar o quanto um convite para trabalhar no exterior poderia ser importante para mim e minha família. Eu trabalhava em uma das melhores empresas do mundo, segundo revistas especializadas, seria transferido para os Estados Unidos, um dos melhores países do mundo para se morar, e residiria na Califórnia, um dos melhores estados americanos. O cargo envolvia responsabilidades por subsidiárias na América Latina. Assim, viagens constantes até me permitiriam um contato mínimo com os meus pais e sogros. Mas, a minha posição e a posição da família foram por um 'não'. A empresa convidou um executivo argentino, que passou a ser o meu superior hierárquico. E ele me dizia o quanto estava feliz nos Estados Unidos e o quanto sua família tinha se adaptado, usufruindo de toda a estrutura de ensino, hospitalar, de recreação e segurança que os Estados Unidos podem oferecer. De vez em quando, ele me dizia de algumas particularidades, como: comprava jornais em bancas onde não tinha um jornaleiro. Ele escolhia o jornal ou a revista e depositava o dinheiro em um pequeno cofre. Sua casa era toda aberta, sem grades de proteção e sem muros, cercada de amplos jardins que se comunicavam com os jardins dos vizinhos. Quando saía para ir a um restaurante, por exemplo, podia deixar o carro aberto, sem problemas.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido tão conservador e inseguro e aceitaria a proposta de trabalhar no exterior. Hoje, quando vejo a corrupção generalizada que se instalou em todos os segmentos da sociedade do Brasil, quando vejo a impunidade de nossa justiça, assegurando a todos 'autorização para matar', quando vejo o nível decadente de nosso ensino, percebo que uma grande oportunidade se apresentou para mim e eu não soube aproveitá-la!

24 - Passei por uma crise de rebeldia na adolescência e fiz meus pais sofrerem muito...

Meus pais sempre tiveram muito orgulho de mim. Eu era uma menina esperta e inteligente e chamava a atenção de todos pelos meus olhinhos sempre vivos e curiosos. Perguntava sempre o porquê disto, o porquê daquilo. Entrei na escola e meus pais diziam que eu sempre tive excelentes notas. Quando indagada o queria ser quando crescesse, eu respondia sem hesitação: "Professora!". Mas, de vez em quando, meus pais tinham que assinar no livro da escola a 'ciência' de algumas traquinagens que eu fazia. Eu tinha dificuldades de parar quieta. Gostava de conversar e rir o tempo

todo. Era 'elétrica' como meus avôs sempre diziam. Mas, eu sempre respeitei os meus pais, isto sem falar do grande amor que sentia por eles. Entretanto, veio um período negro nestas minhas relações com meus pais. Quando completei meus 15 anos, senti os incontroláveis impulsos da adolescência. Sentia-me mulher e adulta. Queria ser a dona de meu nariz, ter independência de meus atos. Nesta fase, para demonstrar isto, a gente se rebela contra a autoridade de quem quer que seja que quer mandar na gente. E, as 'autoridades' mais próximas e que receberam as minhas primeiras confrontações foram exatamente meus pais, em especial, minha mãe. Tornei-me uma rebelde sem causa. Comecei a sair com amigos e amigas, não dava muita satisfação para onde ia ou o que iria fazer. Quando minha mãe brigava comigo que queria estas informações, simplesmente recebia uma resposta, que se repetia sempre: "A senhora não manda mais em mim!". Algumas vezes, me vi envolvida com passeios com amigas e eu não dormia em casa. Tudo bem se eu avisasse antes. Mas, como prova de minha nova fase de vida adulta eu não dizia nada, para desespero de meus pais. Isto gerou vários atritos que acabaram me afastando deles. Minha mãe sofreu muito nesta fase e, não raras vezes, eu a vi chorando por estas minhas atitudes. Nesta fase, eu adotei como minha verdadeira mãe a mãe de uma amiga, que aliás minha mãe odiava. Esta minha mãe postiça era separada e com muitos namorados. Belo exemplo! Comecei a namorar, não apresentava meus namorados aos meus pais, que insistiam em saber 'com quem eu estava andando'. Uma vez, aos 16 anos, namorei um cara de 38, casado e com 02 filhos, imagine! Meu pai me seguiu, foi o fim para eles. Esta fase durou por três longos anos, até minha maioridade e entrada na faculdade.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria tido este comportamento rebelde com os meus pais. Procuraria ser uma adolescente à procura de seu destino e de seu espaço, mas através de diálogos e entendimentos. Em hipótese alguma teria me afastado deles e sido a causa de tantas lágrimas da minha mãe e tantas preocupações para o meu pai. Hoje eu percebo o quanto perdi de tempo e o quanto eles são importantes para mim.

25 - Vendi meu apartamento na cidade grande e fui morar em um sítio na zona rural, mas a monotonia me fez voltar...

Eu vivia em São Paulo por mais de 40 anos. Vi esta cidade crescer e se transformar. Mudei de casa por três vezes, procurando refúgio contra este crescimento. Mas, após alguns anos, o crescimento chegava onde eu estava e, com ele, o trânsito, a poluição, o barulho, a violência. Aí, fiquei neste meu último apartamento. As vantagens eram muitas. Eu estava próximo de shoppings, supermercados, comércio, escolas para os meus filhos, hospitais

e de tudo o que uma família precisa para viver na cidade grande. Na verdade, eu sempre gostei de São Paulo. Apesar desta cidade estar se transformando, cada vez mais, na floresta de pedra que amplia suas fronteiras, ao mesmo tempo ela encanta por seu dinamismo e oportunidades. Porém, nos últimos anos, o trânsito, a poluição e a violência ficaram insuportáveis. E esta era uma opinião de toda a família. Assim, começamos a pensar em morar em um sítio, em uma área rural, longe de todos estes problemas. Ah! Que beleza seria acordar de manhã, ouvindo os pássaros, vendo o orvalho fresco nas plantas, ter uma vaquinha para tirar um leite fresco, dormir de janelas e portas abertas. E, assim, lá foi toda a família para uma zona rural de uma cidade do interior de São Paulo. E os primeiros meses foram fantásticos. Minha esposa curtia sua horta de verduras frescas, eu não me cansava de plantar árvores, além de cuidar de duas vaquinhas que comprei. Afinal de contas, o leite fresco era um dos objetivos. Porém, os anos passaram e todos começaram a perder o entusiasmo. A monotonia começou a tomar conta. Era muito silêncio, era muita chuva e o mato ficava triste molhado, era muito carrapato nas vacas para tirar, era muitos mosquitos. À noite caía e um breu tomava conta do sítio. Não se enxergava nada. Na zona rural é muito comum cair a energia elétrica em razão de raios e galhos de árvores que caem nos fios. Quando isto acontecia, não tinha TV, nem banho quente, nem rádio. Restava o jantar à luz de um lampião a gás, nada romântico. E todos os dias era a mesma rotina e as mesmas responsabilidades. Começamos a ficar com saudades dos shoppings elegantes de São Paulo, dos restaurantes, das pizzas entregues sábados à noite, dos teatros e dos cinemas. Até do trânsito! Tentei vender o sítio para comprar de volta um apartamento em São Paulo. Aí descobri que os apartamentos em São Paulo valorizaram mais de 100% no período e que o sítio desvalorizou 50%. E, o que era pior, ninguém queria comprá-lo. Tive que entrar em um longo financiamento para comprar outro apartamento em São Paulo e, até hoje, procuramos achar um comprador que pague um preço justo pelo nosso ‘querido e mal avaliado’ paraíso na zona rural!

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me precipitado neste fracassado projeto de viver no paraíso longe da cidade grande. Eu deveria ter pesquisado outras famílias que fizeram o mesmo, analisado o grau de motivação que elas ainda se encontravam, procurado mentalizar como seria minha vida lá, não se deixando trair por excesso de romantismo. Descobri que viver na zona rural é para quem nasceu e cresceu lá. O homem da cidade grande tem muita dificuldade de adaptação. Pelo menos, este foi o meu caso. Perdi dinheiro, mas, aqui estou eu de volta. Em um aspecto foi positivo. Eu parei de reclamar tanto do trânsito, da poluição, da violência.

26 - Não procurei especialistas em fertilidade no momento certo, perdi a chance de ser mãe...

Eu tenho uma experiência negativa que, apesar de bem resolvida hoje na minha cabeça, espero que possa ajudar outras mulheres, pois se eu tivesse o nível de informação que tenho hoje, talvez o desfecho tivesse sido diferente. Casei a primeira vez aos 24 anos, e com a vida e carreira em pleno vapor, optei por não ter filhos logo no início do casamento. Após um ano de casada, percebi que o casamento não iria durar muito e então os planos de maternidade foram ‘suspensos’, pois aquele não seria o parceiro ideal para dividir este sonho. Separei-me aos 28 anos e lá se foram 11 anos e alguns relacionamentos, nenhum sério, ao ponto de pensar em filhos. A carreira foi indo muito bem, pude realizar praticamente todos os planos que tracei e continuo traçando para minha vida. Como se veicula hoje tão abertamente que as mulheres podem e até devem retardar a maternidade, que a medicina está superavançada e que a idade já não é um fator que influencia tanto neste aspecto, somado ao fato de ter a certeza de que a minha cara metade apareceria e que eu então poderia realizar meu sonho com a pessoa certa, com a vida estruturada, entre outros fatores, fiquei tranquila em relação ao tempo. Enfim aos 39 anos encontrei minha cara metade, temos uma relação feliz, de cumplicidade e então a certeza de que este seria o homem certo para ser o pai do meu filho, começamos a tentar o tão sonhado bebê. Acontece que o tempo passava e nada. Sempre fui muito cuidadosa com minha saúde, fazendo exames regulares, mantendo uma alimentação saudável, acreditando que, com o tempo, tudo se arranjará. A médica que me atendia, há pelo menos uns seis anos, nunca me pediu exames mais detalhados e não deu muito atenção ao meu desejo de engravidar. Então aos 42 anos, por orientação de minha dermatologista, fui a uma especialista que me disse simples e friamente que eu não poderia engravidar, que meus ovários já estavam em processo de falência e que não conseguiria. Meus exames acusavam uma endometriose profunda e ela não deu nenhuma atenção a este problema para tratá-lo. Apesar de ter diagnosticado que eu não poderia engravidar, deveria ser tratado. Eu tinha fluxos menstruais muito intensos e ela dizia ser ‘normal’. Na verdade, eram hemorragias e eu entendendo como normal. Até que um dia tive uma crise, com fluxo extremamente intenso, e eu estava viajando. Liguei para ela que me recomendou um remédio, pediu para ligar em 6 horas para ver se melhorou, realmente melhorou, mas quando liguei ela marcou uma consulta para 20 dias depois desta crise. Ali caiu a ficha e vi que tinha que buscar outro médico, uma pessoa séria e comprometida. Era uma paciente particular, pagava pelos valores altos de suas consultas e nenhuma atenção, total descaso. Pedi indicação à uma médica amiga que me indicou meu atual médico. Quando ele viu meus exames (pedidos pela outra médica há um

ano) ficou chocado ao ver que estava tudo ali e nenhum tratamento havia sido feito para resolver o meu problema. Tratamos a endometriose com cirurgia, e, após curá-la, ele me indicou um médico especialista em reprodução humana, que me disse que eu poderia fazer um tratamento de reprodução assistida. Ele foi claro quanto às chances de sucesso, pois, em casos de fertilidade, cada ano que se passa após os 35 anos é fundamental e o nível de fertilidade cai assustadoramente. Nós tínhamos 10% de chances de sucesso. Mesmo assim tentamos duas vezes, infelizmente sem sucesso.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria deixado de dar dado a devida atenção e ter me informado mais com médicos especialistas sérios sobre as questões da maternidade e fertilidade. Hoje faço questão de orientar mulheres em idade fértil que têm planos de retardar a maternidade. É possível sim, desde que você acompanhe suas taxas hormonais ou, o mais indicado, congele seus óvulos quando ainda é jovem. Não é um custo muito alto, ao contrário do que se imagina, e é uma garantia de poder engravidar no futuro e ter um bebê saudável. Pois, de acordo com a legislação em vigor, as clínicas de fertilização implantam óvulos fertilizados em mulheres de até 55 anos. Ou seja, é possível engravidar mais tarde, mas nem sempre por vias naturais. Infelizmente comigo não deu mais tempo e me arrependo muito de não ter me informado melhor. Apesar de ter sempre me cuidado muito, encontrei os profissionais errados. Quando encontrei o certo já era tarde. Ainda existem as opções de doação de óvulos e adoção, porém, são opções que você sabe que os bebês não serão geneticamente seus. É um ato de amor, porém você nunca poderá se reconhecer física e comportamentalmente naquela criança. O sonho de ser mãe poderá ser realizado, mas fica a sensação de querer saber como seria a carinha do seu filho, seu jeito, o que ele puxaria de vocês.

27 - O vício de fumar comprometeu minha saúde e meu futuro...

Éramos uma turma super unida na escola e fumávamos cigarros todos juntos. Era uma forma que encontrávamos para nos unir ainda mais e consolidar a nossa amizade. Era como o ritual do 'cachimbo da paz' dos índios americanos. Cada dia um de nós comprava um maço e, na hora do intervalo de aula fumávamos tanto quanto aquela lagarta do filme 'Alice no País das Maravilhas', acendíamos um cigarro na bituca do outro, era 'trash' demais. E não faltavam advertências do meu pai: "O dia que eu te pegar fumando, você vai engolir o cigarro!". Eu morria de medo, mas não queria parar, achava bonito, fazíamos bolinhas com a fumaça e, antes de chegar em casa, eu lavava bem as mãos e escovava os dentes para não sentirem o cheiro. O fato é que foi virando um hábito e mais tarde tornou-se um vício, difícil de deixar e que me acompanha até hoje. Nos meus 42 anos, eu vejo como isto prejudicou minha saúde. Já fiz diversos tratamentos para parar de

fumar, mas, em vão! Passados alguns dias, ou até algumas poucas horas, eu sentia a compulsão de fumar. Meu fôlego é praticamente zero, não consigo frequentar uma academia regularmente, minhas caminhadas são curtas. Quando subo escada, então, aí vejo como meus pulmões estão comprometidos. Tenho um pavor de câncer de pulmão. Meus médicos têm me advertido que isto é uma ameaça real. Mas, a gente sempre pensa que 'isto não vai acontecer comigo!'. Até bons empregos eu percebi que perdi, quando no processo de seleção ficou evidente este meu vício de fumar.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria começado fumar. O que foi charmoso e bonito em uma fase de minha vida, hoje é o meu tormento e o maior de meus temores. Sempre penso e confio que o 'próximo' tratamento antitabagismo vai dar certo. Ainda tenho esta esperança!

28 - Arrematei um imóvel em leilão público junto à Caixa Econômica Federal, enfrentei muita burocracia e desagradáveis surpresas com outra realidade...

Eu tinha o sonho de ter o meu apartamento próprio e sair do aluguel, como milhões de brasileiras. Mas, este sonho somente se realizaria com a compra de um apartamento em condições favorecidas em termos de preços e condições. E os leilões públicos da CEF me parecia ser uma boa alternativa. Como uma pessoa razoavelmente esclarecida, chequei tudo que era possível: prefeitura, condomínio, cartórios, companhias de água, luz, fone, documentação. E tudo estava absolutamente em ordem. No Edital do leilão constava: 'Apartamento contendo: dois quartos, sala, cozinha e dependência completa de empregada'. Não pude visitar o imóvel por estar em fase de despejo. Quando tomei posse do imóvel, 30 dias depois, tive uma ingrata surpresa - o apartamento não tinha sala! Uma área de 20 m.2 fora invadida pelo apartamento do lado. A CEF vendeu o apartamento, mas não assume a 'Obrigação de Entregar'. E eu estou há três anos brigando na Justiça, pagando as prestações, tendo um monte de despesas e o meu tão sonhado apartamento esta fechado. E a Justiça? Se eu tivesse deixado de pagar, estaria inadimplente no Serasa, SPC, complicando minha conta bancária e o meu crédito na praça. E, certamente, já teriam me despejado!

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria entrado nesta fria e nunca teria arrematado um imóvel em leilão público, junto a Caixa Econômica Federal. Poderia ter esperado um pouco mais, juntado um pouco mais de dinheiro e comprado um apartamento pronta entrega, novo ou com pouco uso, porém em boas condições e sem pendências judiciais.

29 - Larguei tudo em São Paulo e mudei para o Nordeste, não aguentava mais...

Apesar de ter nascido em Maceió, eu vim para São Paulo com meus pais quando tinha apenas 7 anos de idade. Assim, sempre me considerei paulistano e não alagoano. E vivi nesta cidade grande por longos 52 anos. Aqui me casei, tive meu filho, me formei e construí minha carreira. Mas, comecei a sentir a pressão que a vida em São Paulo exerce sobre os seus habitantes. É o trânsito infernal, as enchentes, a violência, a poluição, o custo de vida, a agitação 24 horas por dia. Comecei a ficar depressivo. E quando digo depressivo, digo depressão mesmo, daquelas que começa a tirar o ânimo de viver. A vida começou a ficar sem graça e eu não saía mais de casa, apenas ia trabalhar e só. Tudo começou a ser muito sacrifício para mim - longas filas de carro para ir à praia, shoppings lotados, horas e horas perdidas no trânsito. Eu já tinha sido assaltado três vezes. E foi em uma destas viagens de férias para o Nordeste que eu me apaixonei por aquelas bandas. A vida com menos correria, as festas típicas, as comidas, o custo de vida menor, as lindas praias, o pessoal mais alegre e de fácil relacionamento. Quando meu único filho se casou, eu percebi que o meu único vínculo com São Paulo poderia ser rompido. Ele trataria de sua própria vida. Assim, eu e minha esposa tomamos uma decisão - vamos mudar para o Nordeste. Escolhemos como cidade domicílio Maceió, pelas minhas próprias origens. Como dentista, eu poderia muito bem iniciar uma nova vida por lá. E foi assim que tudo começou. Hoje eu reduzi minha carga horária, me dedico mais a mim, curto minhas caminhadas na orla da praia todas as tardes. Depressão? O que é isto?

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria esperado tanto para considerar a possibilidade de ir embora de São Paulo. Quando fiz isto, minha vida mudou, passei a ser um homem mais feliz e alegre. Valeu São Paulo, por tudo! Mas, a vida no Nordeste, para mim, está bem melhor!

30 - Dei muito valor às coisas materiais, mas negligenciei nos valores morais e espirituais...

Eu não tenho muito a relatar. Na verdade, tenho mais a lamentar, em alguns aspectos. Não me considero filósofa não. Eu fui induzida a acreditar, por esta sociedade de consumo, que dinheiro era tudo, que pode comprar tudo. Assim, me lancei à minha formação e ao meu trabalho como a grande prioridade de minha vida. Assim, mantive uma rotina de estudo e trabalho que me tomou a maior parte de minhas horas na vida. Relacionamentos, quase nenhum. Aos finais de semana eu estava tão cansada e estressada, que me fechava em um lugar distante ou ficava em casa sozinha, no esforço de

recuperar minhas forças para mais uma semana de estudo e trabalho. Não queria nem ouvir aqueles convites de amigos e parentes para aqueles eventos ‘sem importância’, que não ajudavam na vida material. Somente muitos anos depois, quando tinha uma plena realização material e quase zero realização espiritual, fui descobrir que dinheiro, carreira, estudo não era tudo.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... perderia uma apresentação de ballet das minhas sobrinhas, pois família é a nossa maior riqueza e só valorizamos quando estamos longe; não perderia um almoço em família aos domingos, pois a união da família e dos amigos, ao redor de uma mesa, nos permite saborear os alimentos de maneira diferenciada e com certeza esses alimentos, nos fazem um super bem, já que esse alimento está ‘envolto’ no amor; .não teria faltado a uma aula de inglês quando era mais jovem, por achar que não precisava desse conhecimento, eu o ignorei, e hoje sei o quanto ele faz falta; .não teria deixado de omitir muitas vezes a minha emoção, eu teria com certeza falado mais “eu te amo”, para aqueles que realmente eu amo, mas por vergonha, insegurança ou indiferença acabamos não realizando esse simples ato de pronunciar três palavras que significam tanto - “Eu amo você!”

31 - Parei de estudar e isto me prejudicou toda minha carreira profissional...

Não há nada que eu me arrependa mais do que ter parado de estudar após concluir o segundo grau técnico. Hoje não tenho formação a nível superior, o que me atrapalha bastante no momento de conseguir uma melhor colocação no mercado de trabalho. O tempo e meus recursos financeiros hoje disponíveis, são aplicados integralmente na formação de minhas filhas. E, apesar de minha experiência profissional, sinto que às vezes sou preterido em uma promoção por outros funcionários, ou até mesmo candidatos de fora, quando surge uma oportunidade. Agora me vejo com uma carga de trabalho, que exige horas extras constantes, não permitindo um compromisso com aulas noturnas. E, além deste fator, os compromissos financeiros domésticos consomem, praticamente, tudo o que eu ganho. Sem dúvida, o tempo ideal de fazer meu curso superior teria sido quando ainda solteiro e em seguida da conclusão do 2.º ciclo. Mas, ainda não desisti. Quem sabe eu consiga, um dia, me formar antes de minhas filhas!

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria negligenciado na minha formação superior. Poderia ter seguido minha vocação para Engenharia Mecânica. Com certeza, este meu erro de planejamento me prejudicou em vários aspectos, principalmente no profissional. Hoje poderia estar

ganhando melhor e proporcionando maior conforto e segurança para minha família.

32 - **Relaxei comigo mesmo em vários aspectos, hoje estou quase em um beco sem saída...**

Tenho 32 anos, sou solteiro, passo por problemas de saúde por excesso de peso. Durante anos me escondi da realidade da vida procurando apoio na bebida e engordando cada vez mais. Afastei-me de todos. Tenho tentado me cuidar, mas parece que faltam motivação e objetivos de vida que me incentivem. Sinto que preciso de ajuda de amigos que me faltam, de parentes que se distanciaram, de oportunidades que perdi.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria parado a faculdade, teria me casado enquanto ‘parecia gente’, estaria hoje com uma família, teria filhos, não teria me escondido da vida, cuidaria mais de minha saúde, daria mais atenção aos amigos e parentes. Amigos têm me aconselhado buscar ajuda na terapia e na religiosidade. Vou tentar.

33 - **Avaliei mal o homem com quem me casei, hoje amargo um casamento frustrado...**

Este meu relato é anônimo, certo? Então vou confiar! Foi um casamento que ocorreu em razão do que se chama ‘amor cego’, aquele que somente se vê coisas boas, apesar de fúteis, no noivo. Acabei dando o ‘Sim’ e me casei. Logo engravidei, tive uma filha, em seguida, outro filho. Mas, não precisei muitos anos de casamento para perceber o erro de avaliação que fiz. Meu marido se demonstrou um homem relaxado, não se cuida, não tem estabilidade no emprego, não tem um mínimo de ambição em progredir na empresa. Quando ganha o suficiente para as despesas do dia, ele já vai à procura de amigos para uma cerveja e jogar baralho. Hoje ele é taxista. Apesar de ser um bom pai, ele não é o exemplo de vida que eu gostaria de dar aos meus filhos. Ele procura compensar este seu jeito me ajudando em casa, sendo amoroso com as crianças. Não é violento, nem gosta de muita discussão. Apenas leva a vida de seu jeito. Por vezes, penso até em me separar. Mas, pelas crianças, e até por ele mesmo, eu vou adiando esta decisão.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido tão ingênua ao escolher um homem para ser o meu marido. Em nenhuma hipótese casaria na base do ‘amor cego’, sem avaliar as qualidades dele e as minhas expectativas. Eu poderia, quem sabe, ter encontrado um homem que melhor combinasse comigo, que se interessasse pelo progresso da família e servisse de bom

exemplo para os filhos. Agora, me resta este dilema de separar ou ficar casada. Separar não tão fácil como se imagina, principalmente quando têm crianças envolvidas.

34 - Vendi minha casa, comprei um caminhão de transporte de cana, não deu certo, tive prejuízo, dívidas e muita dor de cabeça...

Eu trabalhava no ramo de cana já há algum tempo. Comecei como cortador de cana. Após alguns anos, me transformei em Monitor, liderando o corte de cana de muitos cortadores. E aprendi um pouco deste comércio. Vi que para alguns dava muito dinheiro, para outros, nem tanto. E se era alguém que ganhava muito dinheiro, além do usineiro é claro, era o dono dos caminhões de transporte. Ele comprava caminhões e aumentava sua frota a cada safra. Pensei que esta seria uma forma que eu podia encontrar para, igualmente, ganhar mais dinheiro do que vinha ganhando como Monitor de Corte de Cana. Eu tinha uma casa própria, conseguida após muitos anos de luta e sacrifícios. Um dia alguém me falou “ter um caminhão é ganhar na loteria!”. Resolvi arriscar. Vendi minha casa, mudei para uma casa menor pagando aluguel. Com o dinheiro da casa, dei entrada em um caminhão novo, assumindo um financiamento longo. Mas, pelo que eu sabia, o pagamento do frete seria mais do que suficiente para pagar as prestações e guardar um pouco para, um dia, voltar a comprar minha casa própria novamente. Infelizmente, as coisas não saíram como eu esperava. O dono da empresa de transporte costumava subcontratar fretes e me deu vários serviços. Porém, ele fazia isto quando seus próprios caminhões não eram suficientes. Mas, quando o volume de serviço era menor, ele dava preferência aos seus próprios caminhões e eu ficava esperando uma oportunidade. Como estes caminhões são específicos para o transporte de cana, eu não podia usá-lo para outras coisas. Conclusão, não ganhava, muitas vezes, nem para pagar a prestação do caminhão.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria entrado neste negócio sem procurar saber bem como as coisas funcionavam e quais eram as regras do jogo. Minha ambição me cegou neste aspecto. Não teria vendido minha única casa própria para comprar este caminhão de transporte de cana. Ele só me trouxe dor de cabeça, prejuízos e dívidas. A financiadora tomou o caminhão de volta, após alguns meses de atraso das prestações. Voltei, felizmente, ao meu cargo de Monitor de Corte de Cana e tento hoje juntar um pouco de dinheiro para comprar minha casinha de volta.

35 - Passei parte de minha vida dentro de uma casa de jogos, perdi dinheiro e quase a esperança de viver...

Isso ocorreu comigo por mais de cinco anos. Passei um bom tempo de minha vida viciada em jogos, perdida dentro de uma casa de jogos. E esta foi a pior experiência que tive na vida. O vício em jogos me distanciou de amigos, de minha família, do namorado, das pessoas que eu amava. Perdi tudo que eu tinha de mais valioso, pois além de dinheiro, perdi minha autoestima, que vale muito mais do que dinheiro. E tudo por causa deste maldito vício. Quando mais eu perdia, mais queria recuperar nas noites seguintes. Este é efeito psicológico que o jogo causa no jogador. Ele cria um condicionamento de que a perda de um dia, pode se acumular com a perda dos dias seguintes, mas, um dia, a gente vai recuperar tudo no 'dia de sorte'. Assim, me afundei em dívidas, estourei cartões de crédito, limites de crédito em banco, empréstimos. Até hoje comprometo boa parte de meu salário pagando estas dívidas de jogo. Um castigo pelos erros que cometi nesta época.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria aceito o convite de uma amiga viciada em jogo e que me vendeu a idéia que eu poderia unir diversão com a possibilidade de ganhar muito dinheiro. Ela era viciada e me viciou também.

36 - Éramos duas pessoas maduras, namorávamos e éramos felizes, até que resolvemos nos casar...

Eu sou divorciada, 47 anos de idade, tenho uma filha de 16 anos. Ele é viúvo, 55 anos, com dois filhos já casados. Encontramos-nos em uma festa e a química do amor foi instantânea. Começamos a namorar. Eu fiquei em minha casa, com minha filha. Ele morava sozinho e, às vezes, passava dias na casa dos filhos. Assim, nossos encontros eram sempre românticos e em clima de namoro. Viajávamos muito, todas as semanas íamos a bons restaurantes e teatros. E, quase sempre, ele me surpreendia com algum brinde ou presentes, independente das datas comemorativas. Em nossos encontros tínhamos tempo para namorar, falar de amor. Muito pouco, falávamos de nossos problemas pessoais, que não eram poucos. Minha filha aceitava este namoro muito bem e, da mesma forma, os filhos deles. Quanto às despesas de minha casa, quando as minhas receitas eram insuficientes, ele cobria a diferença com muita satisfação. Quando meu carro ficava com mais quilometragem, ele fazia questão de trocá-lo por um novo. Nosso amor era tanto que nossos próprios filhos começaram a encorajar que nos casássemos. Eles se preocupavam que a idade ia avançando para nós dois e que seria melhor oficializar um casamento. Além do mais, minha filha se preocupava comigo, uma vez que estava noiva e um dia se casaria também. Assim, ela não queria me ver sozinho em casa. Começamos a pensar no assunto e chegamos à conclusão que eles estavam certos. E por que não? Assim, aconteceu o casamento. Mas, foi um casamento sem 'lua de mel'. Ele estava

acostumado com sua rotina de homem só, fazendo o que bem queria e eu da mesma forma. Quando nos encontrávamos, a saudades falava alto e um se dedicava ao outro intensamente. No casamento, esta rotina dele e a minha começou a trazer pequenos problemas, que se transformaram em grandes problemas. A saudade já não era a mesma. Reduzimos nossos passeios, as idas aos restaurantes e ao teatro. Entramos naquela rotina de vida de casado. O nosso amor e relacionamento começaram a deteriorar. Eu descobri coisas nele que me irritavam e ele descobriu coisas minhas que ele não gostava. Hoje, nós estamos prestes a uma separação.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me casado novamente ou, pelo menos, deixaria o plano de casamento para que o futuro ditasse o dia e a hora. Continuaria curtindo o romântico namorado nos encontros de final de semana. Perdi um grande amor, ganhei um marido comum e entediante. E ele também!

37 - Orientei minha vida profissional para um emprego que me desse uma boa renda, esqueci de valorizar o prazer no trabalho e a felicidade na vida...

Eu precise de 52 anos de idade para descobrir que para ser feliz não precisa muito. Quando digo 'muito', refiro-me à questão financeira. Hoje eu tenho sabedoria e experiência de vida suficiente para saber que eu não devia ter feito parte desse consumismo ditado pela mídia, televisiva e escrita. Quanto mais bens materiais eu tinha, mais eu me iludia que estas coisas garantiam felicidade e bem estar. Quanto mais tinha, mais me aplicava a ganhar dinheiro. Eu era corretora de imóveis, cargo comissionado e, não raras vezes, me encontrava trabalhando aos finais de semana e gozava apenas uma semana de férias por ano. Dinheiro era o meu foco. Um dia este consumismo consumiu minha motivação. Olhava para tudo o que tinha em casa e não encontrava nada que justificasse tanta luta e tantos desprazeres e sacrifícios em minha vida. Dei um basta. Fui fazer o que sempre quis fazer. Estou terminando o Curso de Artes Visuais com Licenciatura em Desenho. Posso fazer a infinidade de coisas que vão me dar prazer, como lecionar, de preferência fora de São Paulo, trabalhar em uma Galeria de Artes, ser uma Curadora, montar um atelier e muitas outras oportunidades nesta área. Fiz a opção por ser feliz e não fazer parte deste processo massificante que é o capitalismo, que só conjuga o verbo 'ter'. De agora em diante, prefiro 'ser'

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... daria uma orientação materialista à minha carreira profissional. Desde o início, estaria optando por atividades que me dessem o dinheiro necessário para uma vida digna, mas, igualmente, que fossem muito prazerosas e me fizessem feliz. Só faria o que me desse prazer, não me submeteria a um emprego que não me desse prazer ou que

eu não tivesse prazer somente pelo dinheiro. Nunca teria me deixada envolver pelo consumismo do capitalismo insensível.

38 - Eu venho de uma boa família, comecei a experimentar drogas por brincadeira, me viquei e comprometi meu futuro...

Eu tinha tudo para ser um jovem equilibrado, feliz e com um futuro promissor. Meu pai é médico, minha mãe psicóloga. Tenho uma única irmã. Minha educação de berço não poderia ter sido melhor. Frequentei as melhores escolas, sempre tive todo conforto. Nada me faltava. Meus pais sempre se mostraram vigilantes com relação aos meus amigos e ao meu comportamento. O que eu queria ser quando crescesse? Médico! Eu gostaria de seguir a profissão de meu pai que respeito muito. Mas, na adolescência, idade em que a gente é uma criança em corpo de adulto, a primeira manifestação que sentimos é a autoafirmação, independência, liberdade. E as primeiras pessoas que experimentam estas nossas manifestações imaturas são nossos pais. Eu iniciei este processo de 'sou dono do meu nariz'. E, comecei a conhecer pessoas. É incrível como os primeiros amigos que procuramos são, exatamente, aqueles que são opostos a nós. E como querer passar por experiências novas e atrevidas. E, entre estes meus amigos, havia os que gostavam de fumar maconha e outros até cheirar cocaína. Nas 'rodas de amigos' eles me ofereciam para experimentar. No início, eu recusava. Aliás, ficava até apavorado. Mas, sabe aquela história de provar que 'agora sou homem', comecei a dar umas tragadas nos cigarros de maconha, depois fumar um cigarro inteiro, comecei a achar que a maconha me deixava em um estado de excitação boa e me dava coragem até para falar com as meninas, coisa que para mim era difícil pela minha timidez. E assim, tudo começou. Da maconha, passei para a cocaína e me viquei nesta droga. Eu comecei a cobrar de meus pais uma mesada cada vez maior para poder comprar droga. Falava que era para comprar livros, lanche na escola, despesas com a namorada. Meus pais sempre confiaram muito em mim. Afinal de contas, eu era um menino muito bem educado. Em nada eles poderiam desconfiar que eu pudesse estar enveredando por este caminho. Apesar de uma mesada boa, em comecei a ter pressões de amigos para comprar drogas também para eles. Eles achavam que eu estava melhor de vida. E, quando a mesada não era suficiente, eu roubava coisas em casa, como dinheiro da carteira do meu pai e jóias de minha mãe. Comecei a ir mal nos estudos, meus pais começaram a perceber minha radical mudança de atitudes e me fiscalizar. Uma vez, em uma 'roda de droga', já tarde da noite, eu tinha matado aula. Eu não sabia que meu pai ligara para o colégio para confirmar minha presença. De repente, eu ouvi chamar meu nome. Era o meu pai. Ele descobrira tudo. Daí para frente minhas relações com meus pais foram de mal a pior e eu os fiz sofrer muito. Eu repetia o ano na escola,

ou por faltas excessivas, ou por baixo rendimento. Meu pai, desesperado, não dava trégua. Passou a seguir todos os meus passos e reduziu a minha mesada. Chegamos a ter conflitos próximos de ofensas físicas. Até que eu aceitei um tratamento em uma clínica de recuperação viciados em drogas. Hoje, passo os meus dias com psicólogas, palestras com ex-adictos, orações, aulas de fisiologia sobre os efeitos das drogas. Meus pais me visitam freqüentemente. Todos os domingos há o almoço com as famílias. Todas trazem os pratos de comida e disponibilizam para os internos. Depois, há as reuniões entre os internos e os familiares para que ambos mostrem os progressos que estão sentindo com relação ao tratamento. Ao final, internos e familiares fazem uma roda de mãos dadas no pátio para uma reza coletiva. Eu tenho procurado me esforçar para que este tratamento dê certo. Minha mãe chora ao me ver, chora quando se despede e passa a semana chorando. Não há droga que compense ver este sofrimento de minha mãe. Acostumada a tratar outras pessoas com os mais diversos problemas em sua clínica de psicologia, minha mãe não consegue superar este seu drama pessoal. E eu me sinto profundamente culpado.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria tido, com certeza, nenhuma experiência com drogas, fato que acabou com a minha vida por muitos anos, além do injusto e imerecido sofrimento que impus aos meus pais. Que Deus me ajude no tratamento que estou fazendo. Não vejo a hora de voltar a estudar. Vou fazer de tudo para reconhecer este esforço e apoio de meus pais procurando me formar em medicina.

39 - Tive um relacionamento difícil com meus pais, eles se foram desta vida, fiquei devendo muitas coisas para eles...

A diferença entre minha idade e a idade de meus pais era muito grande. Eu nasci quando minha mãe tinha 43 anos e meu pai 48. Um pouco antes deles falecerem, eu descobri que tudo o que eu achava que era 'enchimento de saco' por parte deles na minha adolescência e que eu não suportava, era só cuidado, carinho e um amor incondicional de um pai e uma mãe que queriam o meu bem, o meu sucesso e, principalmente, queriam me ver feliz. E eu retribuí isto com muitos atos de desrespeito e indisciplina. O que os hormônios de uma adolescência não fazem, não é? Esta crise de adolescência me deixou cega e eu nem percebi que o meu tempo com eles estava se espirando. Em nosso convívio, tivemos muitas divergências e discussões, com sucessivas respostas minhas: "Vocês não mandam mais em mim!". Assim, curti muito pouco os dois depois disso, até que Deus os libertou e eles, tendo sua tarefa terrena cumprida, seguiram seu caminho. Um conselho que gostaria de dar a todos - quem tem seus pais vivos ainda hoje, independente de sua idade, aproveite enquanto eles estão aí com

vocês, mesmo quando estão ‘pegando no seu pé’. Quando vocês não tiverem mais nenhum dos dois vai entender o que eu estou falando.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me deixado levar por um relacionamento tão difícil com meus pais e teria curtido muito mais os dois, enquanto eram vivos. Agora que não tenho nenhum deles aqui comigo, sinto saudades, sinto falta das nossas conversas, dos conselhos, da proteção, enfim, da presença deles. Fiquei devendo tantas coisas para eles. Nunca mais vou poder pagar minhas dívidas com os meus queridos pais.

40 - Nasci em um belo país, mas estou profundamente decepcionado com o Governo e com muitos brasileiros, gostaria de ter nascido em outro país...

Esta minha contribuição fica mais no campo filosófico, com possibilidades mais abstratas e fantasiosas. Assim, se eu pudesse escolher e tivesse a oportunidade de ter outra vida, não queria nascer brasileiro outra vez, tamanha tem sido minha decepção e indignação com as inversões de valores que tenho presenciado e sofrido. Alguns exemplos simples, e nem estou falando nas coisas óbvias, como José Genoino num cargo ligado a Justiça; Titirica num posto ligado à Cultura; Ronaldinho Gaúcho sendo homenageado na Academia Brasileira de Letras; Lula dando palestras sobre temas que não tem credibilidade e nem preparo; concessão de cidadania italiana à Marisa da Silva; passaportes especiais a familiares de governantes, sem direito; aviões da FAB para levar para casa, aos finais de semana, o Ministro da Justiça Tarso Genro; os recordes nas despesas com os cartões de crédito corporativos do governo; Universidade de Coimbra, colocando em questão toda a sua tradição, atribuindo título de doutor a Lula, apesar de ter estado à frente de um dos mais corruptos processos; todo o tratamento de saúde do vice-presidente pago pelo governo, apesar de ser um dos mais ricos empresários brasileiros. Falo de coisas como os irresponsáveis gestores do nosso IR, que passaram alguns anos insistindo na interpretação equivocada em tributar parte dos rendimentos de férias e depois que tudo fica esclarecido, você retifica suas declarações para corrigir um erro deles, ao invés de receber um crédito como consequência da correção, recebe uma cobrança de imposto. E o que fazer? Dedicar todo o seu tempo, pegar senhas e filas, preencher requerimentos, enfrentar dissabores e ficar frente à incompetência dos servidores públicos, onde somos tratados como visitantes indesejados antes de contribuintes respeitados. Outro dia recebi em casa uma foto de satélite comprada pela prefeitura de Valinhos me dizendo que a metragem da minha casa era muito superior ao que constava no cadastro. Também dizia que se eu não comparecesse até determinada data o lançamento seria automático e eu estaria concordando com a nova metragem. Ora, os fiscais já haviam comparecido pessoalmente em casa e

conferido as medidas. Também já haviam liberado a planta. Compareci com uma via da planta registrada pela prefeitura e retificaram a imbecilidade. Aproveitei para perguntar por que eles não procuraram a via da planta que estava exatamente naquele lugar em algumas das gavetas! A mocinha, coitada, não soube me explicar! Outra vez, o seu tempo não importa para o funcionário público, as filas, senhas, olhares incomodados e a burocracia que se repete e se repete. Que pena! O que estão fazendo com o nosso país? E, o que é pior, o que continuarão fazendo? Isto sem falar do povinho que não tem princípios básicos de cidadania, suja nossas praias, polui os rios, é mal educado. Vemos a corrupção se generalizar em todas as instituições, a violência nos prender em casa, a falta de impunidade da Justiça, equivalente a dar a todo brasileiro uma 'autorização para matar'. Está demais para mim.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria nascido no Brasil. Se isto pudesse ser negociado com o Destino, eu optaria em nascer na Suíça, Dinamarca, Suécia, Finlândia e outros países onde os cidadãos honestos e bem intencionados podem conviver com semelhantes felizes e em paz.

41 - Eu cobrava dele, insistentemente, maior atenção para mim e para a família, um dia ele, simplesmente, surpreendeu a todos nós saindo de casa...

Ele saiu de casa do dia para noite, sem aviso prévio. Cheguei do trabalho e ele estava me esperando para comunicar sua decisão. Já havia falado com meus filhos e já havia tirado tudo dele de casa durante o dia, de CDs a protetores solares. O mais incrível é que isso foi numa quarta-feira e, no final de semana anterior, estivemos na praia, só nos dois e nos curtimos muito. Foi um fim de semana com tudo de melhor, nos reunimos com amigos, jantamos, namoramos, a praia estava ótima e nós voltamos de lá com as baterias carregadas. Tudo parecia estar muito bem. Ele estava alegre e feliz.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... sei! Talvez, tivesse feitos menos cobranças das que eu estava fazendo dele para ele tivesse um equilíbrio entre casa e trabalho. Nos últimos seis meses, o trabalho estava tirando-o de casa das 5h30 às 22h00 e eu estava me sentindo muito sozinha. Infelizmente, ele não me alertou que a pressão estava sendo demais para ele, nunca me deu um 'chega junto' para que eu parasse de cobrar ou algo do gênero e então eu continuei a cobrar achando que aquilo estava entrando por um ouvido e saindo pelo outro, pela falta de reação dele. Talvez tenha externado isso de outra maneira (sinais) que ou eu não percebi ou associei a problemas no trabalho e não comigo. Ainda estou atônita para saber o que vou fazer. Se o procuro para explicar melhor, se digo que o amo muito, se espero que ele

reflita e me procure. Meus amigos dizem que este assunto parece não estar, ainda, resolvido.

42 - A falta de maturidade faz com que cometamos muitos erros, estes erros repercutem e nos ensinam até os dias de hoje...

Ser mãe é uma doação constante e não querer nada em retorno. Confesso que, agora que meu filhote está com 8 anos, estou começando a entender como isto funciona. Uma vez, conversando com uma amiga muito querida, ouvi dela que “nós só podemos doar, aquilo que temos” e eu, infelizmente, não tinha muito a doar como mãe. Mas, como Deus é infinito em sua bondade, hoje estou bem melhor, mas ainda tenho um caminho enorme para percorrer neste sentido! Outro aspecto de minha vida - eu sempre fui muito inflexível, principalmente nos relacionamentos no trabalho. A paciência e o bom senso deveriam sempre ter sido usados. O que nós não aprendemos pelo amor, nós aprendemos pela dor, o que é muito mais difícil e sofrido, mas que nos ensina, também. Eu devia ter confiado mais em Deus. Na maioria das vezes queremos que as coisas aconteçam da forma que idealizamos e nem sempre este é o melhor caminho para nós. Se confiássemos mais nas decisões que Ele toma por nós evitaríamos muitas situações dolorosas e viveríamos mais confiantes.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... seria tão despreparada para ser mãe. Teria feito cursos neste sentido, ouvido mães mais experientes. Se eu pudesse voltar no tempo, eu jamais trataria tudo a ferro e fogo conforme fiz no passado. Teria tido melhores relações no trabalho através de uma maior empatia e flexibilidade. Se eu pudesse voltar no tempo, eu confiaria mais nas decisões que Deus toma por mim. Não procuraria viver e planejar minha vida de forma a não precisar nem de Deus.

43 - Neguei um empréstimo ao meu irmão em uma hora de necessidade, sua fisionomia de decepção e tristeza me acompanha até os dias de hoje e me dá um profundo arrependimento...

Meu irmão mudou de São Paulo para tentar a vida em outro estado. No Rio de Janeiro, em uma cidade litorânea, ele tentou algumas atividades como empregado, mas não deram certo. Com o dinheiro da venda de sua única casa em São Paulo, ele comprou um terreno e fez uma casa com loja embaixo. Era uma casa de dois quartos, sala, cozinha e banheiro, mas suficiente para acomodar sua família. A loja embaixo era para alugar, mas ele viu uma oportunidade - montar uma mercearia para venda de produtos alimentícios e de uso doméstico em geral. Seria uma espécie de ‘socorro’ aos turistas e moradores, quando os supermercados estivessem fechados ou se

localizavam em lugares mais afastados. E a ideia era ter, igualmente, serviço de lanchonete e bar. Mas, seu dinheiro tinha acabado. Um dia, recebi sua visita de surpresa em meu emprego e ele me falou de seus planos. Precisava comprar equipamentos para viabilizar os seus projetos. Nesta primeira solicitação, eu não hesitei e emprestei o valor solicitado. Era um valor razoável, mas eu tinha o dinheiro sem maiores problemas. Ele fez parte das compras que precisava, mas retornou a São Paulo, para uma nova solicitação de empréstimo. Desta vez, ele me esperava na esquina da rua onde eu morava e já era tarde da noite. Ele veio direto do Rio de Janeiro e voltaria de ônibus naquela própria madrugada. Nesta segunda solicitação eu fiquei hesitante. A possibilidade destas solicitações virarem rotina me fez recuar e eu recusei. Ele insistiu, quase em desespero, que aquele valor seria o suficiente para terminar a instalação do negócio, comprar um estoque mínimo de mercadoria e começar a trabalhar. Eu repeti que não tinha o valor solicitado. Ele se calou, me olhou com profunda decepção e tristeza. Não me ofendeu, apenas disse que entendia e foi embora em silêncio na noite fria, procurando um ônibus que o levasse à rodoviária. Eu já estava me sentindo um lixo de gente. Aos trancos e barrancos, pedindo emprestado para várias pessoas, passando por humilhações, ele conseguiu o dinheiro complementar que precisava. O negócio deu mais do que certo. Ele prosperou em pouco tempo e, com os próprios resultados, ele expandiu, ampliou a casa e chegou onde queria chegar. Um dia, ele me procurou para pagar o empréstimo concedido há alguns anos atrás. Eu disse que não precisava e que podia ficar com o dinheiro, depositar em uma conta poupança em nome de seu único filho adotivo. Ele ficou grato e parecia que não tinha restado nenhuma mágoa, como aparentemente não restou. Alguns anos depois, ele foi acometido de um câncer no intestino e todos pensavam que iria morrer dado ao estado em que ficou. E, quando eu olhava para ele, acreditando que sua vida teria um fim, meu arrependimento por ter recusado o segundo empréstimo se transformou em uma verdadeira tragédia moral para mim. Felizmente, o câncer foi controlado e lá está ele atendendo seus turistas e moradores do bairro.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria recusado o segundo empréstimo. A tristeza e decepção que eu causei ao meu irmão naquele momento tão importante para sua família não valeram o dinheiro que eu preferi manter sob meu controle. Perdi a oportunidade de participar deste seu projeto de vida. Espero que, realmente, ele tenha me perdoado e que mágoas e ressentimentos não ficaram em seu coração.

44 - Eu deixei o Destino traçar minha vida profissional, poderia ter escolhido uma carreira que fosse mais coerente com os meus valores e sentimentos mais profundos...

Até hoje me lembro do teste feito na primeira empresa onde trabalhei. Eu havia me aplicado ao cargo de Auxiliar de Contabilidade. Afinal de contas, estava cursando o Técnico em Contabilidade e tinha em meu currículo nada mais nada menos que um curso de nove meses em datilografia e dominava o idioma inglês no nível de conversação. Para os idos de 1959, estas eram condições excepcionais de competição no mercado de trabalho. Eu fui muito bem no teste a ponto do Departamento de Pessoal da empresa me convidar para uma vaga de Escriturário de Pessoal, desviando o meu processo de seleção do Departamento de Contabilidade. Terminado o curso técnico eu ingressei na faculdade de direito. Era meu desejo ser Juiz de Direito. Formado, fiz um curso preparatório e passei no concurso de Juiz de Direito do Trabalho para uma vaga aberta em Mato Grosso. Mas, a esta altura, eu já era Assistente de Pessoal, tinha família e compromissos financeiros que, aliados a uma boa remuneração, me fizeram recusar o cargo de Juiz de Direito e seguir carreira na área de recursos humanos. Nesta área, praticamente eu trabalhei em todas as funções, até galgar o cargo máximo de Diretor de Recursos Humanos em uma grande multinacional. Mas, confesso que não fui feliz nesta carreira. Ela foi muito estressante para mim e vivi um período longo de minha vida profissional tomando remédio para estresse, entre outros antidistônicos. Fui bem sucedido, sim. Ganhei um bom dinheiro, sim. Mas, esta carreira estava consistente com meus valores pessoais mais íntimos e meus sentimentos, não. E isto ficou claro para mim quando fiz, muito tardiamente e já no final de minha carreira, o teste de MBTI. Este teste se propõe a mostrar para a pessoa os seus valores pessoais mais autênticos e verdadeiros e o nível de seu sentimento e como ele o influencia na tomada de decisões. E este teste mostrou para mim quais seriam as atividades profissionais que se mostrariam como consistentes com estes valores e sentimentos onde, conseqüentemente, eu poderia ter sido mais feliz e realizado como pessoa e como profissional. Estas funções eram: cargos de Magistratura, como Juiz de Direito; Escritor; Religioso; Professor. E este teste demonstrava alguns cargos de grande incompatibilidade com estes valores, como cargos de Diretoria e Gerência. Exatamente os cargos onde fiz minha carreira profissional. Assim, tudo tinha sido explicado e tudo estava claro para mim.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria deixado o Destino traçar livremente a minha vida profissional. Teria feito melhores análises e avaliações, teria seguido mais meus instintos, teria feito testes vocacionais. Não há conselho melhor que eu poderia dar aos jovens, como profissional de Recursos Humanos que fui por mais de 50 anos, como o de procurarem compatibilizar suas carreiras com os seus valores pessoais mais profundos e seus sentimentos mais autênticos, na certeza de serem mais felizes e realizados.

45 - Desde criança eu sempre fui um defensor e protetor dos animais, mas um dia cometi uma violência que não me perdoarei nem que eu viva cem vidas...

Desde criança eu sempre fui um grande admirador, defensor e protetor dos animais. Nós morávamos em uma casa de quintal grande e eu tinha como amigos cabras, tartarugas, patos, galinhas, coelhos, cachorros. E passava meus dias de infância ora estudando, ora cuidando deles. Cresci, progredi em minha carreira e comprei um sítio onde eu pude me dedicar de corpo e alma aos nossos amigos animais. No sítio eu mantenho um criadouro com frutas e sementes, o que atrai várias espécies de animais silvestres. E foi neste sítio que eu mandei construir um grande pombal. Dos três primeiros casais que comprei e acostumei neste pombal com 38 ninhos, em pouco tempo eu tinha por volta de 150 a 200 pombas. Quando eu chegava no sítio eu gostava de bater palmas e elas saiam em revoada dando várias voltas ao redor do sítio em um lindo espetáculo. Mas, pombas atraem gatos. Por volta de cinco gatos se instalaram embaixo do pombal e passaram a se alimentar dos filhotes de pombas, em seu primeiro voo (geralmente, caem no chão). Eu tentei de tudo para evitar isto. Fiz uma cerca de alambrado, mas eles pulavam esta cerca. O número de pombas diminuía e todas às vezes eu encontrava dezenas de carcaças de pombas ou filhotes espalhadas pelo sítio. Bem, resolvi controlar a população de gatos, armando armadilhas e pedindo ao caseiro para ‘dar um fim’ neles. Acabei com todos eles. Senti-me muito mal, mas achava que tinha que proteger as pombas. Bem, o que ocorreu foi que as pombas começaram a crescer desordenadamente e, em pouco tempo, havia mais de 300 pombas. Elas começaram a se acomodar também no sítio do meu vizinho, em uma varanda grande que ele tinha. E, naturalmente, começaram a sujar toda a varanda com suas fezes. Ele passou a reclamar o tempo todo, me enchendo a paciência. Assim, solicitei ao meu caseiro que passasse a recolher todos os ovos nos ninhos, semanalmente. E ele fez isto por vários meses. A proliferação de pombas foi paralisada. Eram dezenas de ovinhos, que ele comia ou dava para outros parentes. Quando as pombas se ‘cansaram’ de ver que os ovos dos ninhos estavam sendo retirados, elas simplesmente desapareceram de um dia para o outro. Resultado: acabei com os gatos e fiquei sem as pombas.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria interferido no controle natural do número de pombas que os gatos faziam. Mas, senti mesmo pelos pobres gatos. Fiz tudo errado. Arrependo-me profundamente por ter interferido neste controle natural da natureza e, principalmente, por ter autorizado o ‘fim dos gatos’.

46 - Sempre fui um pai provedor, acumulei bens materiais achando que esta seria a melhor forma de proteger meus filhos, mas fui um pai ausente em momentos importantes de suas vidas...

Meu casamento ocorreu muito cedo. Aos 19 anos estava casado. Aos vinte anos já era pai de dois filhos, mais tarde de um terceiro filho. Vindo de família simples, eu coloquei como valor maior a segurança financeira e material da família. Desde o começo do casamento, eu ficava após o expediente em longas horas extras. Quando não tinha horas extras a fazer no meu setor, eu me oferecia para trabalhar em horas extras em outros setores. À noite meu destino era a escola. Eu achava que estudar era tão importante como trabalhar, para o bem da família. Assim, não vi meus filhos crescerem. Convivia com eles um pouco aos finais de semana. Durante a semana eu me contentava em dar-lhes a última mamadeira do dia, lá pela meia noite e ia dormir, procurando recuperar o cansaço para mais um dia seguinte de intenso trabalho e estudos. Meus filhos cresceram. Cresceram sentindo muito minha ausência nos momentos de fazer a lição de casa, às aulas de natação, às competições esportivas na escola, às comemorações do Dia dos Pais, aos passeios de bicicleta e muitos outros momentos que para eles valiam mais do que os bens que eu me esforçava para deixar como herança. E o Destino me pregou uma peça neste sentido. Eles cresceram, se formaram, casaram, tiveram seus próprios filhos. E uma coisa que aprenderam de forma triste é que eles não queriam isto para suas próprias famílias. Eles não queriam levar para os seus filhos estes traumas de infância que tanto marcaram suas vidas. Eles não tinham de mim as melhores lembranças como pai. E isto para mim foi muito triste. Quanto aos bens que acumulei, eles preferiram trabalhar e realizar seus próprios sonhos materiais. Praticamente de tudo que eles herdaram pouco restou em sua forma original. Eles tinham os seus próprios sonhos que não eram os mesmos sonhos que eu pensava para eles. Claro que o fato de prover os recursos materiais e financeiros foi importante para eles. Foram com estes recursos que eles se formaram e tiveram sua primeira casa própria no casamento. Mas, não foram no grau de valor, reconhecimento e importância que eu imaginava. Fui um excelente pai provedor. Mas, não fui um excelente pai no amor. Das propriedades que eles herdaram não resta nenhuma. Talvez, uma lembrança que eles não quiseram guardar.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria dirigido minha vida para acumular recursos financeiros e materiais pensando na proteção da família. Teria sim feito isto de forma mais comedida, sem negligenciar nos momentos importantes da vida de meus filhos. Ao invés das horas extras em excesso, eu os acompanharia nas lições de casa, os levaria às aulas de natação, assistiria as competições esportivas na escola, me emocionaria nas

comemorações do Dia dos Pais, compraria uma bicicleta para mim para fazer passeios juntos com eles. Não perderia os momentos que para eles valiam mais do que os bens que eu me esforcei para deixar como herança que, no final, foram relativamente desprezados na busca de seus próprios sonhos e projetos materiais.

47 - Fiz uma longa carreira em uma única empresa, chegando ao posto de Presidente. Aos 50 anos de idade resolvi parar e fiz um acordo trabalhista. Pensava que o dinheiro nunca fosse acabar...

Eu acabara de me formar em Engenharia Civil na USP. Esta escola é mundialmente reconhecida pela excelência de seu ensino e seus alunos são assediados pelas empresas ao final do curso. E comigo não foi diferente. Assim, entrei como Trainee em uma empresa grande construtora nacional, começando minha carreira profissional. Os anos foram se passando e eu ocupei várias funções na empresa, em especial nas áreas de projetos de engenharia e obras. Depois de quinze de casa, fui promovido ao cargo de Presidente. Como Presidente, trabalhei por dez anos. A remuneração e os benefícios eram muito competitivos e eu pude realizar meus sonhos de consumo com relativa facilidade. Quando completei 50 anos de idade, eu já estava com 25 anos de empresa. Realizado pessoal e profissionalmente, com um bom patrimônio, achei que era chegada a hora de parar e curtir as coisas boas que a vida oferecia e que, não raras vezes, a carga e as responsabilidades do trabalho não me permitiam. Foi uma decisão mais fácil para mim do que para os meus parentes e amigos. Estes achavam que eu ainda era muito jovem para abandonar uma empresa e um emprego como eu tinha. Mas, nada e ninguém me convenceram. Eu estava decidido e propus um acordo trabalhista que, após uma relutância pela empresa, foi aceito. Nesta oportunidade, eu tinha a certeza absoluta que eu teria o dinheiro suficiente para toda a minha vida. Assim, me lancei na vida disposto a aproveitar tudo de bom que eu achava que ela podia me oferecer. Nesta fase, eu tive diversas ofertas de trabalho de 'head hunters'. Afinal de contas, o renome da empresa onde eu fui Presidente me recomendava ao mercado. Mas, eu recusei todas as propostas. Começar de novo, enfrentar um escritório de engenharia com mil e um problemas não era mais meus planos de vida. Assim, comecei minhas viagens internacionais acompanhado da esposa. E foram umas atrás das outras. Depois fiz investimentos em carros antigos, comprei apartamento de luxo, comprei carros importados. Quando não estava viajando, estava jantando nos restaurantes mais nobres e caros de São Paulo. Recebia amigos para festas regadas a um bom vinho e champagne. Eu vivi a vida que pedi a Deus. Entretanto, este estilo de vida não foi suficiente para eu manter o meu casamento. Minha esposa pediu o divórcio. Com o divórcio, ela levou parte de meus bens. Casei-me

novamente e novos investimentos eu tive que fazer em imóveis, móveis e carros. Bem, o dinheiro começou a ficar escasso. Os juros que eu tinha que tirar de minhas aplicações fazia com que o capital principal se congelasse a um valor preocupante. Eu não conseguia baixar as retiradas pelos compromissos financeiros assumidos. Resolvi, então, tentar novamente o mercado de trabalho. Mas, meus 60 anos de idade e 10 anos de paralisação das atividades profissionais não me credenciavam mais ao mercado. Eu não tinha mais emprego e meu dinheiro ficava, cada vez mais, a um nível que exigia cuidados nos gastos, coisa que eu não conhecia antes. Hoje, com 66 anos vivo uma vida simples, com um único e popular carro, troquei um apartamento de cobertura por outro menor. Acabou-se o sonho...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido tão insensato, quer em relação à decisão de parar de trabalhar aos 50 anos de idade, deixando uma empresa de primeira linha e um cargo invejável, quer em relação a um estilo de vida de luxo, que beirou à irresponsabilidade. Esta combinação de decisões erradas me levou hoje a uma vida que não corresponde aos meus hábitos e costumes anteriores. Isto tem me causado momentos de depressão e frustração. Pior ainda saber que foram decisões que não têm retorno.

48 - Estive tão focado em uma carreira gloriosa que esqueci de valores tão importantes, como curtir meus pais. Agora é tarde, eles não estão mais comigo...

Ambição era uma característica de minha personalidade desde criança. Eu me lembro de meus pais sempre me chamarem atenção neste sentido. Eu queria sempre mais brinquedos, ganhar mais ovos de páscoa, ter mais moedas em meu cofrinho. Cresci assim, ambicioso. Crescer profissionalmente passou a ser o meu objetivo número um na vida. Ter um cargo elevado em uma empresa e ganhar muito dinheiro passou a ser minha ambição maior. E como quem quer procura, eu procurei. Procurei estudar muito, me aplicar e dedicar esforços nos meus empregos, mostrar produção para os meus superiores. Minha ambição nunca foi inconsequente, daquela que você deseja algo mas não luta por ele. No meu caso eu desejava crescer na carreira, mas procurava ter os méritos para isto. E fui muito feliz e bem sucedido neste sentido. Como profissional de RH eu passei por quase todas as funções da área até chegar ao cargo de Diretor de RH. Eu gostava muito de contato e marketing. E, um dia, algo muito incomum aconteceu em minha vida. Eu fui convidado para ser Gerente Geral da Fábrica da empresa localizada em outro país da América Latina. E lá fui eu e minha família para este país. Durante todo este processo de foco no trabalho, havia duas pessoas que esperavam o tempo todo por um pouco de atenção e carinho de minha parte - meu pai e minha mãe. Mas, às vezes nós filhos achamos

que o simples fato de existirmos, ter sucesso na vida e não dar mais trabalho para os pais já é suficiente para que eles se sintam satisfeitos. Ledo engano. Quantas e quantas vezes minha mãe ficou esperando com a macarronada pronta aos domingos esperando por uma visita de surpresa minha: “Já se passaram dois meses que ele não vem. Com certeza virá neste domingo!”. E esta esperança de minha mãe se repetia e minha ausência, também. No lado profissional atingi todos os meus objetivos. Acumulei um bom patrimônio, mantinha um padrão elevado de vida, comprei os imóveis que queria. E minha vida prosseguiu desta forma. Entretanto, quando eu estava próximo de me aposentar, perdi meu pai e, alguns anos depois, minha mãe. Eles se cansaram da vida e de me aguardar para a macarronada do domingo. Hoje, aposentado, busco valores perdidos nos amigos, nos filhos, nos parentes. Mas, o maior valor que eu gostaria de encontrar era da presença de meus queridos pais. Eu sinto até hoje a importância deles na minha formação e na minha trajetória. Sempre achei que eles estariam muito orgulhosos de ter um filho bem sucedido. Porém, falhei na minha presença, na dedicação de um tempo mínimo para almoçar junto com eles, levá-los a um passeio ou simplesmente conversar e ver fotos antigas. Agora, restam apenas a sua lembrança, os bons momentos de infância que passamos juntos. E as flores que todo o mês eu levo ao cemitério, como procurando me redimir um pouco, tardiamente, de meu erro...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria abandonado meus pais como fiz. Nunca repetiria este erro. Falhei ao acreditar que meu sucesso profissional seria tudo que bastasse para eles. Do patrimônio que acumulei em nada se compara ao patrimônio que representaria a presença deles. Só meu resta pedir perdão aos meus queridos pais ‘post mortem’.

49 - Hoje eu enxergo que eu tive muito preciosismo em meu trabalho, procurando ser perfeccionista nos mínimos detalhes. Isto me tirou o foco em valores mais importantes da nossa vida...

Eu trabalhei em uma mesma empresa por 35 anos e sempre tive como foco ser um empregado modelo em todos os aspectos. No meu registro não há uma única falta ao trabalho em todo este período. Eu excedia em preciosismos em tudo que fazia, sendo perfeccionista até nos pequenos detalhes. Fiz uma brilhante carreira, ganhei e acumulei dinheiro e imóveis. Mas, hoje eu percebo os erros que cometi não dando foco em valores mais importantes da nossa vida. Nesta dedicação máxima de todo o meu ser para a minha empresa, eu não acompanhei meus filhos crescerem, mal vi minha esposa envelhecer, meus pais se foram saudosos de minha presença. Meus dois filhos viam em mim um modelo de homem bem sucedido que eles não se atreviam a acompanhar. Eu era o modelo e o ídolo. Ao invés disto servir

como um estímulo para eles serviu como uma espécie de resignação e acomodação. Eles se resignaram que nunca seriam como o pai e se acomodaram nos estudos e no espírito de luta. Afinal de contas, não tiveram um pai acompanhando seus estudos, seus sonhos, analisando junto seus planos de vida. Quando me dei conta, eles estavam com 27 e 25 anos de idade, sem nenhum registro em suas carteiras profissionais de um emprego. Além da falta de acompanhamento e estímulo de uma maior presença minha, eles sabiam que herdariam um patrimônio que os garantiria pelo resto de suas vidas. Eles se tornaram párias do pai. Eu fui me dar conta disto por ocasião de minha aposentadoria. Talvez, tardiamente. Hoje luto para recuperar estes valores de vida, apesar da frieza e distância de minha esposa e dois filhos que se preocupam mais com sua aparência física invejável, conquistada por longas horas na academia, e a estranheza de irmãos e primos, como se nem um parente eu fosse...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... colocaria meu emprego como minha única prioridade de vida. Conviveria mais com minha esposa, acompanharia seus problemas pessoais e familiares com mais cuidados, formaria meus filhos para que tivessem ambições profissionais próprias e lutassem por objetivos mais verdadeiros, não me tornaria um estranho para irmãos e primos. Não sei como vou conseguir recuperar estes valores. Mas, esta será minha meta deste final de vida. Meta que me entregarei com a mesma intensidade com que me entreguei à carreira profissional. Espero que não seja tarde demais...

50 - Uma viagem de aventura e uma pescaria no Pantanal quase se transformaram em uma tragédia familiar...

Não sei se esta minha história vai ser interessante, mas foi muito marcante e angustiante essa passagem na minha vida. Hoje, quando alguém fala em pescaria me dá vontade até de chorar. Por várias vezes recebi convite de um amigo para conhecer a fazenda onde ele investia todas as suas economias na criação de gado. Isso foi em 1989 e meus filhos tinham entre 8 e 10 anos. Resolvemos, eu e o meu cunhado, aceitar o convite para esta pescaria. Ele era um geólogo e dizia conhecer tudo de pescaria. Fomos de carro e levamos, nada mais nada menos, que 20 horas de viagem até nosso ponto de chegada. A viagem, apesar de longa, foi muito agradável. Fomos curtindo a mata que foi a única coisa linda que ficou na lembrança. A fazenda ficava 250 km de Cuiabá, estrada asfaltada e depois mais 100 km de terra batida. No meio da mata passamos em mais de 30 pontes todas de madeira, que mal cabia a roda do carro. Chegando a Nobles, em Mato Grosso, tinha uma pessoa nos esperando para ser nosso guia até chegar à fazenda. E foi aí que começou o nosso desespero com as histórias que o Senhor José, irmão

do meu amigo que era o capataz da fazenda, começou a contar. Ele falou sobre cobras de 11 metros, que tinha aos montes na fazenda, e jacarés que chegavam até a porta da sede, que ficava a uns 30 metros da beira do rio. Mais horripilante ainda ficou a situação, quando ele disse que, à noite, tanto as cobras como os jacarés, rodeavam a casa à procura de alimentos. Ai ele completou nosso pânico com a história de um visitante, que quase morreu picado por uma jararaca. E não era conversa de pescador, pois na estrada encontramos algumas cobras que não eram pequenas. Chegamos no começo da noite na fazenda e nossa maior surpresa foi que tinha somente um quartinho, que mal cabia uma pessoa. Com a maior simplicidade o meu amigo nos deu quatro colchões para estender na varanda da casa, que era o local onde tínhamos para dormir. Ficamos os quatro de plantão a noite toda e não chegamos sequer piscar os olhos. E naquela noite sumiu um cachorrinho de estimação do caseiro e foi visto na boca de uma sucuri. Na manhã seguinte, que para nós continuava o dia porque ninguém fechou o olho, o meu amigo Antonio perguntou como havíamos passado a noite. Tivemos que responder que foi uma noite muito gostosa que deu para descansar. Tomamos café e fomos pescar. Infelizmente o rio não estava para peixe. Fomos informados que, quando não se consegue pegar peixes, é porque tem cobra ou jacaré próximo à beira do rio. Saímos em disparada. Bom, depois de dois dias sofrendo sem dormir e sem pegar peixe resolvemos voltar porque não tinha mais clima para ficar naquele lugar. O meu amigo Antonio, com toda educação e simplicidade, não aceitou o nosso retorno tão cedo. Para nos agradar, contratou um pescador experiente que tinha um barco e que conhecia os lugares onde poderíamos fazer uma boa pescaria. Ficamos em cinco no barco que mal cabiam duas pessoas. Começou a escurecer e nós estávamos no meio do rio subindo contra a correnteza. Foi quando o barco virou e acabamos todos dentro do rio. Para quem não sabe, o rio Cuiabá tem no mínimo 300 metros de largura. Já tínhamos visto cobras, jacarés na beira do rio e, depois de todas as histórias contadas, imagine como estava a minha cabeça. Eu não sabia onde estavam meus filhos e, muito menos ainda, onde eu estava. Eu só sabia que havia descido com a correnteza muitos minutos. Tudo escuro eu fiquei enroscado em um galho dentro rio gritando pelos meus filhos e ninguém respondia. Passava alguma coisa na minha perna eu achava que era cobra ou até mesmo jacaré. Fiquei por lá gritando mais de duas horas e nenhum sinal de vida. Bom, depois de muito tempo, ouvi um barulho de motor de barco e comecei a gritar e, até que enfim, vieram me buscar. Meus filhos conseguiram atravessar o rio nadando na mesma direção onde que caíram. Eu fui parar quase dois km rio abaixo. Faltou um pouco de força e resistência para nadar como os meus filhos. Depois de tudo isso não tinha mais como ficar um minuto a mais naquela fazenda. No dia seguinte, quase três dias sem dormir, viemos embora. E para ajudar, no meio do caminho

conseguimos fundir o motor do carro. O motor estava sem óleo. Ficamos na estrada mais de cinco horas esperando uma carona. Duas pessoas vieram em nossa direção e ofereceram carona, um deles estava com um facão na cintura e outro com uma espingarda na mão. Mas, eram pessoas boas. Ajudaram-nos muito e nem aceitaram uma retribuição em dinheiro, que ofereci em agradecimento.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria pisado naquela fazenda e não teria feito aquela aventura sem ter um mínimo de informação sobre o que eu iria encontrar. Muito menos, levaria duas crianças comigo, como fiz com os meus filhos.

51 - Lutei por uma carreira bem sucedida e, quando consegui, resolvi largar tudo e ter uma experiência nova com um negócio próprio. Aí descobri que eu era feliz e não sabia...

Ser Engenheiro Eletrônico era uma vocação despertada desde criança. Os aparelhos eletrônicos, como rádios, televisões, sons, tinham um destino certo - a mesa que eu mantinha em meu quarto onde eu desmontava tudo e procurava entender como aqueles incríveis aparelhos emitiam sons, imagens. E meus pais sempre me incentivaram neste sentido, não se incomodando com a bagunça que eu fazia no quarto. Na escola esta vocação se consolidou através de boas notas em todas as matérias que compõem as chamadas ciências exatas. Passei no vestibular na USP e dava início ao meu curso de Engenharia Eletrônica. No penúltimo ano, fui contratado como Trainee por uma grande empresa de informática e em poucos anos assumi a posição de Service Manager, um Gerente de Assistência Técnica. Um salário compensador, um competitivo plano de benefícios, bônus executivos, ações da empresa e um carro novo a cada três anos, completavam o meu pacote de contratação. Estabilizei-me neste cargo por dez anos, até que veio o esgotamento. Eu me cansei de administrar as reclamações de clientes, os problemas técnicos, as relações trabalhistas com funcionários. E, assim, comecei a alimentar o sonho de ter meu próprio negócio. 'Ah! Se conseguisse isto, eu poderia ficar mais realizado e feliz no meu trabalho. Seria o dono de meu próprio nariz, não teria que dar satisfação mais para ninguém!', pensava eu. E, com este sonho em mente, um dia pedi um acordo trabalhista para minha saída da empresa. A minha Diretoria até tentou me persuadir em contrário, me incentivando a ficar. Eu tinha um conceito de bom funcionário. Mas, nada me demovia da ideia. Eu queria ser empresário e estava decidido. Meus últimos meses de trabalho na empresa, enquanto eles providenciavam um substituto, foi de intenso e motivador planejamento de minha nova empresa. Que nome daria? Que ramo seria? Como conseguir os primeiros clientes? Eu até cheguei a pensar em abrir

uma empresa no mesmo ramo que de minha especialização, eletrônica, assistência técnica. Mas, isto não seria desafiador. Eu queria algo para provar para mim mesmo a minha competência para fazer qualquer outra coisa. E, nesta linha, resolvi entrar para o ramo do lazer e entretenimento - montei um restaurante japonês! Eu sempre gostei de comida japonesa, este tipo de cardápio estava em alta demanda e encontrar pessoas para elaborar o cardápio e cuidar da cozinha não seria tão difícil. Foram semanas e semanas de preparativos com documentação, aluguel de um imóvel comercial em um bom ponto, compra de móveis e utensílios, contratação de pessoal, propaganda. Finalmente, chegou o grande dia da inauguração. A casa estava cheia - cheia de parentes e amigos, inclusive da minha ex-empresa. Todos acharam as instalações maravilhosas e gostaram da comida. A noite encerrou-se com muitos votos protocolares e sinceros de sucesso. Mas, a minha ansiedade estava nos dias seguintes. Eu havia investido todo o meu capital e precisava repor meus investimentos financeiros. Mas, eu estava muito feliz e realizado. Naquele ponto eu não tinha dúvidas que estava no caminho certo. Consertar instrumentos eletrônicos complexos, atender clientes nervosos, nunca mais! As primeiras semanas não foram muito boas em termos de resultados. Isto me obrigou esgotar os meus recursos financeiros e tomar alguns empréstimos no banco. Mas, o começo é assim mesmo, não é verdade? Não, nem sempre é verdade! A casa cheia às sextas-feiras e finais de semana, não compensava a casa relativamente vazia durante a semana. Passados alguns meses eu comecei a ficar impaciente com este meu novo negócio. O faturamento não atingia o que eu precisava para arcar com tantas despesas. Além disto, passei a compreender que tudo tem o seu preço e seus problemas. Vários dias eu fiquei angustiado com o atraso ou falta de entrega de pescados. Por várias vezes, perdi o meu mestre-cooca e os fregueses notavam a diferença nos cardápios. Alguns garçons abriram processos pleiteando a incorporação das gorjetas nos benefícios trabalhistas. As fiscalizações da prefeitura, vigilância sanitária, INSS, imposto de renda, marcavam sua indesejável presença. E com elas, sempre surgiam novos problemas a serem sanados. Bem, encurtando esta triste história. Não completou um ano e eu estava totalmente decepcionado com esta minha escolha. Pensava em vender o restaurante japonês e, quem sabe, voltar-me para um negócio de assistência técnica de aparelhos eletrônicos. Mas, o desafio maior seria vender o restaurante. Eu já sabia que teria que amargar um prejuízo, ciente que estava que não recuperaria os gastos que tive. O restaurante japonês continuou funcionando, cada vez mais precariamente, enquanto não aparecia um comprador salvador. E chegou um dia que eu tive que fechá-lo, dentro do princípio da Economia que diz: 'Uma forma de ganhar dinheiro é deixar de perdê-lo!'. Após alguns meses de seu fechamento, apareceu um casal de chinês disposto a comprar tudo para montar uma pastelaria! Na minha frustração, eu me lembrava de meu

emprego na multinacional de primeira linha, o salário que entrava sagrado todo o mês, o bônus executivo anual que alavanca meus recursos financeiros, o carro da empresa que eu tinha e que me fazia esquecer os gastos com IPVA, manutenção, combustível, seguro. Enfim, descobri, de uma forma amarga e decepcionante, que eu era feliz e não sabia. O dinheiro da venda do restaurante japonês para virar pastelaria de chinês não daria para eu montar um negócio próprio no ramo de minha especialização. Assim, não tive outra saída senão voltar para o mercado de trabalho e ficar feliz com um emprego de segunda linha que me surgiu após alguns meses sem nenhuma atividade, sem as condições de remuneração e benefícios que eu tinha no emprego anterior.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me aventurado em um negócio próprio, largando uma rara e excepcional oportunidade profissional, entrando em um ramo que desconhecia. Tudo isto para provar para mim mesmo uma competência que eu não tinha, no momento que eu não devia, em uma situação que eu não precisava. Como eu pude fazer isto, sequer pesquisando o mercado e os problemas de um restaurante japonês? Quanta imaturidade e erros de julgamento! Mas, agora, tardios.

52 - Eu sempre fui um excelente técnico de serviços de instrumentos eletrônicos de alta complexidade. Por este mérito, fui promovido a Gerente de Serviços Técnicos, começando um inferno astral em minha vida...

Para qualquer profissional uma promoção a nível de Gerência é tudo que ele pode almejar para ter seus méritos de competência e dedicação reconhecidos. Eu me formei Técnico em Eletrônica, não chegando a fazer o curso de Engenharia Eletrônica. Mas, sempre tive um talento especial para fazer diagnósticos de defeitos e reparar instrumentos de alta precisão e complexidade tecnológica. Assim, fui admitido em uma empresa multinacional líder deste segmento como Técnico de Serviços. Eu ganhei sucessivas promoções e aumentos salariais, à medida que avançava no tempo de casa. Após 10 anos de empresa, eu me encontrava no limite máximo da carreira, como Técnico de Serviços Especializado e no máximo da faixa salarial. Ou seja, a minha 'hora da verdade' havia chegado na empresa. Ou eu permaneceria nesta posição para sempre ou avançaria para uma função de comando. Minha habilidade nesta atividade era reconhecida internacionalmente e era comum outros departamentos de serviços de subsidiárias do exterior entrar em contato comigo para ajudá-los no diagnóstico e reparo de alguns equipamentos eletrônicos considerados complicados. Assim, meu nome passou a ser um sinônimo de capacidade e dedicação nesta área. Eu, sinceramente, me sentia feliz, realizado e bem compensado neste meu cargo. Nunca tive a pretensão para escalar para

funções de comando. Entretanto, esta oportunidade surgiu quando o Gerente de Serviços Técnicos foi transferido para a área de vendas. A empresa sequer procurou identificar candidatos potenciais no mercado para ocupar esta importante função. Meu nome foi imediatamente lembrado por todos, no Brasil e na Matriz. Apesar de me sentir muito inseguro, confesso que me entusiasmei com esta promoção. Afinal de contas, o salário e o pacote de benefícios eram bem maiores e eu poderia realizar alguns sonhos materiais de minha vida. E aí eu tive a maior surpresa e frustração de minha vida - eu sabia consertar instrumentos eletrônicos, mas não sabia mandar em pessoas que consertavam instrumentos eletrônicos. Eu não me adaptei às funções de comando. Eu não me saía bem na liderança de reuniões, no planejamento de objetivos e orçamento operacional, nas negociações de contratos de manutenção com grandes clientes e na administração dos conflitos trabalhistas com os funcionários. O medo de perder minha imagem profissional e cair no conceito da empresa nesta função começou a gerar em mim uma situação de pânico. Eu não conseguia dormir, comecei a ficar triste, perdia minhas diretrizes de relacionamentos com as pessoas e até meu comportamento em casa se alterou, trazendo problemas de relacionamento com minha esposa e filho. Adoeci por várias vezes e por várias vezes tive que me afastar por semanas de minhas atividades. O departamento de serviços técnicos começou a sentir a falta de liderança, o que aumentava ainda mais o meu problema de saúde. E foi aí que eu tomei uma decisão e fui procurar o meu Diretor. Eu pedi o retorno para o cargo anterior de Técnico de Serviços Especializado ou o meu desligamento da empresa. Rebaixar um funcionário era algo que o Departamento de Recursos Humanos não via como enquadrar na legislação trabalhista. Mas, a empresa abriu uma exceção e assumiu o risco. Eles fizeram um adendo ao meu contrato de trabalho onde eu expressava ser de minha inteira vontade e solicitação este retorno ao cargo anterior. E assim foi feito. Um novo gerente assumiu, vindo da Matriz. Eu voltei ao silêncio de minha bancada, aos meus manuais de procedimentos e à minha felicidade e bem estar no trabalho...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria aceito o cargo de Gerente de Serviços Técnicos, me deixando seduzir pelas vantagens materiais que a nova posição me oferecia. Ao contrário, teria feito uma análise melhor de minha verdadeira personalidade e limitações e recusado a oferta. Felizmente, o final foi positivo. Mas, ainda trago as consequências desta decisão errada no meu estado de espírito e saúde...

53 - A falta de confiança e timidez me fizeram perder um amor que poderia ter sido o grande amor de minha vida...

Reporto-me ao meu tempo de oitava série de colégio. Antes conhecida como quarta série ginasial. Éramos jovens entre 14 a 16 anos. A classe era

mista, onde garotas e rapazes dividam a mesma sala de aula. Uma das garotas era aquela cobiçada por todos os rapazes conquistadores do colégio. Este não era propriamente meu perfil. Apesar de tímido, eu me incluía entre os que tinham o desejo da conquista despertado por aquela deusa. Retraído, não ousava partir para uma abordagem. Achava que ela era muita carga para o meu 'caminhãozinho'. Então, lembrei-me de que o diretório dos alunos organizava um bailinho domingueiro na escola, uma vez ao mês. Fui munindo-me de coragem. E, ufa! Finalmente a convidei para o próximo baile. O coração batia forte ao convidar, mais forte ainda no momento em que ela aceitou. Encontraríamos-nos na porta do colégio. E, daí para o momento especial, meu coração foi acelerando cada vez mais. Até que chegou a véspera do tão aguardado encontro. Aí foi a vez do cérebro encobrir, superar as razões do coração. Vou ou não vou? Será que ela irá? Mas, se quase todos os garotos desinibidos e conquistadores também a queriam, por que ela teria aceito encontrar-se justamente comigo? Vou ou não vou? Não, ela não irá! Dizia o lado racional do meu cérebro, contrariando meu coração. Vou ou não vou? Vou ou não vou? Não fui! Na segunda-feira, dia de aula, a primeira pergunta que ouvi foi: "Por que me fez ficar esperando por você na porta do colégio?". Depois eu fiquei sabendo que esta moça tinha uma grande simpatia por mim, por meu comportamento, por minha timidez, pelo lado sério com que eu levava meus estudos, pela forma carinhosa e amigável como eu tratava todo mundo. Eu não era um jovem que pudesse ser considerado bonito. Mas, para ela, a beleza estava em todas estas coisas que eu tinha e não soube valorizar.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido tão hesitante e inseguro naquele momento especial de minha vida. Perdi uma linda moça, que poderia ter se transformado em um grande amor.

54 - Eu tenho tido há anos manifestações espíritas, mas não procurei me desenvolver como mediúnico. Este desequilíbrio faz com que muitas coisas aconteçam em minha vida, infelizmente para pior...

Desde criança eu chamei a atenção de meus pais por ver espíritos em meu quarto. Alguns eram crianças sorrindo para mim, outros tentavam me assustar. Como meus pais não aceitavam a doutrina espírita, eles me levavam aos psicólogos e até psiquiatras. Entretanto, sem resultados. Assim, eu cresci e por diversas vezes em minha vida eu senti e via a presença de espíritos. No trabalho eu era designado para falar em várias cerimônias pela capacidade que eu demonstrava de oratória e sensibilização do público. Em todas estas ocasiões, eu via a presença de um espírito me incentivando e me dizendo o que eu deveria falar. Era um espírito do bem e um protetor meu. Mas, meus pais não acreditavam. Um dia, conversei com uma pessoa que frequentava

um centro espírita e esta pessoa me aconselhou a desenvolver minha capacidade mediúnica. Ela me disse que somente assim eu poderia ter uma situação de equilíbrio em minha vida. Caso contrário, os espíritos estariam sempre me forçando a este caminho e, algumas vezes, me causando problemas. Eu iniciei o curso de mediúnico em 1998, mas não consegui terminá-lo por causa do meu horário de trabalho naquele ano. Eu sinto que preciso fazer este curso. Felizmente, o curso é dado todos os anos e pretendo recomeçá-lo agora este ano na Seara Bendita. Eu tenho a certeza de que ele me dará um equilíbrio e muitas coisas que acontecem em minha vida, infelizmente para pior, cessarão. Estou comprometido a começar logo o curso e concluí-lo, o que é muito importante para mim. Eu tenho quase a certeza absoluta que este é o meu caminho. E a certeza disto vem no fato que eu não sinto medo destas aparições visíveis ou da presença invisível destes espíritos. Acho que, assim, poderei ajudar muitas pessoas...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria parado com o meu curso de mediunidade. Eu já estaria mais evoluído espiritualmente, já estaria ajudando pessoas e, principalmente, não teria passado por algumas situações que me deram tristezas e danos materiais.

55 - Minha mãe sempre foi minha inspiração maior e minha maior motivação para vencer na vida. Eu sempre procurei agradá-la e corresponder às suas expectativas. Mas, no momento final de sua vida, eu não pude atender uma solicitação sua...

Éramos uma família de seis pessoas. Meus pais vieram do Japão e, como todo imigrante da época, eles foram trabalhar na lavoura. Eu e meus irmãos tomamos rumos diferentes quando ficamos jovens e maduros. Minha mãe tinha um desejo enorme de ver um de seus filhos formados. E eu aceitei este desafio. Ela era minha fonte inspiradora e minha maior motivação para vencer na vida. A sua luta incessante no trabalho para dar o sustento aos filhos, juntamente com o meu pai, justificavam este meu sentimento por ela. Apesar de poucos recursos, me lancei aos estudos com a mesma garra com que minha mãe se dedicava ao trabalho na lavoura. Eu sabia que não poderia pagar uma faculdade particular, muito menos ainda um cursinho preparatório. Emprestei apostilas de amigos, tirei cópias de livros, emprestei livros de bibliotecas públicas e de amigos. Minhas boas notas no colégio, hoje o segundo ciclo, me davam certa confiança de que poderia chegar lá. E eu queria chegar lá muito mais por minha mãe do que por mim. Bem, já no primeiro vestibular passei no curso de Odontologia da USP. Foi um feito e tanto para mim, mas, muito mais para minha mãe. Assim, depois de formada, pude dar o conforto e garantir o sustento dela da forma como merecia. Mas, o tempo é inexorável. Eu havia perdido meu pai. Alguns anos

depois, minha mãe teve um derrame extensivo. Suas condições de sobrevivência estavam na dependência de um milagre, pela gravidade do caso e por sua idade. E eu, que sempre fiz de tudo para agradá-la e atender suas necessidades, tive uma experiência amarga em minha vida. Ela estava na UTI e, nos poucos momentos de lucidez, ela olhava para mim com uma expressão de ansiedade e desespero e conseguia pronunciar muito fracamente a palavra ‘mizu’. E insistia: ‘Mizu! Mizu!’. Eu, perguntei à enfermeira se podia atender a esta vontade de minha mãe e dar-lhe a tão desejada água que ela queria para mitigar sua sede. A resposta foi não. Ela não podia beber água naquele instante. Apesar de conhecer muito bem estas limitações de tratamento em pacientes na UTI, eu nunca mais esqueci o rosto desesperado de minha mãe pedindo por ‘Mizu!’ e sua tristeza por eu não a ter atendido. Alguns dias depois, ela faleceu. E eu fiquei com uma sensação horrível por deixá-la partir com o sentimento que eu lhe neguei esta única solicitação em toda sua vida. Até hoje mantenho em minha memória sua expressão de angústia pela sede que estava sentindo.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido, provavelmente, tão obediente à recomendação da enfermeira. Eu sabia do estado de saúde gravíssimo de minha mãe e que suas possibilidades de sobrevivência eram inexistentes. Talvez, eu tivesse dado alguns bons goles de água para ela beber e partir com a sensação de frescor em sua garganta ressecada e se despedir de mim com um olhar de agradecimento por esta minha última bondade, apesar da irreverência aos médicos.

56 - Eu já entrara nos 28 anos de idade e era virgem. Minhas amigas me chamavam de ‘careta’ e eu sentia vergonha de minha virgindade. Acabei me entregando para um amigo em que confiava, sabendo ser noivo, para fugir deste estigma. O tempo me mostrou que eu fiz uma grande bobagem...

Eu venho de uma família simples, mas com elevados princípios e valores morais. Minha mãe era um ícone de retidão e decência. Qualquer deslize de minha parte ou da parte de minhas irmãs eram imediatamente punidos física e moralmente. Na adolescência eu tive poucos namorados e meus passos eram vigiados pelo meu pai com rigor. Bem, confesso que isto formou minha personalidade. Eu sempre fui uma moça disciplinada, organizada com minhas coisas, aplicada no trabalho. Estas qualidades me levaram a ser relativamente bem sucedida na minha carreira. Namorados eu tive pouco e eu não permitia maiores ‘atrevimentos’ e intimidades. Não sei se por este motivo, meus namoros duraram pouco. Após os 21 anos de idade, eu comecei a sair com amigas e conseguia enfrentar minha mãe em casa. Apesar de mulher feita, ela não aceitava que eu ficasse fora de casa até tarde da noite. Para ela, chegar depois das 23h00 era inaceitável. E para não ter

que enfrentar o seu rigor, eu evitava chegar depois deste horário. Um dia, entre as amigas, a questão da virgindade veio à tona. E quando elas souberam que eu ainda era virgem não se conformaram. Eu já estava com os meus 28 anos de idade. E eu passei a ser motivo de chacota entre elas. E meus amigos logo souberam deste meu ‘problema’, mas mantiveram discrição. E minhas amigas falavam de seus ‘amores livres’ com seus namorados, alguns que conheceram há menos de três meses. E me confessavam detalhes e ressaltavam os prazeres do sexo. Naturalmente, eu me sentia uma moça normal neste aspecto, apesar de conter meus impulsos, talvez por minha educação em casa e a imagem sempre presente de minha mãe. Ela nunca toleraria sexo antes do casamento. E não era nem por questão religiosa, era por princípio familiar. Ela própria havia sido criada desta forma. De minha parte eu tinha colocado um limite: ‘Eu não comemoraria meus 30 anos virgem’. E foi assim que um dia, em uma festa de confraternização de fim de ano na empresa, eu e um colega de trabalho nos aproximamos, envolvidos por este clima de festa. Ele era noivo e estava próximo de casar. E eu sabia que ele amava de paixão sua noiva. Conversamos muito na festa de confraternização, dançamos algumas músicas e, ao final, ele me ofereceu uma carona. Eu aceitei, apesar de não antecipar nada mais sério entre nós. Mas, no caminho, ao passar próximo de um drive-in, ele me consultou se eu não gostaria de dar uma parada e tomar ou comer alguma coisa. Eu aceitei e senti algo estranho em mim. Eu me senti preparada e queria que algo acontecesse entre nós. Não porque eu tinha me apaixonado por ele. Ao contrário, ele não fazia o meu estilo em nenhum aspecto. Entretanto, o fato dele ser noivo e não me oferecer, digamos, riscos de ficar no meu pé caso a gente tivesse um envolvimento pontual e casual, me excitou. Era a oportunidade que eu queria para me livrar do estigma da virgindade. E assim aconteceu. No drive-in eu tive minha primeira experiência de sexo, aos 29 anos de idade. Mas, foi uma experiência frustrante e nada agradável. Eu senti dores, não senti prazer nenhum, o ato teve um final patético. Fomos embora. O difícil ficou para eu olhá-lo no dia seguinte no trabalho. Eu estava envergonhada e fugia de seu olhar. Da parte dele eu senti mais preocupação. Ele era noivo e nós não usamos preservativo. Talvez, ele tenha ficado preocupado com uma possível gravidez minha, o que tumultuaria o seu belo momento de noivado. Mas, felizmente, isto também não aconteceu. Quando cheguei em casa naquela noite, já passava da meia noite, minha mãe estava cochilando no sofá. Ela sempre me esperava quando eu saía à noite, apavorada com a onda de violência. E ela me perguntou: “Tudo bem, minha filha? Como foi a festa?”. Eu a abracei e comecei a chorar. Ela queria saber o motivo, mas não contei naquela noite. Deixei para um momento mais oportuno. Disse, apenas, que discuti por bobagem com uma amiga. E fui dormir. Aliás, tentei dormir. Eu me arrependi muito por ter feito isto. Alguns anos depois, eu encontrei o

‘homem de minha vida’, Um rapaz bem realizado na vida, divorciado, sem filhos, maduro, que acabara de passar por um conflito de casamento tendo como causa a traição da esposa. E namoramos, nos apaixonamos e fizemos planos de casamento. Um dia, em nosso primeiro relacionamento de amor, ele percebeu que eu não era mais virgem. Claro que não seria esperado de um homem maduro encontrar uma mulher com 30 anos ainda virgem. Mas, eu percebi que ele sentiu muitos ciúmes desta minha realidade. E o que foi pior, ele fez mil e uma fantasias e me creditou muitos casos anteriores injustamente de relacionamentos com homens. Ele não acreditava na minha versão que eu era virgem até três anos atrás e que eu tivera somente uma única experiência, frustrante e não prazerosa. Levou muito tempo para que ele aceitasse esta situação. Mas, nosso amor sempre esteve presente e fomos muito felizes...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me deixado influenciar por amigas e fazer algo que eu não estava programada a fazer. Com certeza, o meu casamento e o grau de confiança de meu marido, o grande amor de minha vida, seria bem maior se eu tivesse me casado virgem. Felizmente, este assunto foi esquecido por ele e eu até consegui convencê-lo da minha verdade. Mas, perdi esta oportunidade, sem necessidade, sem prazer...

57 - Eu não percebi que as relações ‘capital x trabalho’ estavam se transformando no Brasil. Mantive o comportamento prepotente e independente com relação à chefia e funcionários. A história mudou, perdi meu emprego em uma greve inesperada...

Eu trabalhei em recursos humanos toda a minha vida. E passei pelo amadurecimento das relações ‘capital x trabalho’ em todas as suas fases, desde a fase da Seção de Pessoal, até à fase do Departamento de Recursos Humanos e, mais recentemente, Gerência do Capital Humano. Entretanto, eu me encontrava ainda preso aos fundamentos da Seção de Pessoal que as empresas mantinham, cujas atividades se limitavam ao cumprimento da legislação trabalhista, folha de pagamento, recolhimentos dos encargos sociais e administração ferrenha da disciplina de pessoal. Naquela época os chefes eram ‘arrancadores de produção’ usando os métodos de pressão e ameaças com desemprego, como ‘estímulos’ à produtividade. Tudo era controlado e autorizado. Até as idas ao banheiro precisavam de uma autorização escrita. Não se falava em relações humanas no trabalho. Os sindicatos dos trabalhadores eram meros expectadores deste cenário, sem atuação junto às empresas. Mas, o mundo mudava no avanço da melhoria das relações trabalhistas. E no Brasil não foi diferente. Os sindicatos de trabalhadores se mobilizavam para unir os trabalhadores e pleitear melhores condições de trabalho, melhores salários e melhor tratamento humano. E

tinham a seu favor o crescimento do parque industrial e os lucros das empresas. Mas, as empresas não acreditavam na possibilidade destes sindicatos, sempre omissos, causar transtornos e muito menos paralisações no trabalho. E eu, também, não acreditava! Até que um dia ao chegar em minha empresa, uma grande empresa automobilística, eu vi um tumulto na portaria. E estranhei o fato dos empregados estarem do lado de fora da empresa e não dentro como sempre o fizeram. Liderando o movimento, um líder sindical em um carro de som gritava palavras de ordem, incitando os trabalhadores à greve em prol de melhores condições de trabalho, como o plano médico e o restaurante, melhores salários e melhor tratamento humano. Ver os trabalhadores do lado de fora, levantando o braço em apoio ao movimento grevista não foi minha surpresa maior. Esta estava reservada ao fato que, ao lado dos trabalhadores grevistas, estavam os supervisores, também levantando os braços a favor da greve! Este foi o choque maior. Nestas primeiras greves que ocorreram no Brasil, lá pelos idos de 1978, as empresas também não estavam preparadas e se mostravam impotentes e sem rumo. E a quem elas iriam debitar a culpa? Aos homens de RH, de Pessoal. Assim, tornou-se uma rotina na época. Ocorria a greve, e o Gerente de RH ou Pessoal ia para a rua. Sem saber bem o que fazer, com a fábrica parada, eu me reuni com os supervisores e questionei a razão deles, como representantes da empresa, representantes do Capital, estar apoiando o movimento ao invés de combatê-lo! E tive as respostas que me faltavam para compreender bem que a política adotada pela empresa não tinha se atualizado, ou melhor, não se antecipou ao movimento que se iniciara no Brasil. Os supervisores se mostraram surpresos. Era a primeira vez que alguém falava para eles que eles eram os representantes da empresa, do Capital, nestas relações. E eles apresentarem suas razões para esta surpresa: “Representantes do Capital, como? Nós marcamos o ponto como qualquer trabalhador, nós não temos autoridade para nada, a não ser autorizar a saída de material para a produção e autorizar os funcionários irem ao banheiro, temos o mesmo tratamento desumano dos trabalhadores, a empresa mal conversa com a gente sobre os seus negócios, dependemos dos aumentos salariais conseguidos pelos sindicatos dos trabalhadores. Nós não somos representantes do Capital. Nós somos o próprio Trabalho!”. Inexperiente em questões de greve, eu aconselhei a empresa a enfrentar o movimento. Suspendemos o pagamento de salários e os benefícios na esperança que o movimento acabasse e os trabalhadores voltassem com o ‘rabo entre as pernas’ ao trabalho. Aprendendo a lição, eles nunca mais se atreveriam a seguir uma orientação do sindicato dos trabalhadores neste sentido. A produção de veículos parou por vários dias. Os trabalhadores lá fora, os diretores e gerentes lá dentro. Um dia, eu estava no meu escritório, ainda desorientado e chocado com todos estes acontecimentos, quando eu vi uma empilhadeira levantar um homem do lado de fora de minha janela. Era um

dos líderes sindicais, um homem barbudo, baixinho, com voz eloquente e grave, que prefiro não dar seu nome, e ele me disse: “E aí, companheiro? Vamos ou não negociar com os trabalhadores para acabar com esta greve?”. Neste momento eu vi que o movimento era irreversível e fomos levados à mesa de negociação com o sindicato dos trabalhadores pela primeira vez. Finalizamos as negociações, com algumas concessões em salários e benefícios e promessas de melhorias nas relações humanas e condições de trabalho. Mas, os meus dias na empresa já estavam contados. Tão logo retomadas as atividades, eu fui dispensado. Foi uma forma que a empresa encontrou para dizer aos trabalhadores: “Olha, isto tudo aconteceu por uma má gestão de pessoal!”.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido tão omissivo em analisar o clima organizacional que acontecia na empresa. Teria marcado mais presença no chão de fábrica, tentando ouvir mais os supervisores e seus sentimentos de falta de integração com a função de chefia e como representantes da empresa. Teria me preocupado mais em me aproximar dos trabalhadores, analisar o tratamento humano que eles tinham, a competitividade salarial, seus anseios. Mas, não posso me culpar totalmente. Todos os meus colegas Diretores e Gerentes de Pessoal da época cometeram erros semelhantes, em maior ou menor escala. Razão das greves se espalharem pelas empresas e exigir novas posturas de tratamento. Estas greves enterraram de vez o ‘Gerubal Paschoal, Chefe de Pessoal’ nas empresas, fazendo nascer os princípios dos modernos Departamentos de Recursos Humanos. Eu aprendi muito, apesar de perder meu emprego. Esta experiência me fez evoluir para uma bem sucedida e procurada carreira em Consultoria em Relações Trabalhistas e Sindicais. Este foi o lado bom de toda esta história...

58 - Eu mantive um relacionamento duplo por mais de 30 anos. Por amor e afinidade, ficaria com minha amante, por respeito e imagem pessoal fiquei com minha esposa. Mas, o tempo me mostrou que eu deveria ter optado pelo amor e pela afinidade...

Tudo começou quando eu recebi uma cliente quase desesperada em meu escritório de advocacia, contratando meus serviços profissionais para uma ação de divórcio e pensão. Era uma linda jovem que se frustrara com um casamento mal decidido e mal resolvido. Ela sabia de vários defeitos de seu marido mesmo antes de se casar, entre eles o alcoolismo e personalidade violenta. Mas, apostou que poderia mudá-lo com o casamento. Entretanto, este casamento não durou dois anos. E lá estava ela decepcionada e insegura quanto aos rumos de sua vida daí para frente. Ele não aceitava a separação e chegou, por algumas vezes, ameaçá-la em sua própria casa. Uma noite,

contou ela, ele queria entrar a força e chutava a porta da casa com violência. Ela teve que chamar a polícia. E foram várias ligações telefônicas de ameaças, até que ela decidiu morar com seus pais. O processo de divórcio levou vários meses e nossos contatos eram frequentes. E os detalhes foram tantos de sua vida que eu acabei me envolvendo além do que devia. Saímos para jantar e conversar, desenvolvemos uma amizade e desta amizade nasceu uma afinidade e um amor que eu nunca tinha experimentado em minha vida. Eu era 10 anos mais velho que ela. De minha parte, eu também passava por um casamento frustrado e sem motivação. O único elo que me prendia à minha esposa era minha filha. Eu não podia me imaginar vivendo sem um convívio diário com ela. A minha esposa, igualmente, não se sentia plenamente realizada no casamento. Como ela sempre me dizia, preferia ter casado com uma pessoa menos intelectual. Outro aspecto que me prendia ao meu casamento era a minha imagem pessoal e profissional. Meus pais não aceitariam a ideia de uma separação. Assim, mantive esta relação dupla por mais de 30 anos. Minha amante aceitou bem esta situação. Tínhamos nossos momentos e ela não queria comprometimento com um casamento após o desgaste e a frustração do primeiro. Além disto, ela preferia cuidar de seus pais. Hoje, ao completar meus 60 anos, eu vivo uma vida conjugal das mais patéticas, sem motivação e com um tratamento dispensado pela esposa que beira ao menosprezo, abandono, à falta de cuidado e atenção. Ao contrário, com minha amante eu me sentia o seu herói, seu ídolo, tal o carinho e dedicação que ela me dava. Ela mudou-se para interior. Foi morar com sua irmã, após o falecimento de sua mãe, seu pai já havia falecido. A idade e a distância nos separaram. Ficaram as lembranças, as doces lembranças que eu poderia ter perpetuado em minha vida se tivesse mais coragem e hombridade para tomar uma decisão...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido tão covarde e falsamente ético, mantendo as aparências de um casamento fracassado para preservar minha imagem pessoal e profissional perante a família e a sociedade. Eu teria me decidido a ficar com o maior amor de minha vida, que me dava as realizações que todo homem gosta de ter com uma mulher. Hoje, vivo em minha solidão, em solidão a dois, restando-me as lembranças deste amor que agora se perde no tempo e no espaço.

59 - Eu sempre dei mais valor à roda de amigos, cerveja e futebol. Vivi uma vida sem objetivos, não formei uma família...

Eu sempre valorizei muito minhas condições de jovem e solteiro. Casamento nunca me passou pela cabeça. Trabalho era o meio para que chegasse a um fim - minha roda de amigos, nossas conversas, brincadeiras, piadas, paqueras sem compromisso, cerveja e futebol, muito futebol. Todas

as sextas-feiras, sábados e domingos minha rotina era esta. E esta rotina somente era quebrada quando tinha jogo do Palmeiras. Minha galera pertencia à torcida uniformizada e não perdíamos um jogo. Algumas poucas brigas aconteceram. Mas, nós não formávamos uma gangue. Éramos jovens que tinham este objetivo comum - viver a vida sem compromissos, na diversão. A paixão por um time de futebol causa um efeito que, talvez, nem todos se dão conta - nós transferimos para o time os nossos objetivos de vida. Se o time tem sucesso em uma partida, somos vencedores, se o time perde, somos perdedores. Ganhar uma taça, um campeonato representava para nós como atingir um dos maiores objetivos pessoais de nossas vidas. Fanatismo? Sim, muito provavelmente. Quem é fanático se esquece que ele tem uma vida à parte de seu fanatismo. E foi o que ocorreu comigo. Quando eu via as pessoas traçarem objetivos de vida, como estudar, casar, ter filhos, fazer uma viagem, comprar um imóvel, eu não entendia muito a razão de colocar tantos compromissos na cabeça. Já os meus objetivos eram simples e claros - eu queria ver meu time ganhar. E comparecer aos estádios, torcer, gritar, comemorar as vitórias ou chorar as derrotas na roda de amigos regada à cerveja, era tudo o que eu queria para minha vida. Feliz? Sim, eu achava que era efetivamente feliz. Mas, com o passar do tempo, ao me aproximar dos meus 40 anos de idade, eu percebo o tempo perdido de minha vida. Não progredi em meus empregos, não firmei um compromisso com uma mulher, não constitui uma família, nem conheci a satisfação de ter um filho. As rodas de cerveja com os meus amigos foram ficando raras. Muitos deles seguiram outros rumos, adotando o que a gente achava comum e sem graça - ter seus próprios objetivos pessoais, casar, formar uma família, ter um bom emprego, viver uma vida mais regrada. Hoje, quando eu faço um balanço de minha vida, eu chego à conclusão que transferir objetivos pessoais de vida importantes para as realizações de um time de futebol é uma furada imperdoável. Agora, tento refazer minha vida, sempre é tempo. Afinal de contas não sou tão velho assim. Mas, começar uma vida, digamos, mais séria aos 40 anos é sempre mais difícil. Nem namorar e noivar eu aprendi! E quando ao meu Palmeiras, ele continua meu time do coração, mas fazer com que suas vitórias sejam os meus objetivos de vida nunca mais. Estou reconstruindo minha vida, meus valores. Quem sabe até consiga encontrar um grande amor e com ela formar uma família. Como deve ser emocionante ter um filho (com certeza outro palmeirense!) para cuidar e nos chamar de pai. Mantenho, ainda, alguns poucos amigos. Mas, todos eles com outro perfil. São ex-fanáticos por futebol, apesar de continuarem torcendo como lazer, mas que buscam seus elos perdidos na estrada da vida, tentando aprender o que muitos já aprenderam antes - formar e perseguir verdadeiros valores e objetivos de vida.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me envolvido fanaticamente com futebol, permitindo que as vitórias do time do coração preenchessem

plenamente todos os meus objetivos de vida. Eu teria me aplicado mais em uma carreira profissional, em identificar uma mulher para esposa, formar uma família, levar a vida de homem sério. Não me entregaria tanto às rodas de amigos, às cervejas. Como disse, hoje tento reconstruir minha vida afetiva, espiritual e comportamental. Palmeiras, boa sorte! Continuo te amando de coração. Mas, vou em busca de minhas próprias vitórias...

60 - Não me considero uma hipocondríaca, mas sempre me utilizei de remédios para qualquer reação do meu organismo que pudesse sugerir uma enfermidade ou desconforto. Hoje, estou viciada em remédios e já corri risco de morte...

Tudo o que uma pessoa pode imaginar em termos de medicamentos eu já tomei. E isto eu faço desde minha juventude. Mesmo antes de sentir as cólicas menstruais, eu me enchia de remédios. Se eu estivesse programada para ir a uma festa, eu já tomava remédios para um eventual dor de cabeça ou mal estar estomacal. Após o meu casamento, este vício se acelerou. Se eu estivesse nervosa com o cotidiano de um casamento jovem, eu recorria ao médico para prescrição de calmantes. Se eu dormisse mal em decorrência de um dia agitado, da mesma forma, pedia ao médico remédio para dormir. Se eu tivesse uma viagem longa, já me prevenia tomando remédio para enjoo e vômito, principalmente em viagens de avião. Quando tinha aulas de ginástica, eu tomava remédio preventivamente contra gases. E, assim, sempre foi a minha vida. Atualmente, aos 65 anos, eu sofro de bursite femoral e problemas de artrose nos joelhos. E não tem jeito. Tive que recorrer a inúmeros remédios anti-inflamatórios. Em decorrência, quando de uma viagem de cruzeiro para a Argentina, no primeiro dia de embarque, tomei um anti-inflamatório preventivamente, me preparando para o jantar com o comandante. Comecei a sentir tonturas, mal estar e desmaiei. Acordei no Hospital Ana Costa em Santos, após ter sido atendida no ambulatório médico do navio. Os primeiros exames davam como causa provável um acidente vascular encefálico. Mas, posteriormente, o diagnóstico final foi de choque anafilático causado por reação a um remédio anti-inflamatório. Meu corpo está de tal forma sensível a este medicamento que um único comprimido já tem me provocado reações alérgicas fortíssimas. Assim, tive que banir este tipo de medicamento de minha lista. Tenho que contemporizar as dores de minhas enfermidades ortopédicas com paliativos. Meu marido sempre me chamou atenção para o fato de estar me viciando muito em remédios. Ele dizia que eu não dava tempo ao corpo para ele reagir naturalmente diante de alguns problemas de saúde corriqueiros. E agora vejo que ele tinha razão. Hoje, tenho que levar na bolsa e anexo à carteira de motorista uma lista de remédios que não posso tomar mais para evitar um novo choque anafilático, que pode ser mortal na recorrência...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria adotado a falsa ideia de que remédio é bom para a saúde e que, quando mais remédio se tomasse, melhor saúde se teria. Eu esperaria as reações naturais do organismo para as enfermidades comuns, antes de solicitar atendimento médico. Teria dado mais ouvido ao meu marido que somente toma remédio, como ele diz, no caso de vida ou morte. E, principalmente, não teria adotado o péssimo hábito de tomar remédio preventivamente para não ter gases, para não ter gripes e resfriados, para não ter dor de cabeça, para não sentir dores nas juntas, para não ter enjoo, para eu dormir, para eu melhor me preparar para uma reunião e tantas outras situações. Confesso que fui muito imprudente e, agora que tive uma oportunidade de me manter viva, vou aproveitá-la com uma comprometida mudança de hábito neste aspecto.

61 - Durante toda minha vida dei foco somente em meus estudos e trabalho, me descuidando de minha saúde. Hoje, ela não me permite usufruir do meu sucesso como gostaria...

Desde minha adolescência eu tinha em mente vencer na vida. E eu concluí que as duas chaves que abririam a porta do sucesso para mim seriam o estudo e o trabalho. Assim, mergulhei de corpo e alma nestas duas prioridades. Estudava dia e noite, me formei em Economia na USP, ingressei na carreira profissional, onde sempre me apliquei com muita responsabilidade e com excesso de horas de trabalho. À noite, encontrava tempo para dar aulas, dedicando os meus finais de semana para conferir provas e programar as aulas da semana seguinte. Progredi no meu trabalho, cresci como professora e passei a ter os recursos financeiros para comprar casa, um bom carro e viajar internacionalmente. Eu me sentia plenamente realizada e cheguei aos meus 40 anos de idade sem perceber. E não percebendo, igualmente, que negligenciei em um aspecto importante - minha saúde. Eu nunca me interessei em frequentar uma academia de ginástica, fazer caminhadas descontraídas, fazer exercícios físicos. Vivi uma vida absolutamente sedentária, onde eu passava quase todas as minhas horas do dia ou deitada ou sentada. Eu me dei conta disto quando começaram a aparecer as doenças deste sedentarismo. O sobrepeso que adquiri começou a prejudicar minhas articulações, principalmente dos pés. Tive que me submeter a cirurgia do tornozelo, o que me deixou mais imobilizada. Minha coluna passou a sofrer de protrusões e hérnia de disco. Tive distúrbios circulatórios que me levaram a atendimentos de urgência. Meu sobrepeso está aumentando e encontro dificuldades de controlá-lo. A ansiedade e estresse da minha vida de trabalho me levam a comer sem que eu consiga me controlar. Sei que posso reverter este quadro, mas encontro muita dificuldades e falta de motivação. No fundo, eu me realizo mesmo através

do sucesso profissional. Meu médico tem insistido há anos para que eu faça algum tipo de exercício físico, como, por exemplo a natação. Academia e exercícios sempre me pareciam esforços inúteis e não produtivos. Mas, não deveria.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... deixaria de lado os aspectos de saúde ao longo de minha vida. Juntamente com os esforços de estudo e trabalho, eu incluiria uma rotina regrada de exercícios físicos, faria caminhadas todos os dias, consideraria a minha saúde tão importante como meus estudos e meu trabalho. Teria adquirido este hábito sadio e importante na vida de qualquer pessoa desde minha adolescência. Assim, hoje encontraria uma motivação natural para fazer isto e não consideraria um desafio tão elevado mudar minha rotina profissional para incorporar exercícios na minha rotina diária. E, com certeza, estaria com um corpo mais adequado à minha estatura e minha idade. Quem sabe até mais atraente! Mas, não desisti de mim. Quem sabe este ano eu encontro motivação para iniciar minhas aulas de natação. Eu ainda não desisti!

62 - Em dado momento de minha vida eu programaria largar tudo e partir para uma aventura planejada pelo mundo. Mas, me acovardei ou me deixei levar pelo comodismo...

Desde jovem eu pensava, um dia, fazer uma viagem pelo mundo, conhecer lugares exóticos, aprender novas culturas, conhecer novas civilizações, experimentar novos hábitos. Este era um sonho que eu tinha me proposto a não abrir mão em minha vida. Para mim, a vida não faria sentido se eu não realizasse este sonho. Estudei para conseguir um bom emprego, sempre tendo em vista conseguir recursos para esta minha tão sonhada aventura planejada. Eu sabia que deveria evitar relacionamentos amorosos sérios e com profundidade. Eu não queria que nada viesse prejudicar estes meus planos. Eu me formei engenheiro civil, comecei a trabalhar em uma grande construtora e iniciei minha carreira profissional. Mas, o dinheiro ganho era guardado para que fosse gasto neste meu plano de vida maior. E, assim, os anos foram passando. Os compromissos profissionais, como a administração de várias obras de condomínios residenciais, me fixavam cada vez mais no emprego. Eu trabalhava mais de dez horas por dia, chegava em casa exausto, caía na cama para me recuperar para mais um dia de trabalho. Aos finais de semana, procurava me divertir como todo homem solteiro. Deixei os anos passarem, fiquei adulto, me casei, vieram os filhos. Daí para frente, o meu plano de me aventurar pelo mundo foi ficando cada vez mais distante, perdido ao meio de tantos afazeres e responsabilidade de família e de trabalho. Hoje, quando estou estressado e terrivelmente cansado de todas estas responsabilidades que assumi, olhando para a minha família, os

desafios do meu cargo, eu me sinto realizado. Porém, o estresse passou a fazer parte de minha vida. Além disto, eu carrego um peso psicológico que fiques me devendo esta aventura, me sinto incompleto, sinto que a possibilidade de realizá-la foge de minhas mãos a cada ano. Esta é uma grande frustração de minha vida que vem me prejudicando o meu presente e, com certeza, me atormentará ainda mais no futuro. Optei pelo comum, pelo estável. Neste aspecto não me sinto um homem realizado.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... me deixaria levar pelo comodismo, nem pela ilusão de sucesso na carreira profissional. Teria prosseguido em meus planos de realizar uma aventura pelos países do mundo, enriquecendo minha experiência e minha cultura e me fazendo um homem mais completo. Talvez, teria curtido mais o meu trabalho e minha família. Teria dado um exemplo aos meus filhos de determinação e persistência para atingir um grande objetivo de vida. Teria mil e uma histórias para contar sobre o que vi e senti de outros países e civilizações. Quando vejo na televisão ou no cinema pessoas que tiveram esta coragem eu caio em depressão. Era algo, sinceramente, que eu queria e muito. Teria sido muito importante para a minha mente e minha vida.

63 - Impliquei muito com meu marido, mantive discussões desnecessárias. Quando ele se foi desta vida percebi o quanto eu estava errada, mas já era muito tarde...

Creio que fui uma boa esposa, mas, igualmente, sinto que fiquei ‘devendo’ para o meu falecido marido. Quantas discussões desnecessárias, que poderiam ter sido evitadas, se eu tivesse tido mais paciência com rotinas bobas da casa. Que importava se ele deixava o banheiro molhado após o banho ou cascas de queijo em cima da toalha da mesa? Ou quando me pedia para fritar um ovo quando eu estava assistindo a novela e a cozinha já estava limpa? Ou quando ele fazia brincadeiras e eu reagia negativamente tirando o seu bom humor? E, quantas vezes, eu impliquei com ele por preferir usar roupas velhas, deixando as novas no guarda-roupa? Ele dizia que se sentia mais à vontade assim para fazer o que ele gostava, como: sentar no chão, entrar na mata para observar uma flor ou um animal. Quantas discussões desnecessárias todas as vezes que ele falava em instalar na cozinha um filtro de água de cerâmica. Eu não queria, achava que não combinava. Ele aceitava meu ‘não’, sempre me considerou a ‘dona da casa’. Fiquei devendo também as caminhadas pelas montanhas e parques nacionais que ele gostava de fazer e o fazia sempre sozinho. Este tipo de passeio não era do meu interesse e eu preferia ficar em casa aguardando a visita de filhos e netos para um almoço ou bate-papo. Mas, no geral, creio que ele faria uma boa avaliação minha como esposa, com certeza. Ficaram gravadas em minha mente algumas

frases de sabedoria de vida que ele gostava de formular: “A vida para ninguém se desenvolve de maneira completa, redonda e perfeita. Todos, mais tarde ou mais cedo, vão se deparar com um problema muito sério e grave em suas vidas. Sabe por que isto acontece? A vida (ou Deus?) sempre reserva uma parte de profundas tristezas, fracassos, frustrações, derrotas e perdas. Eu acho que é para o ser humano aprender a não ser arrogante e prepotente, cultivar a humildade e solidariedade, buscar apoio nas amizades e, principalmente, buscar a Deus!”. “A beleza, a verdade e a sabedoria da vida estão na simplicidade e no convívio com a Natureza”. “Quando você sentir desejo quase inexplicável de ajudar uma pessoa, vindo do fundo de sua alma, mesmo que a pessoa seja uma desconhecida, é Deus que fez com que você cruzasse o caminho desta pessoa para cumprir uma missão de ajudá-la”. “Se para manter um padrão de vida elevado você tem que viver endividado e tendo que desgastar sua saúde e sua mente com muitas preocupações e um trabalho escravo, lembre-se que é chegada a hora do desapego material em sua vida. O que importa é a sua paz de espírito!”. “Deus construiu gigantescos jardins para os homens, mas eles preferiram erguer, cada um deles, suas cercas”. “O Diabo não conseguia vencer Deus. Então, ele se travestiu de dinheiro”. Quando voltávamos de um passeio que tivéramos com o objetivo de descansar e relaxar, como sempre com muitos imprevistos de trânsito, mal tempo e outros contratempos, ele costumava dizer: “Ah! Como cansa descansar!” ou “Como estressa relaxar!”. Os passarinhos acostumados com os restos de pão e arroz que ele jogava todos os dias na praça, ainda, aguardam por ele sem entender o porquê de seu desaparecimento. Eu até que tento cumprir esta tarefa quando eu me lembro disto e tenho disposição. Mas, não faço com a mesma responsabilidade, prazer e frequência como ele fazia. Como estes pássaros, muitos têm saudades dele e gostariam de tê-lo de volta. Sabe? Acho que todos nós ficamos ‘devendo’ coisas importantes para os nossos entes queridos que se foram. As nossas prioridades são para os nossos próprios interesses, valorizando demais o nosso trabalho, nossos gostos, nossos sonhos e nossas realizações. Assim, perdemos a percepção de interdependência e do quanto o convívio com eles era tão importante. Não tenho dúvidas que todos nós ficamos ‘devendo’ para nossos familiares próximos, bem como parentes e até amigos que se foram. E, sem dúvida, todos nós, se pudéssemos voltar o relógio implacável do tempo e trazer de volta à vida todos eles, estaríamos mais conscientes do quanto poderíamos ter feito mais por eles em todos os aspectos do cotidiano da vida! Vocês podem me perguntar se eles não me ficaram ‘devendo’ também. Certamente que sim. Mas, prefiro não recapitular este ponto e ocupar o tempo e meus pensamentos com a grande saudade que sinto de todos eles.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... seria tão implicante e evitaria discussões desnecessárias com meu marido. Se pudesse tê-lo de volta, eu

fritaria um ovo mesmo que fosse à meia-noite! E secaria o banheiro sem problemas, tiraria as cascas de queijo da toalha sem maiores discussões, daria boas gargalhadas de suas brincadeiras, diria que ele ficava bem com suas roupas velhas! Tomaria junto com ele a água fresca do filtro de cerâmica. Teria feito as caminhadas junto com ele nas montanhas e parques nacionais.

64 - Eu e meu marido tínhamos planos para adotar uma ou duas crianças. Protelamos, talvez por comodismo, despreparo ou egoísmo. Hoje, viúva, eu amargo a solidão...

Desde o tempo de namoro e noivado, nós tínhamos planos de ter, pelo menos dois filhos. Casamos e estávamos ansiosos para que o Destino nos premiasse com o nascimento do primeiro filho. Meu marido torcia por um menino, eu, apesar de me dizer neutra, torcia por uma menina. Nós ficávamos imaginando como seria a carinha dele (ou dela), como ficaria nossas vidas com o nascimento de filhos. A ansiedade e expectativa eram grandes. Mas, a natureza não se fazia presente. Fiz todos os tipos de tratamento para fertilização e, infelizmente, eu tinha problemas que me impediam de ser mamãe. Mas, mantivemos sempre a esperança. Quando eu completei quarenta anos de idade, acabei aceitando minha incapacidade fisiológica e começamos a pensar em adotar duas crianças ao mesmo tempo, um menino e uma menina. Mas, achávamos que a ideia deveria amadurecer. Afinal de contas, tínhamos medo de que os filhos adotivos não tivessem o mesmo amor por nós que os filhos biológicos poderiam ter. Talvez, este medo fosse, igualmente, de nossa parte. Será que nos dedicaríamos aos filhos adotivos da mesma forma que nos dedicaríamos aos filhos biológicos? O amor e o entusiasmo, a paciência e admiração, seriam as mesmas? E ficamos curtindo estas dúvidas e deixamos o tempo passar. Chegamos a visitar alguns orfanatos e até passar temporadas com crianças órfãs em casa. Mas, protelamos e protelamos esta nossa decisão. E com isto se passou muitos anos. Meu marido sofreu um infarto e veio a falecer. Nesta época eu já estava com 55 anos e me achando muito velha para adotar filhos. Algumas amigas até me aconselharam que eu poderia adotar uma menina já com os seus 10-12 anos de idade. Assim, teria condições de lhe dar apoio e acompanhamento educacional. Mas, minha insegurança e hesitação me fez protelar também esta ideia. Assim, cheguei hoje aos meus 65 anos. Sou viúva, vivo sozinha a maior parte do tempo, sem um filho ou filha para conversar e me amparar. Fico imaginando o fim triste que terei um dia, sem um filho para segurar minha mão quando eu estiver doente ou partindo desta vida.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... seria tão hesitante em tomar uma decisão de adotar crianças. Seria mais confiante que o amor que eu poderia

dar seria correspondido plenamente, acreditaria que o fator biológico não é garantia de dedicação e amor de um filho aos pais ou dos pais ao filho. Enfim, aprenderia que o filho adotivo representaria o amor, educação, dedicação, alegria e emoção que eu mesma deveria dar para poder dele receber. Foi o maior erro de minha vida. Tenho procurado compensar isto fazendo serviços de voluntária em orfanatos e ajudando com trabalho e doações as crianças órfãs à espera de pais adotivos.

65 - Foram várias as vezes que meus pais tentarem me mostrar suas fotos do passado. Ocupado e focado somente nos meus problemas, nunca lhes dei a devida atenção neste aspecto. Eles se foram. Hoje olho para estas fotos e me questiono quais as histórias que meus pais queriam contar sobre cada uma delas. Perdi a oportunidade. Agora, é tarde demais...

O rico passado de nossos pais é registrado em suas memórias e algumas poucas fotos. Não era comum se tirar fotos antigamente e este era um hobby muito caro. A tradição deste passado se dá através das histórias que, a cada oportunidade, eles nos repassam e através de fotos. No meu caso, eu fui omissos em ambos os aspectos. Por várias vezes, meus pais vieram com aquelas latas antigas de biscoitos, repletas de fotos antigas. Fotos de seu tempo de criança, raras, fotos de sua juventude, de seu casamento, das suas atividades profissionais, dos filhos enquanto crianças, entre outras. E eu nunca dei a devida atenção que lhes deveria dar nestas oportunidades. Ora porque eu era muito jovem, ora porque eu estava entusiasmado com amigos e namoradas, ora porque eu me focava no trabalho e nos estudos. O tempo passou. E como passa depressa o tempo! Meus pais se foram, primeiramente meu pai, alguns anos depois, minha mãe. As três latas de fotos ficaram com minha mãe e, posteriormente, elas vieram parar em minhas mãos e repousaram em um armário em casa por décadas. Hoje, aposentado, procurando preencher o meu tesouro de tempo que ganhei, eu estou organizando meus arquivos de fotos pessoais, escaneando-as e organizando-as em pastas em meu computador. E, finalmente, cheguei às três latas de embalagem de biscoitos com fotos antigas herdadas de minha mãe. E aí, muito tardiamente, pude perceber a riqueza de informações que eu poderia ter tido se tivesse lhes dado um mínimo de atenção. Vejo fotos de casas velhas e antigas. Seriam as casas onde eu e meus irmãos nascemos e fomos criados? E quem eram aquelas pessoas rindo atrás do balcão do bar junto com meu pai? Ele era comerciante, como bom português. E as fotos de minha mãe com aquelas roupas muito antigas, com chapéus que não se usam há décadas, com cortes de cabelo estranhos para nós, em praças e praias do Rio de Janeiro? Que idade ela tinha? Ainda era solteira? E aquelas crianças segurando em sua saia, bem pequeninhas. Elas se parecem com meus irmãos, mas não tenho certeza! E aquele carro do tempo da onça com

eu pai na direção? Era dele, emprestado? Hoje não tenho ninguém na família que possa me revelar o que está por detrás deste tesouro! Ficou a curiosidade e o arrependimento...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me descuidado deste aspecto tão importante nas relações com meus pais. Eu teria ouvido mais histórias sobre o seu passado, conhecido detalhes de como meu pai veio para o Brasil em 1920, sozinho, aos 14 anos de idade, como ele conheceu minha mãe. Teria aberto os olhos e ouvidos quando eles queriam me mostrar suas fotos do passado e contar o momento e a realidade que estavam vivendo, procuraria saber mais como foi minha infância e a infância de meus irmãos. Agora, só me resta o arrependimento tardio e uma pasta de arquivo com fotos em meu computador, repletas de mistérios sobre a rica vida que meus pais viveram no passado e que morreram com eles.

66 - Como cultura de família, eu não deixei meus filhos se acostumarem com padrão elevado de vida, apesar de ter recursos, para que eles não se sentissem frustrados no futuro caso não pudessem manter o mesmo padrão. Se por um lado foi muito bom, por outro senti que isto prejudicou o seu desenvolvimento social e pessoal...

Venho de família simples, oriunda de imigrantes italianos e portugueses, que amargarem o peso pós-guerra de administrar e vencer a escassez de recursos. Assim, a nossa cultura familiar sempre foi por uma vida simples, respeito ao dinheiro (não avareza!), valorização do trabalho e controle do consumismo. Interessante como estes hábitos e valores de família passam a fazer parte de nossas vidas, mesmo quando nos encontramos em uma diferente realidade social. E foi o que aconteceu comigo. Eu estudei muito, me formei contador, professor, administrador e advogado. Venci na vida profissional, chegando a exercer cargos de Diretoria em empresas nacionais e multinacionais. Eu tinha recursos para manter um elevado padrão de vida em casa. Quando digo padrão elevado, refiro-me a uma boa casa, roupas de grife, viagens internacionais, carros de luxo e tudo o que se pode comprar com o dinheiro. Era assim que viviam meus amigos na mesma situação. Mas, eu não. Nunca me entusiasmei em ter uma mansão como moradia. Tampouco, mantinha meus filhos em um padrão elevado de vida, comprando roupas e calçados de grife, mesmo com a insistência deles. Não os acostumei a passar férias em hotéis de luxo ou frequentar restaurantes sofisticados. Não fiz viagens internacionais quando eles eram pequenos. Ao contrário, eu preferi manter um estilo de vida relativamente simples, apesar de superior ao que meus pais e avós tiveram, naturalmente. Morava em uma casa de classe média, um sobrado geminado, meus filhos tinham hábitos e tratamento de filhos de classe média. Nunca eles experimentarem a sensação de ter o jeans

badalado da época ou um par de tênis que era o top de linha. Também não freqüentaram as escolas mais caras. Nossas férias eram gozadas em um pequeno apartamento em uma praia popular de São Paulo. Almoços fora de casa eram raros. Bem, eu creio que atingi boa parte de meus objetivos. Meus filhos se criaram mantendo um comportamento de simplicidade, humildade, garra para vencer na vida. Este comportamento os ajudou a se saírem bem nos empregos. Não tinham traços de superioridade ou arrogância em sua personalidade. E todos gostam de viver na simplicidade. Isto torna o fardo social menor. Porém, em alguns aspectos, o plano não deu certo. Eles não se desenvolveram socialmente à altura das profissões que galgaram. Isto os leva a comportamentos de timidez, sentimento de inferioridade em algumas situações, certo comportamento anti-social quando de festas e eventos, falta de traquejo social nas interações com pessoal de maior nível. Talvez, eu tenha exagerado na dose...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido tão rigoroso na aplicação da cultura familiar na educação de meus filhos. Eu senti que eles poderiam manter a simplicidade e humildade desejadas, porém desenvolver-se socialmente de forma mais adequadas para os tempos atuais. Assim, eu me arrependo de não ter me hospedado com eles, de vez em quando, em bons hotéis, os ter levado a conhecer e experimentar restaurantes temáticos e sofisticados, a algumas viagens internacionais que pudessem abrir-lhe os olhos para culturas diferentes ou mesmo ter comprado, não como rotina, alguns jeans ou tênis de grife. Sinto, ainda mais, de não ter contado com sua companhia quando pequenos, em viagens que poderíamos ter feito juntos, como a Disneylândia. Mas, não se consegue acertar tudo na vida, principalmente com relação à educação dos filhos, não é mesmo?

67 - Eu me dediquei 62 anos com toda minha paixão a uma única empresa e, quando me aposentei, descobri que tinha desenvolvido somente valores profissionais e não os meus próprios valores pessoais. Assim, me sinto perdido e sem rumo nesta nova fase de minha vida...

Eu tinha 12 anos de idade quando meu pai perguntou para um amigo e vizinho se tinha alguma coisa para eu fazer no pequeno bazar que ele acabara de montar. Meu pai o convenceu, dizendo que eu era esperto e que poderia ajudar na arrumação de louças, panelas, talheres, vasos, brinquedos, alguns materiais para costura, entre outros produtos, nas prateleiras. Meu vizinho gostou da ideia. Afinal de contas, ele poderia ter um ajudante, ganhando algumas poucas moedas por mês, liberando-o para incrementar o seu pequeno negócio dando mais atenção aos clientes e fornecedores. Assim, começou minha carreira de 62 anos neste bazar que, com o tempo, se tornou uma grande loja de móveis, eletrodomésticos, brinquedos, entre

outros tantos produtos para a família. A loja inaugurou mais três filiais nas cidades do interior próximas onde ela começara. Meu vizinho teve três filhos e, cada um, era responsável por uma das filiais. O vizinho do meu pai, como meu próprio pai, envelheceram e, um dia, se foram. Eu também já estava ficando velho. Na loja eu cresci profissionalmente e me tornei o homem de confiança dos acionistas, agora somente os três filhos do meu antigo patrão. Eu cuidava não somente de assuntos da loja, como almoxarifado, distribuição e manutenção, como de assuntos particulares da família. Eu sempre me senti muito compensado e agradecido a esta família. Foi graças a ela que ganhei todo o dinheiro que precisava para educar meus quatro filhos, comprar minha casa própria e até algumas outras casas para alugar. Minha aposentadoria estava ficando assegurada. Férias nestes 62 anos? Nunca passaram de uma semana por ano. Eu não aceitava a ideia de ficar em casa ou viajar nas férias, deixando tanta responsabilidade e compromissos na loja. Eu me sentia como traindo a confiança de meus patrões e não me dedicando como sempre me dediquei. Claro que a família, na pessoa de minha esposa e os quatro filhos, sempre me chamou a atenção de que eu deveria cuidar mais de mim, descansar mais, ter mais finais de semana com a família e não pensar na empresa 24 horas por dia. Eles falavam isto em razão de minhas constantes idas às lojas aos finais de semana, mesmo quando estavam fechadas, e meus passeios a serviço dos patrões acompanhando obras e outras providências nas propriedades da família. Não raras vezes, eu era acordado de madrugada por algum vigia para atender a emergências que surgiam nas lojas. E eu sempre fiz isto com enorme prazer, me sentia retribuindo a confiança e a oportunidade que meus patrões de me deram desde meus 12 anos de idade. E, quando nada disto acontecia, ou seja, quando eu me encontrava livre em um final de semana, eu me sentia vazio, não valorizava o momento em família que estava vivendo, sentia falta dos compromissos profissionais. Assim, eu desenvolvi valores profissionais e não desenvolvi valores pessoais e de família como deveria. Não vi meus filhos crescerem. De repente, estavam todos casados, formados, cuidando de suas vidas. Eu e minha esposa, sozinhos, conversando sobre a data de aposentadoria que estava se aproximando. A empresa já tinha me comunicado que eu seria desligado. Estava na hora de me aposentar. Eu já estava com 72 anos de idade, muito além do limite que eles estabeleceram para manter funcionário na ativa. Mesmo assim, eu não queria sair da empresa. Achava que tinha muito, ainda, para oferecer. Mas, como não teve jeito, tive mesmo que me aposentar. E foi aí que eu senti, nesta minha nova realidade, falta de rumo que a ausência de valores pessoais e de planos para esta fase da vida. Passei a viver uma aposentadoria perdido em minhas rotinas. Acordava de manhã e tinha impulsos para me vestir para ir trabalhar. Mas, quando via que isto fazia parte do passado, caía em tristeza...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... me envolveria de corpo e alma, como fiz, na empresa de meu coração. Eu sempre demonstrei dedicação e fui premiado por isto. Mas, eu fui além do necessário. Com certeza, eu teria tido o mesmo reconhecimento se tivesse me preocupado em desenvolver mais valores pessoais e de família. Se pudesse voltar no tempo, eu tiraria minhas férias integrais e não as venderia me limitando a apenas uma semana por ano. Teria viajado mais com meus filhos, marcado mais presença em seus acontecimentos escolares. Enfim, teria aprendido a desenvolver gostos que melhor exploraria na minha aposentadoria. Sei que parte destes valores eu, ainda posso recuperar, outros se perderam no tempo. Agora, comecei a fazer minhas primeiras viagens e jantar em bons restaurantes para alegria de minha esposa e de meus filhos. E confesso que estou gostando. Eu nunca tinha experimentado o prazer destas experiências antes.

68 - Não me interessei em inscrever minha esposa no INSS. Hoje minha vida de aposentado seria bem melhor se ela tivesse uma pensão para receber...

Após 50 anos de serviço eu me aposentei. Este era um grande dia esperado por mim. Finalmente, estaria livre de enfrentar o trânsito infernal e a cara mal humorada de meu chefe. Eu tinha mil planos na cabeça para aproveitar o tesouro de tempo que acabara de ganhar. Relaxar, passear nos parques, fazer viagens, passeios ecológicos que gosto muito, pegar uma praia sem enfrentar as longas filas de carros. Ou simplesmente, ir a pé em uma moderna padaria e ficar lá por alguns bons minutos comprando e comendo bobagens deliciosas. Os dias foram passando e eu curtindo esta minha deliciosa rotina. Não deixava de tirar uma soneca após o almoço em nenhum dia. Como faz bem! Eu caminhava todos os dias e me atrevia a alguns exercícios de musculação. Minha esposa reclamava que eu me aposentei, mas ela não! Na verdade, passei a concordar com ela. Mas, eu estava comprometido a não deixar nada atrapalhar esta minha nova fase de vida. Fui em busca de parentes e amigos distantes, passei a participar de grupos de amigos para um bom bate-papo ou uma boa partida de truco. Entretanto, minhas contas começaram a não bater mais. No começo da aposentadoria, a receita da aposentadoria do INSS e minhas despesas davam um pequeno saldo positivo. Mas, com o passar do tempo, as despesas começaram a crescer em valores acima dos reajustes do INSS. Em conseqüência, eu descobri que todos os aposentados passam a exercer as atividades de Contador quando se aposentam! E minhas contas não batiam. Visando equilibrá-las, eu tinha que cortar, cada vez mais, os gastos. Corta aqui, corta ali, eu cortei, praticamente, todas as verbas necessárias para usufruir, como pensava, do meu tesouro de tempo. 'Se continuar assim, vou

ter que arrumar um serviço novamente’, pensei. E, nestas horas, eu me lembrava da bobeadas que dei de não inscrever minha esposa no INSS todo este tempo. Este foi um erro muito sério em minha vida. Se ela recebesse uma aposentadoria hoje, somada com a minha, nos possibilitaria usufruir plenamente das boas coisas desta fase da vida. Mas, agora não tem mais jeito...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria negligenciado neste aspecto e teria feito a inscrição de minha esposa no INSS para que ela pudesse estar hoje recebendo uma aposentadoria. Para mim foi um erro que prejudicou muito meus planos. Hoje, invisto uma parte do meu tesouro de tempo sentado em uma cadeira na porta de uma casa para alugar ou vender, recebendo uma pequena comissão da imobiliária. Não era bem isto que eu tinha planejado para minha aposentadoria...

69 - Eu tinha um segredo de tópiculo que, desgraçadamente, acabei revelando para um colega de trabalho. Isto teve conseqüências graves e me prejudicou seriamente em minha carreira...

Há segredos que uma pessoa não deve contar absolutamente para ninguém e deve levá-lo consigo para o tópiculo. Mas, não raras vezes, nos deixamos trair pelo peso que estes segredos parecem exercer em nossas mentes e acabamos revelando-o a um amigo de ‘alta confiança’. E esta ‘alta confiança’ se mostra, então, que não era nem alta e nem merecedora. Foi o que aconteceu comigo. Eu era na ocasião, Diretor de Finanças de uma grande multinacional. E uma pessoa que me despertava confiança era o Gerente do Departamento Médico. Talvez, por ser médico. Talvez, por saber dos segredinhos de minhas doenças. Um dia, ele me disse de um problema que estava tendo com uma ‘namorada’, apesar de casado. Ela queria uma decisão dele quanto à separação de sua esposa ou o fim deste ‘namoro’. E ele era perdidamente apaixonado por esta sua ‘namorada’ e enfrentava um grande dilema, uma vez que não cogitava em acabar com o seu casamento. E foi aí que eu fui traído. Na ingênua intenção de ser solidário com ele e ser mais autêntico em alguns conselhos, eu acabei revelando um segredo que mantinha há mais de 20 anos - eu também tinha uma ‘namorada’. Só que esta minha ‘namorada’ nunca me pressionou para uma separação conjugal. Ela era solteira convicta e preferia se dedicar aos seus pais. Meu casamento já vinha de um fracasso absoluto. Assim, encontrei nesta minha ‘namorada’ o alento e motivação que eu precisava para a minha vida. Eu dei alguns conselhos a este meu amigo e ele agradeceu, firmando um pacto de sigilo. O tempo passou. Um dia eu recebi um contato de um ‘head-hunter’ oferecendo-me a posição de Finance Director de um grande grupo empresarial multinacional. Era uma oportunidade dos sonhos. O pacote de

remuneração e benefícios era altamente compensador. Eu havia passado pelas várias fases de entrevista, inclusive com executivos do exterior, e fui o candidato aprovado. Quando eu me preparava para pedir minha demissão e iniciar uma nova carreira profissional, o 'head-hunter' me chamou dizendo que o meu processo havia sido abortado pela empresa, em razão de referências a meu respeito. E estas referências vieram através da Secretária do Presidente e se tratava de meu relacionamento extraconjugal. Como esta Secretária ficou sabendo, levou muito tempo para eu tomar conhecimento. Mas, um dia tudo ficou claro para mim. Acontece que a 'namorada' deste amigo era, exatamente, uma de minhas funcionárias, Coordenadora de Contabilidade Fiscal. Uma moça espeloteada a quem eu tinha demitido algumas semanas antes deste meu processo de seleção. Eu havia protelado o desligamento dela até chegar a um ponto que nada mais podia fazer. Como 'namorada' deste meu 'amigo de confiança', ela ficou sabendo através dele deste meu relacionamento e o repassou à Secretária do Presidente da empresa que considerava minha contratação, uma vez que eram amigas e já haviam trabalhado juntas em outra empresa. As referências no mercado de trabalho de executivos se espalham muito rapidamente. E vários outros 'head-hunters' ficaram sabendo do motivo de minha desaprovação no processo. Por muitos anos, tive o meu nome queimado neste mercado.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me traído revelando um segredo de tótem para um colega de trabalho. Segredos desta natureza não se contam. Não há como considerar um amigo de confiança. Será uma questão de tempo para que este segredo seja revelado a outras pessoas. Entre elas, alguma que poderá lhe trazer um grave e sério prejuízo. Confesso que eu nunca me arrependi de manter este relacionamento extraconjugal, uma vez que ele até me ajudou a manter um casamento falido, em favor de meus dois filhos, pela diminuição de expectativas e necessidades de minha parte com relação à minha esposa. Porém, aprendi de forma amarga que não se revela a ninguém segredos íntimos de tal ordem e gravidade, principalmente os que contrariam e chocam os princípios sociais, legais e éticos.

70 - Eu sempre procurei manter um padrão de vida elevado, me endividando, desgastando minha saúde, sobrecarregando minha mente com muitas preocupações e um trabalho escravo. Entendia que para fazer parte da sociedade da cidade do interior onde morava, eu tinha que mostrar nível e padrão de vida. Até que a aposentadoria me fez enfrentar outra e dura realidade...

Eu sempre fui bem sucedido em minha carreira profissional. Atuar na área de 'commodities' agrícolas me dava vantagens competitivas no mercado de

trabalho em razão de minha formação e longa experiência nesta área. Galgüei cargos em escala crescente, até chegar à posição de Gerente Geral de uma empresa. Assim, passei a ter condições financeiras para participar de uma sociedade demandante da cidade onde morava. Em algumas cidades do interior, o nível e o padrão de vida são condições importantes para alguém desfrutar de prestígio social e ser envolvido pela elite. E eu gostava deste mundo. Construí uma casa dos sonhos, onde eu me orgulhava de poder receber amigos influentes sem qualquer constrangimento. Mantinha cavalos no haras da cidade, participava de todas as festas, fazia viagens internacionais com freqüência. Mas, a idade veio e com ela a aposentadoria compulsória pela empresa onde trabalhava. Eu acumulei um bom patrimônio, não em quantidade, mas em qualidade. Além de aplicações financeiras eu tinha três enormes e caras mansões. Quando da aposentadoria, como acontece com todos, os meus rendimentos diminuíram muito. Mas, eu tinha uma boa reserva financeira e achava que ela seria inesgotável. Continuei mantendo o meu nível e padrão de vida. Os meus gastos eram iguais ou até superiores aos meus rendimentos enquanto profissional. Não me desfiz de nada. E aumentei meus gastos com viagens, restaurantes e lazer em geral. Para manter este volume de despesas, todos os meses eu retirava mais do que os rendimentos de juros de minhas aplicações. Ou seja, eu comia parte do capital que não se atualizava. Aí foi o meu grande erro. Com o passar dos anos, os meus recursos financeiros foram diminuindo a níveis críticos. Mas, meu orgulho de mostrar para os meus amigos da sociedade que eu continuava em condições de manter meu padrão de vida me fez acabar, praticamente, com todos os recursos financeiros. E agora? Onde arrumar dinheiro para manter tantas despesas? Esta aflição já se fazia sentir em meu estado de saúde, com insônias e estresse constantes. Comecei terapia. Bem, eu ainda tinha as três mansões que poderia vender e me capitalizar novamente. Entretanto, uma nova realidade se me apresentou pela frente. Os ricos gostam de construir suas próprias mansões, como um plano de vida e sonho de família. Assim, o valor que eu pensava que estes meus investimentos imobiliários tinha, não correspondeu. Sem compradores interessados e o mercado de imóveis de luxo em crise, eu tive que abaixar o preço bem aquém do valor real. Continuei com minhas sessões de terapia, mas continuei com meu padrão de vida elevado. Em resumo, acabei ficando somente com a mansão onde morava e sem dinheiro aplicado para manter todo este status. Minha saúde debilitava, agravada pelo refúgio que, não raras vezes, eu recorria - o álcool. Eu tinha que fazer alguma coisa, senão morreria. Mas, o que? E foi assim que a vida me fez enxergar que era chegada a hora do desapego material...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido tão irresponsável e tão orgulhoso na manutenção de um nível e padrão de vida falsos, somente para

atender, no meu entendimento, as exigências da elite social. Perdi um patrimônio acumulado em muitos anos de trabalho, jogado fora em luxo e excesso de despesas. Eu tive que vender a última mansão que sobrara, comprei um apartamento e apliquei a diferença. Reduzi todas as despesas consideradas supérfluas e inúteis para esta minha nova realidade de vida. Percebi que esta vida superficial em sociedade em nada contribuiu para a minha felicidade e maturidade. Os amigos, que eu pensava que tinha, se afastaram depois desta minha nova situação. Por fim, e graças a Deus, descobri que não importa se o invólucro de sua cama é uma simples morada ou uma rica mansão. O que importa é a qualidade de seu sono! Descobri a felicidade e paz de espírito, asseguradas por uma vida simples e de orçamento baixo e administrável.

71 - Eu me deixei trair por uma estabilidade de emprego, que pensava ter em razão dos meus 30 anos de casa, e desviei minha atenção para uma carreira acadêmica, negligenciando minhas responsabilidades profissionais. Isto custou o meu excelente emprego...

Eu iniciei minha carreira na empresa como mensageiro, eu estudei, me formei e galguei o posto de Gerência de um importante e estratégico departamento. Sempre fui muito considerado pela Administração da empresa como um funcionário dedicado, exemplar e a quem a empresa podia confiar o atendimento dos resultados esperados. Acontece que, muitos anos na mesma empresa e no mesmo cargo, me fez desviar atenção para outras motivações. Assim, fui descobrir na vida acadêmica as motivações e realizações que pareciam me falta no trabalho. Comecei a dar aulas no meu campo de especialidade e fui me entusiasmando cada vez mais e abraçando compromissos com mais aulas, chegando a ocupar a posição de Coordenador do Curso. Assim, começou a faltar tempo para estas atividades acadêmicas, mesmo utilizando horas de meus finais de semana. Eu entendia que 'não teria nada de mais utilizar algumas horas do meu trabalho na empresa para estas minhas atividades extra profissional'. E, assim, fui perdendo a noção de quantas horas do meu emprego eu poderia desviar para minhas responsabilidades acadêmicas, apesar de saber que, pela política da empresa, estas horas seriam zero. Mas, quem poderia criticar o funcionário exemplar e dedicado, admirado pela Administração, com mais de 30 anos de serviço? Eu cheguei a ponto de ser surpreendido com livros espalhados em minha mesa e concentrado, preparando uma palestra e uma aula para aquele mesmo dia, por várias vezes, quer por funcionários do departamento, quer por funcionários de outros departamentos, que me procuravam em busca de assistência, sem poder dar-lhes a atenção que precisavam. Eu estava tão envolvido e com tanta sensação de invulnerabilidade e imputabilidade, que não percebi que este meu

comportamento passava a ser de conhecimento e comentários em toda a empresa. Um dia, até do meu Diretor. Um dia, fui chamado por este Diretor que me dispensou, alegando que meu comportamento tinha agredido a política de conflito de interesses da empresa. E foi assim que perdi uma excelente oportunidade profissional...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido tão ingênuo em acreditar que os meus 30 anos de casa e meu conceito profissional e pessoal perante a Administração da empresa me assegurariam uma imunidade ilimitada, que me permitiria dedicar a uma outra atividade paralela, em pleno expediente de trabalho. Eu tinha entrado na idade de 57 anos e as oportunidades de um novo emprego no mercado de trabalho eram raras. Até tentei em encontrar outro emprego, sem sucesso. Hoje, eu tenho que me contentar em viver com os baixos rendimentos da vida acadêmica, eu tive que mudar meus planos de aposentadoria. E o que é pior, a motivação que antes eu tinha, hoje já não sinto mais. Cheguei à conclusão que o custo x benefício desta atividade não são favoráveis. Não a ponto de colocar em risco e perder um excelente emprego, que me dava segurança e os benefícios que minha família precisava. Foi uma pena. Foi um castigo a um mau comportamento profissional.

72 - Eu passei em um concurso para Juiz de Direito, minha vocação mais autêntica. Entretanto, em razão de estar em um bom emprego e ter uma boa remuneração desisti desta carreira. Foi o maior erro de minha vida...

Eu fiz o meu curso de Direito relativamente tarde. Eu já era casado e tinha dois filhos. Mas, eu sempre tive em mente ser Advogado e seguir a carreira na Magistratura. Paralelamente, eu me dedicava e me desenvolvia na carreira de recursos humanos. Quando me formei Advogado, eu já era Gerente de RH, com uma boa remuneração e benefícios. Mas, meu sonho de ser Juiz de Direito estava fortemente presente. Preparei-me para o concurso e passei. Mas, o que parecia ser uma decisão relativamente fácil foi o maior dilema profissional de minha vida. A nomeação seria para uma cidade do interior de Mato Grosso, eu morava em São Paulo. Além disto, pesava muito na decisão que eu já estava encaminhado em uma carreira na área de administração de pessoal, com salário e benefícios que me possibilitavam manter a família com segurança e bem estar. Acabei ficando sozinho neste meu plano. Eu tive que declinar e desisti da nomeação. Mas, o tempo mostrou que não foi a melhor decisão. Por razões materiais, deixei de realizar um plano profissional coerente com meus valores de vida e vocação. Acabei optando em ficar em um cargo onde não me realizava. Pior ainda é que no mundo profissional privado você está sujeito às intempéries dos negócios, ora bons, ora péssimos. Isto acionava a área de recursos humanos

em esforços de encontrar mão de obra especializada nos altos dos negócios e passar pelos traumas de dispensar e sacrificar muitas famílias nos baixos dos negócios. Isto era muito estressante e frustrante. E nesta minha carreira, fui vítima, igualmente, destes altos e baixos dos negócios, perdendo meu emprego em duas oportunidades. E nestas oportunidades pensava na segurança que poderia estar gozando na carreira de Juiz de Direito e na carreira que eu poderia ter tido, seguindo as oportunidades que a Magistratura oferece ao passar do tempo e o aumento da experiência. São decisões erradas assim que nos fazem querer nascer de novo...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria declinado à carreira de Juiz de Direito. Teria tido a coragem de largar um emprego, apesar de bom, que não me dava motivação e realização, e teria partido com minha família para a pequena cidade de Mato Grosso. Com certeza, eu já teria conseguido transferência para outras cidades e até para a cidade de origem. Estaria gozando da estabilidade oferecida para esta função, além da aposentadoria especial com salário integral e outras prerrogativas. Mas, que pena, fica para uma próxima reencarnação, caso ela efetivamente exista.

73 - Dediquei uma vida toda para montar uma empresa. Esqueci de meu maior empreendimento - encaminhar meus dois filhos na vida...

Na verdade, meu sonho não chegava a tanto, ou seja, possuir uma empresa. Eu comecei a trabalhar muito cedo, tinha somente 15 anos, e meu primeiro emprego foi ficar na porta de uma loja de calçados e bolsas falando chavões que estimulassem as clientes e entrar na loja. Isto me despertou minha vocação para marketing. Quando completei 18 anos, consegui um emprego de Vendedor-Pracista, em uma fábrica de produtos de limpeza. Além de ganhar experiência em vendas, eu ganhei experiência em praças de vendas. Talvez, eu já tivesse dentro de mim um espírito de empreendedor. Tanto é que larguei tudo para tentar um negócio próprio. Comecei a produzir brinquedos pedagógicos. Inicialmente, em casa. Posteriormente, com o aumento das vendas e produção, comprei um pequeno galpão, depois me mudei para um galpão maior. Hoje, minha empresa está em um grande galpão, próprio, diversifiquei a produção através da importação de produtos chineses e atingi um nível de faturamento que me possibilitou a realização de vários sonhos materiais, como comprar apartamento de cobertura, outro de cobertura em uma badalada praia de São Paulo, carros importados. Entretanto, eu estava tão envolvido de corpo e alma neste empreendimento, que não percebi que meus dois filhos estavam soltos, vivendo um nível de vida que não os estimulava a estudar, trabalhar ou fazer qualquer outra coisa de útil. Eu sempre os via como meus sucessores na empresa e não me importava muito com isto. Um deles se casou, dei de presente uma

cobertura, teve um filho, após algum tempo separou-se. Assim, pouco ou nada consigo conviver com este meu neto. Este meu filho, apesar de não aparecer muito na empresa, vive de um bom salário mensal, como participante da folha de pagamento da empresa. O outro, dedica seu tempo a viver uma boa vida, tornando-se um boêmio e namorador inveterado. Quis morar sozinho, comprei outra cobertura para ele. Igualmente, tem um bom salário e faz parte do quadro de funcionário da empresa, apesar de não saber, exatamente, onde fica a empresa. Minha realização profissional, hoje, não está valendo para mim. Descobri que um pai se sentirá sempre frustrado, mesmo tendo grandes sucessos e realizações na vida, se os seus filhos não chegarem lá. Às vezes penso que esta situação não terá mais jeito...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... me deixaria trair pelo meu crescente e constante sucesso profissional, adotando uma atitude de autossuficiência e alheamento da vida de meus dois filhos. Não os teria incluído em uma folha de pagamento sem uma efetiva prestação de trabalho. Não os encheria de excesso de conforto e recursos para que eles valorizassem mais o dinheiro e descobrissem o estudo e o trabalho como forma de ganhá-lo. Hoje, eles estão com 27 e 25 anos, um divorciado, outro solteiro. Quando fui enfrentar esta situação, cortando salários e regalias, acabei criando graves problemas de relacionamentos com minha esposa, além, naturalmente, com estes meus dois filhos. Sinto-me só, infeliz, frustrado, achando que tudo o que fiz não valeu a pena. Tomo remédios para estresse e para dormir. Cometi graves erros que agora são meus castigos. Eles não querem e não têm condições de ser meus sucessores na empresa. Para me aposentar, terei que vender a empresa...

74 - Em me tornei um especialista em enrolar com classe no ambiente de trabalho. Parece até que o livro 'Como Enrolar seu Chefe e Progredir na Empresa' foi escrito para mim. Projetei-me, galguei postos importantes, até que alguém prestou maior atenção no meu trabalho. Aí, a casa caiu...

Desde quando eu comecei a trabalhar, eu percebi que existem dois caminhos para se progredir na empresa. Um, o mais comum, é através de uma dedicação exemplar, um bom desempenho e um aprendizado contínuo. Mas, existe outro que, em muitos casos, torna a carreira mais rápida - tornar-se um enrolador de classe, aproveitando todas as oportunidades que as empresas dão para se projetar através de um intensivo marketing pessoal. Eu fui por este caminho! Nunca me preocupei muito em ocupar meu tempo trabalhando e resolvendo problemas. Quando dava, eu até assediava as funcionárias. Mas, em sempre dominei perfeitamente o idioma inglês, sempre me vesti muito bem e elegante, me considero muito

bom nos aspectos políticos dos relacionamentos e sou muito social. Assim, adotei a estratégia de me aproximar sempre dos executivos estrangeiros que visitam o Brasil. De minha sala, próxima à Copa do cafezinho, eu ficava olhando para registrar a presença de visitantes ilustres no cafezinho. Imediatamente, eu me dirigia para lá e fazia o seu jogo de marketeiro. Assim, eu me tornei muito conhecido entre os executivos estrangeiros. E, como esperava, um dia eu fui surpreendido com minha promoção para Diretor Internacional da linha de produto. Notei que todos os meus funcionários ficaram boquiabertos, como se dissessem ‘Como pode?’. Sem me incomodar com a reação negativa de meus funcionários e outros funcionários da empresa, lá fui eu transferido para a Matriz nos EUA. Eu sempre soube que muitos executivos internacionais de multinacionais são pontuais na avaliação de talentos e cometem ‘pequenos enganos’ como este. Os executivos de multinacionais geralmente admiram funcionários bem falantes, simpáticos (e até bonitos!), bem vestidos e elegantes e que, certamente, dominam bem o idioma pátrio deles. Não é de se estranhar esta minha promoção. Várias outras ocorreram nas mesmas circunstâncias. Esta promoção foi um prêmio pela minha arte de enrolador de classe! Eu sempre tive como objetivos me projetar no ambiente de trabalho e fazer carreira fácil e rápida, não trabalhar muito e ganhar horas para usá-las interna e externamente no meu marketing pessoal. E consegui induzir meus Chefes a um conceito positivo em minhas avaliações de desempenho. Eu tinha esta habilidade de me projetar positivamente perante os homens de poder na empresa, aproveitando as inúmeras oportunidades que as empresas oferecem. Explorando esta estratégia pessoal de crescimento na empresa, eu deixava aos profissionais que só gostam de dar duro, trabalhando para o bom andamento dos serviços, fazer o que eu menos gostava - trabalhar. Enfim, minhas técnicas de enrolar com classe, se eram visíveis para os funcionários, eram invisíveis aos olhos de meus superiores! Eu conseguia converter ‘enrolação com classe’ em excelente imagem pessoal e conceito de desempenho! Um enrolador de classe que se preze atua muito bem em seus relacionamentos com os executivos do poder da empresa. E, meu amigo, quando um Presidente ou um Diretor se simpatiza com um funcionário que julga ter potencial para uma grande carreira na empresa, não há RH que consiga reverter esta situação, mesmo que toda a empresa o veja como um bom exemplo de enrolador. Mas, não eram todos os funcionários que estavam contra mim. Ao contrário, muito gostavam de meu jeito de ser. Eu era sedutor e conseguia seduzir as pessoas no ambiente de trabalho com muita facilidade. Eu sempre fui prestativo, alegre, brincalhão, não levava os compromissos muito a sério, tinha sempre bom humor, era otimista e eu proporcionava aos funcionários bons momentos de descontração e entretenimento. Mas, eu não matava horas de trabalho simplesmente por matar. Isto é para quem não tem classe. Os enroladores sem classe matam

horas ficando no banheiro além do necessário, vão para o fumódromo toda hora, andam bem devagar nos corredores da empresa, demoraram no posto bancário interno, procuram tirar proveito de pequenos atrasos nas chegadas ao trabalho. Estes não têm longa duração nas empresas e tampouco eles fazem boas carreiras. De minha parte, eu fui um enrolador de classe, fiz carreira, cheguei a cargos elevados e me tornei um alto executivo nas empresas. Eu desfrutava de uma boa admiração pessoal e minha grande contribuição era impulsionar o ambiente alegre e social da empresa. Mas, nos EUA as coisas não aconteceram como eu esperava. Minhas técnicas de enrolar com classe não funcionaram como funcionaram no Brasil. Eu era cobrado por resultados internacionais que somente seriam alcançados com uma extraordinária dedicação minha e com algo que eu sempre dediquei pouca atenção - meu trabalho! Assim, após 15 meses nos EUA fui sumariamente demitido, voltando ao Brasil...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... iria por este caminho de tentar progredir na empresa enrolando com classe meus Chefes. Ao contrário, aprenderia mais os caminhos mais corretos, o da dedicação ao trabalho, fidelidade à empresa, atingimento de bons resultados e contínuo aprendizado. Quando voltei ao Brasil, percebi o quanto minha imagem profissional ficou deteriorada. As referências a meu respeito se espalharam como brasa entre os head-hunters. Fiquei queimado no mercado de trabalho. Nunca mais consegui arrumar um emprego de bom nível, tendo que me sujeitar a trabalhos bem abaixo do nível dos cargos que exerci. Não recomendo a ninguém ir por este caminho, mesmo que vejam enroladores de classe progredir em suas empresas, como acontece com frequência. Aprendi, amargamente, o que Abraham Lincoln já ensinou há tempo: “Você pode enganar pessoas todo o tempo. Você pode também enganar todas as pessoas algum tempo. Mas você não pode enganar todas as pessoas o tempo todo”.

75 - Quando me casei, eu tinha o curso primário e meu marido terminava o colegial. Ele seguiu em frente com seus estudos e progrediu na carreira profissional. Eu fiquei para trás. Com o tempo, o desnível intelectual se acentuou e prejudicou o meu casamento...

Eu me casei aos 17 anos, ele tinha 19. Naquela época tudo era amor e felicidade. Logo eu era mãe de dois filhos. Eu tinha somente o curso primário e minha mãe sempre me preparou para ser dona de casa. Meu marido continuou nos estudos, formou-se advogado e administrador e evoluiu rapidamente na carreira. Aos 30 anos já atingia o cargo de Gerente e, alguns anos depois, Diretor. O ambiente em que ele vivia e o ambiente em que eu vivia eram muito diferentes. Eu me atinha às responsabilidades de dona de

casa, criando e cuidando dos meus dois filhos. Eu procurava poupá-los em tudo em casa para que ele pudesse se dedicar ao seu trabalho. Ele, por sua vez, frequentava ambientes cada vez mais sofisticados, com viagens internacionais, contatos de alto nível e jantares com pessoas influentes. O nível educacional interfere, como sabemos, em nossa maneira de ser, de falar, se vestir e se comportar em público. Assim, nos eventos sociais das empresas onde ele trabalhava, eu me sentia muito deslocada. Ele sempre procurou ser gentil e entender as minhas dificuldades. Mas, senti que, com o tempo, ele foi evitando de me envolver nestes eventos. Em casa, minhas conversas começaram a não interessar mais para ele, nossos gostos por música, cinema, televisão, eram completamente diferentes. Passamos a viver isolado em nossa própria casa, ele no quarto ou no computador, eu na sala. Isto começou a afetar muito nosso relacionamento conjugal. Como sempre acontecia, eu buscava refúgio de amizades entre amigas do meu nível, ele entre os amigos do nível dele. Nosso isolamento e diferenças aumentaram. Meu marido sempre valorizou minhas habilidades como dona de casa e educadora de nossos filhos. Quanto a isto, eu não posso me queixar. As mudanças que foram acontecendo foram naturais. Apesar do nosso casamento continuar, ele já não tem a mesma harmonia anterior. Este distanciamento está crescendo, temos divergências e discussões crescentes, não sei onde isto vai parar ou terminar...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... ficaria tão acomodada em minha posição de dona de casa. Como várias de minhas amigas fizeram, eu procuraria completar meus estudos. Eu sempre quis ser Psicóloga. Devia ter aproveitado o tempo livre para estudar. Com certeza, eu já teria me formado há muito tempo e, quem sabe, estaria até colaborando com o orçamento em casa com uma atividade profissional. Eu teria me desenvolvido mental e intelectualmente, teria condições de melhor acompanhar o crescimento pessoal e profissional do meu marido. Talvez, a gente alinhasse melhor nossas conversas e gostos! Eu até penso em fazer isto agora, já que as crianças cresceram, se casaram. Mas, será que vale a pena com os meus 58 anos de idade? Meus filhos dizem que sim, minhas amigas dizem que sim, meu marido se mostra indiferente.

76 - Eu sempre me apeguei em bens imóveis. Mesmo para o meu lazer, eu preferia comprar um bem imóvel e desfrutar. Mas, o tempo me mostrou que isto foi um grande erro. Além de tornar minha vida monótona, administrar estes bens me fazia perder um precioso tempo para desfrutar a vida...

Pois é! A gente deveria nascer de novo para viver uma vida melhor na segunda vida, com base nas experiências vividas da primeira vida. Mas, isto

não é possível. Assim, não raras vezes, passamos uma vida toda cometendo um erro de forma cega, erro este que somente vai se revelar quando já estamos próximos de nos despedir da vida. Foi isto que aconteceu comigo. Eu passei a maior parte de minha vida administrando obras novas e manutenção de imóveis que eu comprava, inclusive para o meu lazer. Quando gostei de praia, comprei um apartamento na praia. Quando gostei de campo, comprei um sítio de lazer. Quando gostei do ar da serra, comprei um apartamento em Campos de Jordão. E meu dinheiro era para comprar móveis e utensílios, impostos, contas, reformas e manutenção. Isto me pesava no bolso e na mente. Chegou uma hora que eu queria conhecer lugares novos, novas praias, novos campos, novas serras. Mas, eu tinha um sentimento de desperdício. Como ir a lugares novos, se eu já tinha estes lugares à minha disposição e que me davam grandes despesas. Assim, engessei o meu turismo e meu lazer. Isto até chegar aos meus 65 anos. Foi quando, resolvi desapegar-me de todos os bens imóveis que eu havia acumulado. Eu queria me livrar de todos eles, tirar este peso do meu bolso e da minha cabeça. Fiz doações aos filhos, outros eu vendi. Comecei a me sentir bem melhor desta forma. Agora, posso passear nos parques livre e solto, visitar as praias que quiser, conhecer uma infinidade de serras maravilhosas, sem sentir a responsabilidade pela administração, resolver problemas e arcar com despesas de imóveis próprios.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... esperaria tanto para descobrir que o Ser vale muito mais do que o Ter. Os meus imóveis estavam me prendendo ao Ter, prejudicando o Ser. Eu me libertei disto. E consegui ser muito mais feliz. Se soubesse o quanto isto me faria bem, o teria feito bem antes. Descobri relativamente tarde, mas, ainda a tempo de aproveitar os anos que me restam com menos preocupações e mais alegria. Eu conheci o doce sabor de caminhar em um parque ecológico, respirando o ar puro, admirando as árvores e as flores, ouvindo os pássaros, sem ter que cuidar e arcar com as despesas de tudo aquilo. Que sensação maravilhosa!

77 - Eu estava em uma posição privilegiada na empresa. Era o Diretor de Marketing. Ganhava bem, tinha um bom pacote de benefícios. Mas, um dia, cometi uma gafe que foi determinante para a minha carreira na empresa...

A área de marketing é uma das mais demandadas na empresa. As vendas são responsáveis por manter a fábrica funcionando, os negócios prosperando e os lucros sendo atingidos de acordo com as expectativas dos acionistas. Assim, nas apresentações gerenciais, que ocorriam semestralmente na empresa onde trabalhava, a apresentação do Diretor de Marketing era a que mais atenção chamava de todos. E, naquele ano, as vendas dos produtos da empresa estavam em baixa demanda. Assim, minha apresentação deveria

cobrir não somente os planos para reverter este quadro, ou seja, aumentar as vendas, bem como os planos para reduzir despesas, uma vez que a meta de lucro estava prejudicada. E em uma destas apresentações, nós tínhamos a presença do CEO mundial da empresa. Ele estava em visita ao Brasil e queria conhecer muito bem as perspectivas de nossos negócios. Eu estava indo muito bem em minha apresentação. Mas, quando entrei na parte de despesas, o Diretor de Finanças começou a mostrar o quadro entre as despesas que eu tinha estimado e as despesas efetivamente gastas. E ele me pressionava por medidas de reversão deste quadro. Era o papel dele. Eu fiquei um pouco nervoso e tentei desconstruir a apresentação e minimizar a pressão do Diretor Financeiro, contando piadas de judeus. Você sabe, não? Aquelas piadas que mostram o judeu como um povo sovina, que só gosta de dinheiro, avarento. Há centenas de piadas neste sentido. E foi quando eu cometi uma gafe que desgastou minha imagem e, com o tempo me custou o emprego. O CEO mundial da empresa era judeu! E ele ficou muito constrangido, embaraçado e muito decepcionado com as minhas piadas...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria cometido esta gafe. Eu aprendi de forma muito dura que fazer piadas em apresentações gerenciais, que envolvam nacionalidades, religião, gostos, cor da pele, entre outros aspectos que possam mostrar uma discriminação, pode significar um grave erro e a perda de oportunidades, como o emprego no meu caso. Felizmente, após alguns meses, eu arrumei um emprego de Diretor de Marketing em outro laboratório. Desta vez, era um laboratório japonês. E nas minhas apresentações gerenciais eu nunca mais fiz outras piadas, apesar das inúmeras piadas sobre japoneses que existem!

78 - Eu casei aos 18 anos, ela com 16. Éramos duas crianças. O tempo demonstrou que a falta de maturidade que tínhamos para tomar esta decisão foi muito prejudicial à educação dos filhos, ao nosso relacionamento, à própria felicidade...

Naquela época, era natural 'namorar para casar'. A sociedade não tinha 'inventado' ainda a união de namorados sob o mesmo teto por anos ou o 'ficar'. Quando se namorava e se era recebido na casa da namorada, os pais dela já sabiam que era um namoro sério e que poderia, ou deveria, culminar em casamento. Na mesma época, o casamento com a virgindade da noiva era um ponto de honra. Assim, tão logo arrumei meu primeiro emprego, um auxiliar de contabilidade, ganhando um pouco mais do que o salário mínimo, eu me casei. Casei e desalojei meus pais de seu quarto. Eles se mudaram para um quarto menor da casa e tomamos posse do quarto maior. Eu ainda pagava os únicos móveis que tinha comprado - o jogo de quarto. Os demais, eram móveis comuns comprados por meus pais. E assim

apaguei de minha memória o período da juventude e isto me marcou para sempre. Troquei as aventuras naturais de um jovem pelas responsabilidades de manter uma família, os filhos estavam a caminho. E neste aspecto, éramos pais sem nenhuma experiência de vida e sem qualquer noção de como educar filhos. Cometemos muitos erros que repercutiram em suas vidas. O convívio conjugal, igualmente, não foi bom, principalmente, morando junto com meus pais e mais dois irmãos solteiros. Assim, eu tive que me desdobrar no emprego para cumprir com minhas obrigações em casa, fazendo horas extras em outros departamentos, chegando tarde à noite. Conheci, muito jovem, o que era o estresse. Como não tinha me formado, ainda, continuei meus estudos à noite. Dormia um pouco mais de 4 horas por dia. O que era para ser um momento de alegria e felicidade, se transformou em um pesado e frustrante fardo...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me casado tão cedo. Nunca, jamais, em tempo algum Eu teria terminado minha formação psicológica através da passagem por um período de juventude, descontraído, me dedicando aos amigos e aos meus estudos. Teria me preparado melhor financeiramente, não teria incomodado e tirado o conforto de meus pais. Teria seguido o velho ditado que ‘quem casa, quer casa’. Mas, aconteceu. Não tem retorno. O único prêmio foi ter filhos e netos muito cedo. As pessoas que me conhecem dizem que eu sou uma pessoa muito responsável, que só converso coisas sérias e tenho uma aparência de estar sempre alerta e triste. Não seriam marcas desta minha decisão?

79 - Eu estava usufruindo de minha maturidade profissional e da estabilidade do casamento. Ela também. Porém, uma viagem a negócios no exterior que fizemos juntos deu início a um relacionamento amoroso que foi prejudicial aos dois...

Eu já estava com os meus 50 anos, tinha chegado à posição de Diretor de Marketing de uma grande empresa. Casado há mais de 25 anos, tinha uma situação doméstica estável e minha maior preocupação era fazer com que meu único filho terminasse seu curso de medicina e começasse sua vida profissional. Eu tinha o respeito de meus superiores e de meus funcionários. Ela, uma Gerente de Produto Sênior, tinha uma situação parecida. Ela tinha 40 anos, casada há mais de 20 anos, desfrutava de uma boa imagem na empresa e, igualmente, suas atenções se voltavam a manter um relacionamento positivo em casa e cuidar de suas duas paixões - suas filhas. Um dia, fomos informados de nossa participação em um Congresso Internacional na linha de produto onde ela era a especialista, em Paris. A viagem de avião juntos, as conversas a dois, tanto nos aspectos profissionais, como pessoais, os eventos sociais no congresso, começou a nos unir. Em

uma noite sem agenda, concordamos em jantar somente nós dois. E, neste jantar, regado a vinho e algumas danças, nos sentimos atraídos. As três noites faltantes do congresso passamos juntos. Foi uma fulminante paixão, certificada na cama e no coração. Voltamos no congresso como dois recém-casados que voltava da lua de mel. Ao chegar no Rio de Janeiro, cai na realidade quando ela se despediu e foi ao encontro de seu marido. No dia seguinte, no trabalho, mal conseguíamos olhar um para a cara do outro. Eu, com receio dela se trair e passar esta informação aos demais funcionários. Ela, com receio de perder o emprego. Mas, ao contrário, nós não conseguíamos esconder nossa paixão. Eu estava em sua mesa de trabalho por diversas vezes ao dia, algo que não fazia antes. Eu comecei envolvê-la em quase todas as reuniões, algo que também não fazia antes. Nossos olhares eram profundos e reveladores. Não demorou para os funcionários do departamento desconfiar que tínhamos algum relacionamento. Um final de tarde, um deles nos viu em um estacionamento de um shopping e a viu entrar no meu carro. Pronto! A notícia de nosso relacionamento se espalhou pelo departamento, atravessando as fronteiras de outros departamentos da empresa. E, assim, chegou ao Presidente da empresa. Minha imagem começou a se desgastar e o Presidente da empresa, querendo me poupar, recomendou o desligamento dela. Foi uma decisão difícil para mim, tanto pela perda de uma profissional, como a perda de sua presença que era mais importante para mim. Conversei com ela, recomendei que se lançasse no mercado de trabalho e, assim que teria alguma outra oportunidade, faríamos o desligamento. Ela concordou. E não demorou muito para a concorrência contratá-la. Era uma das gerentes de produto com grande experiência na linha de remédios para o sistema nervoso central. Continuamos nos vendo, sofrendo muito pela distância e pela dificuldade de viabilizar nossos encontros. No meu emprego, nunca mais o pessoal esqueceu e perdeu. Eu sentia isto todos os dias. Quando se perde uma imagem profissional, é muito difícil recuperá-la. Mas, consegui tocar minha vida. Eu pensava, também, em sair da empresa na primeira oportunidade. Ficamos assim por vários anos, curtindo nossos momentos felizes e sofrendo as consequências de manter uma vida a dois. Eu e ela não conseguimos ser mais completos como seres humanos, daí para frente. Da mesma forma que começou, de forma inesperada e surpreendente, assim acabou. Hoje trocamos somente algumas mensagens por e-mail. Voltamos-nos, novamente, aos compromissos profissionais e relacionamentos em casa. Saudades? Muita!

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria começado um relacionamento extraconjugal, principalmente com uma colega de trabalho e minha subordinada. As emoções e alegrias que se têm, não compensam o desgaste na imagem profissional e o desvio de atenção para o relacionamento conjugal.

80 - Eu namorava um rapaz pobre, mas nós nos amávamos. Ele era vendedor de batatas em um grande entreposto de alimentos de São Paulo. Aí apareceu outro rapaz, filho de um industrial que virou minha cabeça. Fiz a opção por uma vida de riqueza que não atendeu meus sonhos de felicidade...

O meu namoro com o batateiro, como minha família costumava chamar meu namorado, ia bem. Éramos jovens, tínhamos grandes afinidades espirituais e de valores de vida, ele era um rapaz voltado para a família. Porém, quando falávamos de planos de casamento, a insegurança batia à minha porta. Ele era pobre, vivia de comissões na venda de sacos de batata, morava com os pais. De minha parte, eu também não tinha condições financeiras das melhores. Mas, eu sempre fui uma jovem ambiciosa e queria viver e morar bem, ter segurança econômica e financeira, ter conforto. O meu querido batateiro não tinha condições de me oferecer isto. Aí, conheci um rapaz de família rica. Seu pai era industrial, ele morava em uma mansão e tinha até mordomo. Apesar de não ter grandes paixões por ele, aceitei seu namoro, seu noivado e seu casamento. O batateiro, apesar de triste, aceitou minha decisão e tocou sua vida. Eu me casei, fui morar em uma casa grande, com piscina, ricamente mobiliada, fazia viagens ao exterior com frequência. Mas, confesso que não era e nunca fui feliz neste casamento. Eu me sentia amparada, porém vazia. E isto começou me dar a sensação de uma falsa segurança e bem estar, que começou a desvalorizar o conforto proporcionado. Felicidade passou a ter prioridade para mim e não conforto material. E, como felicidade eu não tinha, comecei a me sentir, cada vez mais, frustrada com o meu casamento. Meu marido, talvez até por minha culpa, começou a voltar seus olhos para outras mulheres e eu desconfio até que ele tem uma amante. Eu me arrependi por ter casado com um homem rico, porém sem amor. O meu namorado batateiro, porém, continuou com suas atividades e se tornou, após alguns anos, um acadêmico. Assim, começou a ganhar o dinheiro que faltava quando do nosso namoro. Ele melhorava cada vez mais de vida. E se casou em condições de oferecer todo o conforto e segurança para sua mulher e seus filhos. E eu fiquei cercada de conforto e bens materiais, porém sofrendo uma solidão e tristeza que deixavam minha vida muito infeliz.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... optaria por um casamento dirigido a um marido rico e sim dirigido a um marido que eu amasse de verdade, que pudessemos ser cúmplice um do outro, progredir com nossos esforços, suportado por um bom entendimento, lealdade e amor. Talvez este homem tenha sido o batateiro que apareceu em minha vida e que eu não soube dar o devido valor.

81 - Eu não esperava por esta. Mas, um dos executivos da empresa onde eu trabalhava como Telefonista se interessou por mim e me ofereceu casamento e mudança para o exterior. Ele era suíço, eu mulata carioca. Achei que viveria uma vida de glamour e plena felicidade. Porém, nada disto aconteceu...

Nem eu e ninguém de minha família pensávamos que, um dia, um alto executivo da empresa onde eu trabalhava pudesse se interessar, realmente, por mim. Ele era suíço e estava no Brasil a negócios e ocupava uma posição de Diretoria da empresa. Acontece que, entre uma solicitação de chamada para o exterior e outra, ele se apaixonou pela mulata brasileira. No começo, eu me reservei. Pensava se tratar de mais uma cantada de visitantes para um programa de final de semana, visando ocupar o tempo ocioso deles no Brasil. Mas, ele não saía de minha mesa de operação do PABX. Eu percebi que ele inventava ligações o tempo todo. Tentei ensiná-lo a fazer ligações sozinho, mas ele disse que preferia pedir para mim. Eu tinha um domínio elementar do idioma inglês e conseguíamos nos entender. Um dia, uma das secretárias me disse que o 'gringo' estava apaixonado por mim, que ele era solteirão, muito bem posicionado na vida e que tentara saber dela se era muito indelicado da parte dele me convidar para um jantar. Ao ouvir isto, eu comecei a pensar: 'Por que não um jantar?'. E foram alguns encontros para jantar e um passeio pelo Rio de Janeiro, onde era a sede da empresa no Brasil. E aconteceu um envolvimento amoroso. Ele, em um destes encontros, me solicitou em casamento, mas que eu teria que mudar para a Suíça. Minha família me apoiou e eu disse 'Sim'! E lá fui eu para a Suíça, deixando o meu querido Rio de Janeiro. Realmente, o casamento foi muito elegante, a recepção de alto nível e ele montou uma casa para mim dos sonhos. Mas, o que parecia tudo ideal com o tempo se revelou uma grande frustração. Primeiramente, o choque cultural entre um Brasil e uma Suíça, depois o choque intelectual entre uma pessoa de alta formação pessoal e tecnológica, com a carioca que mal terminou o primeiro ciclo. Mas, o que mais me afetou foi o preconceito. Eu simplesmente me senti rejeitada pela família dele, pelos vizinhos, pela sociedade em geral. Comecei a me deprimir, ficar em casa. Comecei a ter problemas psicológicos e fazer tratamento. Assim, um dia, resolvia largar tudo e voltar para o Rio de Janeiro e minha família. Ele até que tentou me acompanhar, vindo morar no Brasil por uns tempos. Mas, nossas diferenças já tinham marcado definitivamente nosso relacionamento e comprometido nossa vida conjugal. Separamos-nos, ele voltou para a Suíça e eu para minha modesta casa na periferia do Rio de Janeiro. Continuo com meu tratamento psicológico. Quando vem ao Brasil, ele me visita, saímos para jantar. Ficamos muito amigos. Ele era uma

excelente pessoa e não debito a ele nenhuma causa de nossa separação. Simplesmente, não deu certo...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me deixado envolver por esta ilusão de casar com um homem bem sucedido, morar fora do Brasil, sem analisar os prós e contras desta decisão e as diferenças que existiam entre nós dois. O sonho da mulata brasileira se casando com um 'nobre' estrangeiro e morando no exterior, talvez só dá certo em tramas de novelas.

82 - Não tive coragem de fazer cirurgias importantes quando era mais jovem e tinha melhores condições de saúde. Agora, sofro as conseqüências e não posso mais ser operada...

Confesso que eu sempre tive pavor ao ouvir uma recomendação médica sobre a necessidade de realizar alguma cirurgia. Em duas oportunidades que concordei, alguns dias antes entrei em pânico e desisti. Eu não conseguia me ver fazendo os pré-operatórios, entrando na maca em uma sala de cirurgia, sendo anestesiada. Achava que não voltaria à vida após a cirurgia e tantos outros medos. Assim, fui protelando diversas cirurgias. Eu tinha por volta de 45 anos. Deixei de fazer cirurgias importantes, como hérnia abdominal, hérnia de disco, útero, bexiga, tireóide. Agora, com os meus 67 anos, tenho um quadro de problema cardíaco sério e os médicos não se sentem mais encorajados a realizar as cirurgias pendentes. Assim, estou limitada em meus movimentos, sofro com dores no abdômen, o útero caído me traz grande desconforto, a bexiga caída me obriga a constantes idas ao banheiro. Não tenho coragem de participar de eventos e viagens, tão comuns para a terceira idade. Mal saio de casa. Assim, não participo ativamente da vida social, não dou caminhadas longas, minha vida está cada vez mais limitada a ficar sentada no sofá e assistir televisão.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me deixado levar pelo medo antecipado e infundado das cirurgias. Teria aproveitado minhas boas condições de saúde e idade apropriada para resolver minhas pendências médicas e poder, assim, melhor usufruir de uma velhice mais ativa e tranqüila. Agora, só me resta o consolo de Deus e de meu sofá.

83 - Apesar de ver meu pai morrer de câncer do pulmão em decorrência do fumo e alertas dos médicos e da sociedade, eu não abandonei o vício de fumar. Agora, é tarde demais...

Eu fumo deste os meus 15 anos de idade. O que começou com um charme para chamar a atenção das meninas e mostrar que 'agora eu era homem', se tornou um vício de alta dependência. Hoje, fumo um cigarro atrás do outro,

chegando a fumar 3 maços por dia. Tentei me livrar do vício através de cursos e medicação. Mas, de nada adiantaram. Eu me sentia muito mal, chegava a desmaiar e ter ataques de nervos com abstinência ao fumo. Assim, voltava a fumar. Tenho agora 56 anos e a falta de fôlego tem me levado ao médico muitas vezes. E os diagnósticos são sempre os mesmos - meu pulmão está comprometido, aparecem manchas escuras provocadas pela nicotina e outros componentes tóxicos do cigarro. Mas, não consigo parar. E o que é pior. Sei que posso ter o mesmo fim do meu pai, mas, não consigo parar. Às vezes levanto de madrugada para fumar e volto a dormir. Ao me levantar, antes do café da manhã, já fumo um ou dois cigarros. É um inferno em que me meti e agora sofro as conseqüências. Não tenho fôlego para andar muito, subir uma escada. O meu médico tem me alertado que eu estou me encaminhando para um câncer de pulmão, aparelho digestivo ou esôfago. Já aparecem nódulos e pólipos suspeitos. Meus amigos me aconselham a parar e que, talvez, eu consiga reverter esta situação. Mas, não encontro motivação fora do cigarro. Tenho vergonha de admitir tanta fraqueza, mas esta é minha realidade.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria nunca colocado um cigarro na boca ou nunca teria prosseguido neste vício de fumar. Teria sido mais persistente, cuidado melhor de minha saúde, dado um valor maior à minha vida. Agora, é tarde demais. Eu me considero vencido.

84 - Agora eu reconheço que fui um profissional arrogante e pretensioso. Ao invés de aprender com o novo Gerente de RH eu passei a fazer uma campanha interna contra ele. Assim, perdi uma oportunidade de desenvolvimento e minha carreira profissional...

Eu trabalhava na empresa há mais de 15 anos e praticamente era o número um do departamento de recursos humanos. A empresa cresceu e, um dia, eles anunciaram a contratação de um Gerente de RH com a experiência que os novos desafios da empresa estavam exigindo. De minha parte, eu não aceitei esta contratação. Eu achava que eu deveria ser o Gerente de RH, por mérito e pelo meu tempo de casa. Assim, eu fiz oposição consciente a este meu novo chefe. Não colaborava como podia e, sempre que eu tinha uma oportunidade, eu fazia uma campanha interna para que o seu talento e experiência não fossem reconhecidos. Eu dizia sempre: “Se a empresa tivesse me dado os novos profissionais e recursos que deram a este novo Gerente de RH eu também teria feito igual ou melhor que ele”. Assim, nossas relações eram frias e pouco nos falávamos. Ele logo percebeu minha má vontade e se relacionava mais com os novos profissionais contratados para auxiliá-lo na organização do departamento e implementação de um programa de recursos humanos. Assim, eu pouco aprendi com ele. Um dia,

ele teve outra oportunidade de emprego e saiu. Finalmente, a empresa me promoveu ao cargo de Gerente de RH. Mas, infelizmente, eu me mantive nesta posição por um pouco mais de um ano. A empresa percebeu que eu não reunia as condições de experiência e maturidade para a função, não tinha os conhecimentos técnicos e profissionais que o cargo exigia. E me dispensou, contratando um novo Gerente de RH. E foi neste momento que eu percebi o grande erro que cometi graças a minha arrogância...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria perdido a oportunidade de aprender e assimilar os conhecimentos que o novo Gerente de RH trazia de empresas multinacionais. Agora, vejo que ele era uma pessoa bem intencionada e gostava de desenvolver seus funcionários. Mas, se afastou de mim pelas minhas atitudes negativas e arrogantes. Ele até ficou sabendo de minha falta de lealdade e foi gentil não me desligando antes. Fiquei desempregado, sem experiência para um cargo a nível de Gerente e com dificuldades de explicar nos processos de seleção as razões pelas quais eu fui dispensado logo após minha promoção a Gerente de RH na última empresa. Fui imaturo, aprendi uma dura lição.

85 - Eu tive três filhos, eles cresceram, tiveram seus próprios filhos e eu não percebi que cometia pequenos erros, que causaram grandes problemas de relacionamentos em família...

Ah! Como as relações em família não deixam de ser complicadas e complexas! Uma hora está tudo bem e em outra tudo se transforma para conflitos, discussões e comportamentos que nos deixam muito magoados, tristes e deprimidos. E nós pais e avós, não raras vezes, e não intencionalmente, cometemos pequenos erros que deflagram grandes problemas de relacionamentos em família. E alguns podem chegar a proporções assustadoras. E, nestas horas, a nossa idade avançada e todo o nosso passado de dedicação à família não contarão muito para minimizar os seus impactos. Assim, pequenos problemas do cotidiano originados da convivência com os filhos e estes entre si, vão se armazenando na mente destas pequenas criaturas de uma forma que não pensávamos que aconteceria. E vamos descobrir isto muito mais tarde, na vida adulta deles, quando vemos um irmão não se relacionar bem como outro e mesmo um filho nosso reprovar atitudes que tivemos há muitos anos atrás, enquanto eles ainda eram pequenos. E, o que é pior, nós continuamos a cometer estes pequenos erros que explodem em grandes conflitos entre os nossos filhos ou eles conosco, uma vez que afloram todos esses registros negativos gravados em suas mentes dos idos tempos de crianças. Parece que ficamos velhos e ainda não aprendemos a não cometer erros com relação aos nossos filhos. Mas, não conseguimos ser perfeitos a este ponto! E continuamos cometendo

pequenos erros que, não raras vezes, terminam com grandes e novos conflitos em família. Assim, eu cometi pequenos erros de convivência com os meus filhos nesta fase adulta, quando: destacava somente as qualidades negativas de um filho quando criança, sem citar as boas qualidades. E, ao contrário, quando destacamos somente as qualidades boas de outro filho, escondendo as negativas. Isto reafirmará uma preferência; falava aos demais filhos sobre um empréstimo ou benefício concedido a outro filho, que podem se sentir prejudicados ou mesmo fazer com que interpelem o filho beneficiado neste sentido, gerando discussões entre eles; demonstrava maior satisfação quando ao sucesso profissional de um filho e menor reconhecimento aos esforços dos outros em vencer na vida; procurava dar palpites na formação e educação de netos, sem a devida habilidade, ressaltando mais as críticas e pontos negativos; referia-me a genros e noras como pessoas não enquadradas à cultura e hábitos da família; mencionava que genros e noras vivem à custa de nossos filhos; demonstrava gostar mais de um neto do que do outro ou uma predileção a certo filho do que do outro e mesmo de um genro/nora do que do outro; quando comentava pontos negativos deles vizinhos e terceiros e eles ficavam sabendo posteriormente, fazendo com que eu perdesse sua confiança; fazia distinção ao recebê-los em visitas à nossa casa; visitava certo filho com maior frequência com relação a outro; concordava em sair com um filho e nos recusamos a sair com outro; discutia com meu marido ou um falava mal do outro na frente dos filhos. Isto os aborrecia profundamente. E até chegava afastá-los da minha casa, me esquecendo que roupa suja se lava em casa! Mas, eu cometia estes pequenos erros sem maldade e sem a intenção de provocar conflitos em família. Talvez fui traída por minha mente que, com o passar da idade, não consigo totalmente. Entretanto, achava que estes pequenos erros não deveriam assumir proporções a ponto de fazer com que os filhos, genros, noras e até os netos nos confrontassem e ficassem aborrecidos e até rompiam comigo. Mas, infelizmente, isto aconteceu e a um nível que eu não esperava.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... deixaria de procurar entender melhor que as diferenças na criação, de opinião, de temperamento, personalidade e interesses podem gerar conflitos familiares. Eu aprenderia a lidar com as estas diferenças existentes em minha família para evitar viver em eternos conflitos familiares. Seria mais comunicativa, em vez de incomunicável. Eu tinha dificuldade de me comunicar e exprimir o que sentia. Quem não se é comunicável, tendemos a dificultar a solução de conflitos. Alguns conflitos podiam ter sido resolvidos simplesmente através de um diálogo. Eu esperava que eles evitassem adotar atitudes arrogantes e prepotentes quando eu cometesse estes pequenos grandes erros, esperava que eles me perdoassem e não optassem pelo conflito e rompimento de

relações ou o isolamento! Enganei-me. Espero que eu tenha tempo de vida para tentar corrigir toda esta situação.

86 - Eu nunca tive vocação para o casamento. Preferia cuidar de meus pais e preservar a minha liberdade. Porém, sempre tive vontade de ter um filho. Protelei, agora isto é impossível...

Eu sempre fui uma mulher independente, voltada para a minha carreira, meus pais e usufruir tudo o que a minha liberdade de solteira me possibilitava. Porém, em várias oportunidades, eu senti vontade de adotar a 'produção independente' e ter um filho. Eu tinha plenas condições de fazer isto. Meus pais, inclusive, eram de mente aberta e nunca colocaram obstáculos neste sentido. Pelo contrário, eles demonstravam que curtiriam um neto e que ajudariam a cuidar deles. Esta ideia estava clara e uma decisão estava tomada. Porém, me deixei levar por excesso de egoísmo, no sentido de me voltar sempre para mim e meus objetivos, e fui protelando. Encontrei, em várias oportunidades, homens que poderiam ser excelentes 'reprodutores', quer pela aparência física e como pelos traços de personalidade. Mas, adiei demais. Veio a idade e a impossibilidade fisiológica. Hoje, meus pais se foram, vivo com minha solidão, não encontro as mesmas motivações nos benefícios de minha liberdade. Adoraria ter ao meu lado um filho ou uma filha

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... me dedicaria exclusivamente a mim e aos meus desejos. Teria tido um filho ou uma filha enquanto mais nova e fértil, mesmo solteira. Agora, somente na próxima reencarnação!

87 - Comprar uma loja no shopping era o meu maior sonho. Mas, talvez, tenha me deixado levar mais pela vaidade do que pela realidade dos fatos...

Eu tinha uma Clínica Veterinária muito bem sucedida e com um nome respeitável na cidade do interior onde ela estava localizada. Mas, eu precisava crescer e dar uma demonstração de comprometimento com a cidade que me abrigou e me prestigiou. Um shopping foi inaugurado na cidade e esta era a oportunidade que eu considerava para abrir uma unidade. Além disto, ter uma loja no shopping significava para mim atender uma vaidade que me impulsionava à assinatura do contrato, apesar de ser um profissional seguro e com os pés no chão. Era chique ter uma loja no shopping! E foi nesta vaidade que eu assinei o contrato com a administração do shopping não prestando a devida atenção nas cláusulas leoninas do contrato. Estas cláusulas, com o tempo, fizeram que com minha loja não fosse lucrativa e, o que é pior, as condições de transferência eram tão rigorosas que eu acabei saindo e abandonando o projeto, entregando a loja

de volta para a administração do shopping e amargando os prejuízos. Dentre estas cláusulas, as mais impactantes foram: alto valor do condomínio, distribuído entre todos os lojistas, mas com isenção ou valores menores para as lojas consideradas âncoras; participação nos resultados do faturamento e não no lucro. Assim, apesar de não dar lucro, eu tinha que pagar esta participação com base no meu faturamento; transferência para terceiros somente com a autorização da administração do shopping e mediante o pagamento de uma taxa de transferência. Assim, quando resolvi encerrar as atividades, os poucos interessados em ficar com a loja não foram aprovados pelas condições impostas pela administração do shopping.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me deixado levar pela vaidade e falta de cuidado na análise das cláusulas do contrato assinado com o shopping. Se tivesse lido estas cláusulas com atenção e senso de realidade, que ficou um plano menor em razão de minha vaidade, eu teria desistido da ideia. Amarguei um grande prejuízo para aprender esta lição.

88 - Eu saí do Brasil em busca de um futuro melhor. E no país de destino, me casei, tive filhos, montei um negócio, criei novas bases aqui. Mas, o tempo me mostrou que eu nunca deveria ter deixado o Brasil. O retorno agora se torna inviável...

O meu maior arrependimento foi ter me mudado para outro país, deixando o Brasil. Eu tinha uma vida confortável e segura no Brasil. O motivo de minha saída foi mais por questões culturais do que econômicas. Eu e meu marido nos empolgamos com a ideia de viajar, conhecer novas culturas, rodar o mundo, conhecer novas pessoas, aprender outros idiomas, ganhar mais dinheiro. E, um dia, pensávamos em voltar ao Brasil. Mas, aconteceu que fomos gostando do novo país e protelamos o retorno. Iniciamos os estudos, um trabalho, compramos uma casa, abrimos uma empresa e construímos uma nova vida por aqui. Agora, não vemos mais o retorno ao Brasil como uma opção. A oportunidade de voltar, deixando tudo para trás, foi perdida. Retornar ao Brasil, deixando tudo que construímos seria uma irresponsabilidade, uma loucura. Eu confesso que adoro o novo país, mas sentimos falta do Brasil, nossa família, nossos amigos, dos costumes e tradições, de nossas praias, natureza exuberante, nossas músicas, a alegria de nosso povo. Temos feitas visitas anuais ao Brasil, mas não é a mesma coisa. Não temos o convívio diário, as festinhas de aniversário, os almoços aos domingos com a família e amigos. Isto tudo me faz pensar, refletir e me questionando: Será que valeu a pena? Nossa resposta é não!

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria deixado o Brasil. Nós poderíamos ser os mesmos, fazer as mesmas coisas, ter a mesma família se

continuássemos no Brasil. Nosso amor um pelo outro seria o mesmo. Poderíamos ter construído nossas vidas no Brasil, ao lado de nossa família, nossos amigos verdadeiros, nossa pátria. Onde eu moro, nunca será o meu país, somos considerados estrangeiros e tratados como estrangeiros. Ganhamos o título de cidadania, mas isto não muda o coração que continua brasileiro, não muda nossas raízes, nosso sangue brasileiro. Apesar de todos os problemas que temos no Brasil, como a violência, a fome, a corrupção, ainda assim amamos o Brasil e choramos todas as vezes que ouvimos o Hino Nacional. Toda a vez que eu vejo um avião de companhia brasileira sobrevoar o céu de Miami, meu coração voa com ele. Cada vez que ouço alguém falar português, me apresso em cumprimentar a pessoa e bater um papo. Invejo os turistas brasileiros que estão aqui a passeio e irão voltar. E pensamos que é exatamente isto que deveríamos ter feito, passear, curtir e voltar ao Brasil. Não o fizemos, agora é tarde.

89 - Minha insegurança pessoal, excesso de timidez e falta de confiança foram meus maiores inimigos. Deixei de mostrar o que era capaz e quem eu era, verdadeiramente, na vida...

A razão para tanta timidez, insegurança e falta de confiança em minhas capacidades e habilidades podem ter raízes na minha infância, na minha educação, na personalidade e comportamento dos meus pais. Mas, isto não importa mais. Sou adulto e tenho que resolver este meu problema sozinho. Em razão destes problemas, eu perdi muitas oportunidades na vida. Isto ocorreu com empregos, namoradas e tantas outras atividades onde eu poderia ter sido melhor se não me deixasse vencer facilmente. Eu fugia e me escondia de várias situações onde eu poderia ter demonstrado que eu era capaz e quem eu era na minha verdade. Deixei o medo tomar conta de mim muitas vezes e acabei perdendo muitas oportunidades na vida.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... deixaria de mostrar tudo o que sou capaz, faria tudo que deveria ter feito e não fiz, lutaria mais para vencer a minha insegurança, timidez e falta de confiança, teria procurado um terapeuta para me ajudar neste sentido. Hoje, me considero vencido, não tenho mais forças para tentar uma reviravolta em minha vida. Estou com 57 anos. Meus amigos tentam me confortar, dizendo que sempre é tempo de tentar ser diferente. Mas, para mim, isto uma missão praticamente impossível.

90 - Eu trabalhei até não poder mais. Somente parei quando a natureza deu sinais de esgotamento e incapacitação. Assim, parei de trabalhar com idade avançada. Não valeu a pena...

Até hoje eu me questiono o que teria me levado a trabalhar por uma remuneração até não poder mais. Mas, isto, definitivamente, não valeu a pena? No final de minha vida, isto se tornou um grande e tardio arrependimento. Para mim a decisão de parar de trabalhar foi extremamente difícil sempre. Na empresa onde trabalhei por mais de 60 anos, eu participei de programas especiais de orientação aos funcionários prestes a alcançarem o direito à aposentadoria. (E eu já estava aposentado e tinha conquistado este direito há muito tempo!). Estes programas cobriam vários aspectos, entre eles: como planejar a vida nesta nova fase, como organizar as finanças, alternativas de atividades, a importância do momento para cuidar da saúde e melhor condicionamento físico, o valor do resgate de antigas amizades e busca por parentes distantes, o novo tesouro de tempo que teriam à sua disposição para gastarem em viagens, passatempos, passeios, leitura e descansarem. Estes programas ajudavam e muito. Porém, mesmo assim, eu continuava com dificuldades de aceitar a Ideia de parar e ingressar nesta nova fase de minha vida - a de aposentado. Eu identifiquei, nestas situações, pelo menos, três grandes motivos para não parar: 1 - Uma estrutura de custos e despesas familiares, incluindo em alguns casos até ajuda a filhos, os gastos com a manutenção de propriedades e outras despesas pessoais, que eu julgava, erradamente, que não permitiram e viabilizariam uma sobrevivência somente com os proventos de aposentadoria e até mesmo rendas financeiras e de aluguel de imóveis. 2 - Um apego ao dinheiro. Apesar de bem constituídos em seus patrimônios pessoais, querendo acumular mais e mais fortuna. 3 - Uma dificuldade de planejar e imaginar uma vida fora do trabalho, fora daquela 'gostosa' rotina de levantar cedo todos os dias, ir trabalhar, voltar cansado à tarde, tomar um banho, ver um pouco de TV e dormir, repetindo tudo novamente no dia seguinte. Além destes motivos, eu achava que a extensão do período produtivo era uma forma até de manter a saúde física e mental, mantendo até minhas últimas forças minhas atividades profissionais. Eu sentia a necessidade natural de produzir, desenvolver e criar, necessidade do ritmo, de viver os horários que o trabalho exige. Assim, por tudo isso, para o bem da minha saúde e pela necessidade da obrigação, eu decidia que nunca deveria parar. Mas, aos 72 anos me vi obrigado a parar por exigência médica. Um infarto e a colocação de duas pontes safena me obrigaram a uma vida sedentária, sem tempo longo de vida e sem poder usufruir as conquistas materiais que eu tinha conseguido.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria cometido este erro tão grave em minha vida. Com certeza, definiria uma idade de me aposentar mais cedo, algo em torno de 60 anos e aproveitaria minha saúde e minhas energias para usufruir um pouco mais dos prazeres da vida, convívio com a família e amigos.

91 - Eu sempre fui excessivamente responsável e sempre me preocupei mais com os problemas, sentimentos e opiniões de outras pessoas, principalmente filhos e parentes. Deixei de cuidar de mim. E, o pior, o tempo me fez ver que nenhum reconhecimento eu tive com isto. Ao contrário, tive críticas e sofri isolamentos...

Eu e minha irmã herdamos este comportamento de minha mãe. Ela sempre foi uma mulher que se anulou na vida para corresponder às expectativas e se ajustar aos comportamentos de outras pessoas, em especial meus pais e meus parentes. Tudo ela aceitava, com tudo ela se preocupava. O que valia para ela eram as vontades e opiniões dos outros. Ela era muito responsável e procurava não errar neste aspecto. Obter dela uma opinião sobre alguma coisa era praticamente impossível. Ela procurava saber, antes, o que a pessoa pensava sobre o assunto. Viveu anulada no seu canto e suas poucas realizações e reconhecimento eram os elogios à sua macarronada e carne assada que, com muita satisfação, preparava todos os domingos aguardando a visita de algum filho, o que nem sempre acontecia. Eu cresci assim e aprendi a ser quase assim também. Minha irmã, idem. Deixei de dormir, muitas noites, preocupada com os problemas, opiniões e sentimentos de filhos, netos e marido, no plano pessoal e profissional. Eu sofria mais do que eles sofriam com seus sofrimentos. Eu procurava ajudar, interferir, evitar que tivessem problemas, sofrimentos. O que ganhei? Nada! Hoje sofro de várias enfermidades geradas por este constante estado de preocupação e excessiva responsabilidade. Em várias situações, senti que, ao invés de reconhecimento por tudo o que fiz, experimentei atitudes de desaprovação e isolamento de filhos, netos e marido.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido tão responsável, teria me preocupado menos, cuidaria mais de mim, analisaria mais as coisas antes de me preocupar. Mas, estou tentando fazer isto, apesar dos meus 68 anos de idade. Sempre é tempo para aprender. Não raras vezes, percebo que meus filhos, netos e marido procuram aquela 'antiga senhora' e não a reconhecem mais em mim.

92 - Definitivamente, eu não tinha vocação para casamento, para ser marido e pai. Assim, ao longo de meu casamento, deixei de cumprir com uma série de obrigações e ter um comportamento adequado, o que me levou a constituir uma família que teve muitas frustrações e descontentamentos comigo...

Minha mãe sempre dizia que eu, desde pequeno, era voltado para as minhas brincadeiras, meus estudos e a satisfação de minhas vontades. Eu não sentia

a necessidade de amigos, como não sinto até os dias de hoje. Eu sempre gostei da solidão e de estar sozinho comigo mesmo, curtindo a natureza ou o silêncio de um templo religioso. Mas, me apaixonei, me casei e tive três filhos. Entretanto, após o casamento, algo ficou muito claro para mim - eu não tinha vocação para o casamento, para ser marido e ser pai. Eu continuei voltado para os meus sonhos e o atendimento de minhas vontades. Negligenciei em minhas obrigações sociais em família. Era um pai ausente. Tornei-me um grande provedor e desenvolvi uma responsabilidade acima do comum de uma proteção material para minha família. Porém, o que eles mais queriam era sentir um pai mais próximo, mais presente, mais amigo. Minha esposa, de sua parte, sentiu a falta de um companheiro, um cúmplice em várias fases de sua vida de casada. Hoje, colho os frutos amargos de uma família desunida, sem um grau de amor e amizade entre os irmãos, sem o respeito da esposa. Vivemos isolados e não sentimos reconhecimento.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me casado. Não tinha vocação para marido e pai. Deveria ter continuado solteiro. Com certeza, teria realizado muitos sonhos que a vida e os compromissos de casado não me permitiram. Não estaria sentindo este peso em minha consciência da frustração de não conseguir ser um bom pai e um bom marido.

93 - Eu sempre procurei dar todo o conforto material e prover recursos financeiros para a educação de meus filhos e manter minha família. Porém, negligenciei na educação espiritual e religiosa. Isto marcou, profundamente, a vida de meus filhos... .

No começo de casado, eu até procurava levar meus filhos até a igreja perto de casa. Porém, mais para participar das quermesses e comer pastel como uma diversão de rotina dos finais de semana. Raramente, eu entrava com eles na igreja ou participava de alguma missa. Com o passar do tempo, eu trabalhava cada vez mais e estudava à noite. Assim, sequer os levava mais às quermesses e o pastel passou a ser oferecido nos passeios ao final de semana, no campo ou na praia. Hoje percebo que cometi um dos maiores erros de minha vida. A falta de uma educação cristã e religiosa fez com que eles não desenvolvessem o lado espiritual. Eu não construí uma família cristã e unida. Os amparei materialmente, mas não espiritualmente. Hoje, já adultos e casados, cada um procura satisfazer esta necessidade de acordo com o seu entendimento. Minha filha voltou-se para as religiões hindus. Meu outro filho é, praticamente, um ateu. Deus para ele é a Natureza, à qual se dedica de corpo e alma. Meu outro filho, após muitos contratemplos na vida, voltou-se mais para o espiritismo. Eles sempre se sentiram perdidos quando passaram por problemas de saúde, dificuldades profissionais e tantos outros desafios. Parecia que eles procuravam um Ser superior para

ajudá-los, mas não tinham ideia quem era e onde encontrá-lo. Eles não tinham um socorro espiritual para estas horas de aflição em suas vidas. E nestes momentos, eu me sentia muito culpado!

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria sido omissos nesta importante responsabilidade de um chefe de família. Eu teria desenvolvido o hábito de ler a bíblia, explicar seus ensinamentos. Teria criado uma rotina de assistir missas todos os domingos com minha família. Contaria a história de Jesus, falaria sobre o poder de Deus para os meus filhos. Participaria de aulas sobre o Evangelho. Teria ensinado meus filhos a conhecer e respeitar os ensinamentos do Evangelho. Teria criado uma família cristã, unida.

94 - Eu engravidei uma única vez na vida. Mas, o momento não era favorável para eu ter e cuidar de um filho. Fiz um aborto em uma clínica clandestina. Nunca mais consegui engravidar. Hoje sinto que matei o único filho que o Destino havia me reservado...

Eu tinha 28 anos quando engravidei. Era o meu segundo casamento. Eu vim de um primeiro casamento muito frustrante e, ainda, não me sentia segura no meu segundo casamento. Além do mais, eu tinha uma atividade de vendas externas e vivia de um pequeno salário fixo e boas comissões variáveis. Quando engravidei, estas duas condições não me motivaram a manter esta gravidez - meu segundo casamento ainda em provação e minha atividade profissional. Resolvi fazer um aborto. Sei que era ilegal e procurei uma clínica clandestina que fazia abortos. O aborto foi muito complicado, passei muito mal nos dias seguintes, tive hemorragia. Mas, achei que tinha feito a coisa certa para o momento. Os anos foram passando, meu segundo casamento se consolidou e queríamos ter um filho para formar uma verdadeira família. Mas, este filho não veio. Fiz várias tentativas, mas nada acontecia. Fiz tratamentos médicos, inseminação artificial, mas o feto não vingava. Eu comecei a acreditar em castigo divino. Hoje, não tenho mais idade para tentar engravidar. Vivemos eu e meu segundo marido, sozinhos sem um filho para chamar de nosso. Hoje eu sinto remorsos e arrependimentos pelo aborto que fiz. Sinto que matei o único filho que o Destino havia me reservado!

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria feito o aborto. Não teria cometido este abominável, ilegal, imoral e pecaminoso aborto. Teria deixado a criança, que estava pronta para crescer dentro de mim, vir à vida. Agora só me resta pedir perdão a Deus e sofrer por esta decisão errada que tomei na vida. Errada e irreversível. Até hoje eu fico imaginando como seria a carinha deste meu filho a quem eu não dei o direito de nascer.

95 - Desde criança, minha mãe sempre disse que eu era muito vaidosa. E, realmente, eu era e sou. Sempre achei que a beleza de uma mulher seria uma boa chave para o sucesso pessoal e profissional. Assim, procurei manter esta vaidade e complementá-la com sucessivas plásticas. Mas, se as plásticas me deram alguns benefícios, me deram muitos malefícios, também...

Desde menina eu gostava de andar sempre bem vestidinha, com os cabelos impecavelmente penteados e, quando possível, com alguma maquiagem. E cresci assim. Vaidosa, procurando ser sempre bonita e mais bonita do que minhas amigas. Fazia isto pelo meu próprio prazer, mas, confesso, para chamar a atenção dos rapazes. Eu percebia, e isto era uma realidade, que a beleza abre as portas para as mulheres nos aspectos pessoais e profissionais. Assim, talvez tenha dado foco mais em ficar bonita do que intelectual. Não que eu seja do tipo 'loira burra'. Aos 26 anos me casei com um executivo de um banco. Eu percebia que ele tinha muito orgulho e prazer de me apresentar aos seus amigos e colegas de trabalho. E, quase sempre, ele recebia elogios - 'parabéns por sua linda mulher!'. Mas, quando entrei nos meus 40 anos, comecei a ficar preocupada com o surgimento de rugas e celulite, além de alguns outros sinais de envelhecimento. Assim, procurei socorro junto aos cirurgiões plásticos. E fiz sucessivas plásticas, todas que vocês possam imaginar. Fiz isto por vaidade, mais, principalmente, por insegurança. Eu não conseguia imaginar meu marido não recebendo mais os costumeiros elogios ou ele me achando 'diferente'. E se tive benefícios, tive muitos malefícios. Algumas destas plásticas transfiguraram o meu corpo. A pele não reagiu como eu esperava. Comecei a ficar com marcas e transformações que me deixavam sentir mais feia do que antes das plásticas. Isto começou a mexer com minha cabeça e logo vieram os problemas psicológicos. Meu compreensivo marido procurava me apoiar e consolar. Mas, no fundo, eu acho que ele sentia o mesmo. Eu tinha medo de perdê-lo, medo que ele se interessasse por uma mulher mais jovem e mais bonita. Entretanto, as reações negativas destas sucessivas cirurgias plásticas são irreversíveis. Minha cara não é a mesma, eu me tornei, na aparência, outra mulher, só que em uma versão pior. Hoje, com meus 55 anos, eu invejo minha. Ela está velhinha, mas com aquela aparência doce e suave das marcas do tempo. Marcas que eu procurei apagar e, no final, se transformaram em borrões...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria entrado nesta paranoia de fazer sucessivas plásticas. Não teria castigado o meu corpo e minha aparência por pura vaidade e insegurança. Deixaria que a natureza seguisse o seu rumo. Teria me cuidado sim com mais exercícios físicos, melhor alimentação, maior segurança e bem estar que uma confiança em mim proporcionaria. Cuidaria mais de meu lado intelectual. Agora só me resta

aguardar os ditames da natureza e envelhecer. Envelhecer não com minha aparência original, mas com a aparência e marcas destas cirurgias plásticas, muitas delas desnecessárias.

96 - Por ciúmes do relacionamento entre o meu marido e minha sogra e para me 'vingar' dele quando tínhamos atritos, eu me tornei o anjo mau de minha sogra. Isto a magoou muito e, quando ela se foi, eu levei um remorso por toda minha vida pela injustiça que fiz...

No começo de casada, eu admirava demais minha sogra. Ela era toda bondade, toda família, sempre muito preocupada em agradar a todos e fazer com que todos ficassem felizes ao seu lado. O meu marido tinha uma relação excelente com ela e este relacionamento era um exemplo para todos. E ela gostava muito de mim, tratando-me como uma verdadeira filha. Porém, com o passar do tempo, as divergências e os atritos normais de um casamento começaram a aparecer. Eu sentia que meu marido não me tratava com o mesmo carinho como tratava sua mãe. Eu comecei a ficar com ciúmes e, conscientemente, mudei meu comportamento com ela. Do desprezo e afastamento de sua casa que provoquei no começo, eu passei a agredi-la com palavras, aproveitando todas as oportunidades para criticar o que ela fazia. Não a convidava mais para ir em casa ou sair com a gente. Eu me tornei o anjo mau de minha sogra para, de certa forma, me vingar de meu marido. Ela sentiu muito esta minha mudança de comportamento. E nossas relações pioraram a ponto de um total rompimento. Eu não ia mais em sua casa, ela não vinha mais em minha casa. Sempre que podia, eu colocava obstáculos para as visitas de meu marido à casa de minha sogra. Esta, percebendo a situação, pedia para ele evitar as visitas para não me magoar. Ele não dava importância, mas com o tempo ele reduziu suas visitas à sua mãe. Minha sogra morava sozinha, já tinha mais de 80 anos. Esta situação a magoou profundamente. Era algo que ela nunca poderia esperar de uma nora e de um filho. Como ela era toda família, como já disse, esta situação fez com que ela se entristecesse cada vez mais e ficasse doente. Ela vivia isolada em seu canto, aguardando que algo acontecesse que mudasse esta situação. Mas, este algo não aconteceu até a sua morte. Quando isto aconteceu, eu repassei minhas atitudes e o quanto estas atitudes poderiam ter influenciado em sua morte e passei a ter um terrível remorso. Perdi uma grande sogra. E ela se foi magoada comigo. Foi como levasse um pedaço de minha motivação para vida. Meu marido nunca mais foi o mesmo comigo. Passamos a ter um relacionamento frio e convencional. Eu acho que, no fundo, ele tinha a convicção que eu, de alguma forma, influenciei na decadência de minha sogra e em sua morte.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria feito tamanha asneira em minha vida. Eu teria acertado meus problemas de relacionamento com o meu marido em conversas francas e abertas ou até mesmo em com uma separação se necessário fosse. Porém, nunca deveria voltar minha arrogância, minha raiva e meu poder de maldade com uma pessoa tão doce e inocente como era a minha velha e bondosa sogra. Que ela consiga me perdoar onde estiver...

97 - Eu sempre gostei de ler e escrever. Mas, segui uma carreira na área de Administração por 50 anos e protelei esta minha vocação. Agora, aos 70 anos tento entrar no mundo literário escrevendo livros, principalmente literatura infanto-juvenil. Entretanto, como todas as profissões, há que se ter um período de aprendizado e maturação. E minha idade não permite que eu complete este ciclo de aprendizado a tempo e a nível que o mercado editorial exige. Assim, tenho escrito livros, porém com uma aceitação das editoras abaixo de minhas expectativas. Isto tem me provocado algumas frustrações de vez em quando!

Meu primeiro prêmio literário foi na empresa onde trabalhava aos 19 anos de idade. Eu ganhei o primeiro lugar na categoria Contos e o segundo lugar na categoria Poesia. Escrever sempre foi um dom não necessariamente reconhecido por mim, mas por outras pessoas, colegas de trabalho e meus superiores nos empregos. Assim, era comum eu ser solicitado para fazer comunicados aos funcionários, escrever normas e procedimentos, fazer o editorial e outras matérias do jornal da empresa, mensagens do presidente de final de ano, entre tantas outras. Mas, escrever livros eu comecei aos 60 anos. Eram histórias infanto-juvenis destinadas aos meus netos, com o intuito de colaborar no desenvolvimento de seu caráter, moral, valores, consciência ecológica, cidadania, cultura, experiência e conhecimentos gerais. A partir destes livros, não parei mais e hoje tenho mais de 50 originais escritos. Porém, a frustração vem com as cartas recebidas das editoras recusando as obras para edição. Eu consegui editar vários livros para o público adulto e alguns poucos para o público infanto-juvenil. Porém, minha 'carreira' de escritor ainda não atingiu o nível que eu sonhava. Às vezes penso até em desistir. Mas, minha persistência me estimula a continuar. Penso até que não é mais persistência e sim teimosia. Porém, quem é escritor sabe que, quando vem uma ideia, uma inspiração na cabeça, a gente não consegue se controlar e tirar esta ideia e inspiração se não a colocarmos no papel. Assim, continuo escrevendo e as pesquisas que faço me dão a oportunidade de novos conhecimentos.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... teria me afastado, como fiz, de uma vocação e gosto em escrever. Teria desenvolvido esforços paralelos para

fazer cursos de literatura, oficina de textos, participado de grupos de escritores. Enfim, teria mergulhado mais na possibilidade de aprender, amadurecer e me tornar um escritor de boa aceitação junto às editoras. Mas, seguimos em frente. Quando escrevo livros, eu tenho a oportunidade de me ausentar do presente de minha vida e viajar no tempo e no espaço em fantasias e histórias fantásticas, que se tornam criações como se fossem filhos. E procuro uma motivação no exemplo de tantos escritores que começaram a escrever em idades avançadas, como a respeitável Cora Coralina.

98 - Eu me esqueci que não estava mais no comando do navio da família. Meus filhos casaram, tiveram seus próprios filhos e eu procurava continuar comandando seus destinos. Acabei isolada e criando problemas de relacionamentos em família...

Se há um ponto em que o ser humano difere dos animais é neste aspecto. Na Natureza, qualquer animal tem os seus filhotes, os amparam, alimentam e protegem até chegar o momento certo em que eles deverão cuidar da vida por si mesmos. E eles não hesitam em forçar esta separação rumo à autonomia e independência de seus filhotes até com mordidas, bicadas, coices e patadas. Mas, nós humanos não! Pelo menos, eu não! Eu sempre quis que meus filhos ficassem sempre ao meu lado, dentro do barco sob o meu comando. E esqueci que eles cresceram e que, agora, têm os seus próprios barcos para comandar. Esqueci que eles até se casaram e tiveram seus próprios filhos. E aí começaram a surgir vários conflitos e decepções. Eu não me conformava em abrir mão do nosso comando. Temos ainda registrado em nossas mentes o quanto trabalhamos de educar e sustentar os meus filhotes. Isto foi o incentivo e mola propulsora de minha vida. Fiz de tudo para honrar este compromisso. Vivi uma vida inteira focado neste compromisso. Este compromisso passou a ser o ar que respirava, a comida que me alimentava em toda a nossa existência. Assim, minha mente se recusava a aceitar que os meus abandonaram o barco e que eu estava sozinha e desobrigada deste compromisso. Assim, mesmo de longe, eu procurava viver um pouco da vida de meus filhotes e participar ativamente de momentos e decisões. Agi como uma comandante de um navio que quer interferir no comando de outro navio. Aí, começam a surgir os problemas de relacionamentos com meus filhos, genros, noras e netos. E estes problemas vão desde os mais insignificantes até os mais graves e sérios. Eles queriam conduzir suas vidas à sua maneira e seguir o seu Destino como bem entenderem. E onde ocorreram estas minhas interferências junto aos filhos (principalmente), genro/noras e netos, quando eu não aceitava abrir mão do comando do navio? (Entendemos interferências, como intromissões, palpites, pressões, imposição de ideias, contrariar posição, zombar de uma

decisão, mostrar-se incrédulo, fazer profecias negativas, atitude de descrença e descrédito. E, principalmente, quando estas interferências não foram solicitadas!). Estas interferências eram, infelizmente, amplas, em assuntos como: formação escolar (o que você vai ser quando crescer?) de filhos e netos; planos de aquisição de bens duráveis; opções de carreira profissional; empresas onde trabalhar; planos de viagem de férias; mudança de domicílio; compra de carros; compra de imóveis; educação de filhos; hábitos e comportamentos pessoais; hobbies e passatempos; planejamento financeiro; filosofia de vida; hábitos alimentares; relacionamentos pessoais (com amigos e parentes); religiosidade; hábitos e cultura da casa; personalidade e comportamentos e até em planos e sonhos. Um exemplo simples: um dia, eu vi o meu neto pedir ao pai que gostaria de receber um aquário no dia de seu aniversário. E o que eu fiz, então? Imediatamente, interferei dizendo: 'Vocês vão se arrepender. Eu já tive aquário! Dá um trabalho enorme para cuidar e manter tudo limpo. Eu perdia quase um sábado inteiro lavando a areia, as pedras, os enfeites, trocando a água, limpando o vidro, colocando os peixinhos nas panelas de sua avó enquanto eu fazia o serviço. Olha, é um inferno! Eu fiquei feliz mesmo quando dei tudo para o japonês da loja!'. Pronto, apesar de bem intencionada, eu criei um problema em família. Meu filho resolveu seguir o meu conselho e negou o aquário ao meu neto. Meu neto ficou desapontado e ficou infeliz com a bola de futebol oficial como presente de aniversário, sendo que ele nem gostava de jogar futebol. Minha nora começou a falar que o casal deveria ter suas próprias opiniões e viver sua vida. Minha nora pagou também o pato sem qualquer culpa no cartório. E o que aconteceu no final? No aniversário do meu neto no ano seguinte ele recebeu de seus pais o tão desejado aquário, com tudo o que tinha direito - o aquário, as pedras, a areia, os respiradouros, as grutas, os enfeites, rações e muitos peixinhos multicoloridos. Assim, passou um tempo curtindo momentos de alegria de criança olhando os seus peixinhos nadando de lá para cá, da cá para lá. E o que é pior. Eu nem ficou sabendo que o meu filho deu o aquário e todos os seus pertences ao japonês e nem quis receber nada em troca. Ele não aguentava mais ter que limpar tudo. Ele perdia quase um sábado inteiro lavando a areia, as pedras, os enfeites, trocando a água, limpando o vidro, colocando os peixinhos nas panelas de sua nora enquanto fazia o serviço! Meu neto, alguns meses depois, não aguentava mais ver os peixinhos multicoloridos nadarem de lá para cá, de cá para lá e preferiu jogar futebol com os amigos. E esta história do aquário se repetia com a compra de um sítio, apartamento na praia ou de um carro, uma viagem, um hobby, uma experiência profissional, entre os demais fatores já relacionados onde, muitas vezes, interferei com insistência. Nestas oportunidades, eu me baseava em minhas experiências positivas ou negativas e procurava orientar ou mesmo interferir junto aos meus filhos, genros, noras e netos para que seguissem estas minhas experiências. E quem disse que algo que não deu

certo para mim, também não daria certo para eles? Eu poderia ter detestado a experiência de ter um aquário e meus filhos, genros, noras e netos passarem a ter uma verdadeira paixão permanente por este hobby e passatempo. E isto poderá se repetir com a compra do sítio ou apartamento na praia, de um carro e tantas outras coisas.

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não... eu procuraria ter um perfeito entendimento e compreensão que, em algum momento de nossas vidas, vamos ter que deixar nossos filhotes seguir suas próprias vidas, como um fato natural da evolução do ser humano. E devemos fazer isto com resignação e sabedoria para que não os mantenhamos afastados de nós. Eu esqueci que eles têm o direito e eles querem ter suas próprias experiências, aprender com os seus erros, pagar para ver, amadurecer de acordo com os acertos e desacertos de suas decisões. Descobri a necessidade cada vez maior de eu ter minha própria vida e minha rotina na terceira idade, criando um estilo de vida independente, deixando que meus filhos, genros, noras e netos tenham também sua vida própria e suas rotinas.

99 - Colaborações diversas de amigos internautas...

- Gostaria de ter dito a todos que já partiram o quanto eu os amava e perdi esta oportunidade;
- Não sofreria tanto por causa de alguns membros de minha família;
- Deixaria meu marido ter aceitado a proposta de ir jogar bola em um time profissional. Na época, namorávamos e eu tive medo, pois ele iria ficar muito tempo fora. Ele desistiu de seu sonho por minha causa;
- Eu teria aproveitado melhor as coisas, teria dado valor ao que eu realmente tinha, teria abraçado e beijado mais meus amigos e dizer o quanto eu os amo , eu teria percebido como eu era realmente feliz, reclamaria menos, agradecer mais;
- Infelizmente o tempo não volta. Mas, se eu pudesse voltar atrás não teria sido tão persistente em certas situações que hoje vejo era melhor ter deixado para lá;
- Eu deveria ter deixado algumas pessoas irem embora da minha vida, ao invés de segurá-las;
- Eu deveria ter prestado atenção em quem era realmente importante e deixei ir embora;
- Eu deveria ter seguido mais a minha razão e bem menos o meu coração;
- Eu deveria ter me importado com quem se importava comigo e estava ao meu lado quando precisei;

- Eu deveria ter aprendido que construir os meus sonhos no terreno de outra pessoa é muito perigoso;
- Eu deveria ter aprendido que dar murro em ponta de faca sangra! Mesmo que eu tente ignorar isso;
- Eu deveria ter aprendido que se algo ou alguém permanece longe de mim, talvez seja para o meu bem;
- Eu deveria ter aprendido que amor se constrói com gestos e não com palavras;
- Eu deveria ter ficado mais perto dos meus amigos, pois é impossível prever quando irei perdê-los para sempre;
- Eu deveria ter aprendido que quem não me aceita como eu sou, não me ama de verdade;
- Eu deveria ter sido mais egoísta e ter me preocupado mais comigo do que com os outros;
- Eu deveria ter enxergado que apoiar, não significa ser apoiado quando é necessário;
- Eu deveria ter ido dormir mais cedo, ao invés de ter cedido minhas noites por quem nunca nem sonhou comigo;
- Eu deveria ter sido mais firme nas minhas decisões, hoje vejo que voltar atrás (mesmo que para consertar), nunca me fez bem;
- Eu deveria ter revisto minhas prioridades;
- Eu deveria ter percebido que para certas pessoas nada do que eu faço ou possa fazer é o bastante, e deveria ter deixado de tentar agradá-las;
- Eu deveria ter reparado que quem ama, cuida;
- Eu deveria ter lembrado que uma história sempre tem dois lados e que não posso escolher um só;
- Eu deveria ter relaxado mais, chorado menos. Pois nem tudo depende apenas de mim, e ter acreditado que tem certas coisas que não acontecem porque não devem acontecer, portanto lutar, me importar e tentar era inútil;
- Eu deveria não ter me esquecido que nada é por acaso;
- Eu deveria ter lido mais e ficado bem menos tempo ao telefone;
- Eu deveria ter acreditado que os meus sonhos ainda persistem, mesmo que a pessoa que os motivaram tenha ido embora para sempre da minha vida;
- Eu deveria ter rido mais, ido mais ao cinema, viajado mais porque a vida vai e nunca volta;
- Eu deveria saber que, mesmo as escolhas erradas, no fim acabam me mostrando os caminhos certos. E que no fim eu deveria me lembrar de agradecer;
- Não descuidaria da alimentação, não sairia da academia, controlaria mais meus impulsos de raiva, evitaria algumas discussões em família;

- Deveria ter orado mais, ido mais às reuniões religiosas do meu grupo, meditado mais e dormido menos;
- Não teria me acomodado em algumas conquistas e procuraria mais superação e novas conquistas.
- Teria comprado vários terrenos na Praia Grande em São Paulo. Há 40 anos atrás era uma praia altamente poluída, com esgoto a céu aberto, com prédios simples, mal frequentada e os terrenos não valiam quase nada. Hoje, um lote de terreno por lá de frente para a praia está valendo mais de R\$ 2.000.000,00. Hoje eu estaria rico!
- Eu teria guardado minha coleção de gibis. Eu tinha o gibi número 1 do Super-Homem e não o guardei. Fiquei sabendo que este gibi foi leiloado para colecionadores nos Estados Unidos por US\$ 1,000,000.00. Pode?
- Eu comprei muitas coisas que não precisava, gastei um dinheiro que não tinha, para agradar pessoas que não gostava! Esta frase não é minha, mas se aplica muito bem em minha situação! Vivo duro e endividado, engrossando as estatísticas de brasileiros inadimplentes. Arrependo-me profundamente. Vou tentar mudar! Mas, isto vira um vício!

100 - Relato de uma enfermeira que conheceu e tratou muitas pessoas em seu leito de morte. Ela pode ouvir de algumas delas arrependimentos que sentiam nesta fase final da vida. Como tomei conhecimento, gostaria de compartilhá-los com vocês. Talvez, sejam úteis para que evitem seus próprios arrependimentos no futuro... (Fonte: The top five regrets of the dying, algo como “Os cinco principais arrependimentos de pacientes terminais”, foi escrito por Bonnie Ware, uma enfermeira especializada em cuidar de pessoas próximas da morte).

Os arrependimentos mais comuns que esta enfermeira registrou foram:

1 - Quando as pessoas percebem que sua vida está terminando e constatarem que muitos sonhos não foram realizados. A maioria das pessoas não tinha honrado nem metade dos seus sonhos e morreram sabendo que isso foi culpa das próprias escolhas que fizeram ou não fizeram. É muito importante tentar honrar pelo menos alguns de seus sonhos ao longo da vida. A partir do momento que você perde a saúde, é tarde demais;

2 - Pessoas que trabalharam muito, viram pouco os seus filhos e perderam o companheirismo da parceira. É um arrependimento profundo passar tanto tempo da sua vida na esteira de uma existência profissional. Ao simplificar seu estilo de vida e fazer escolhas conscientes ao longo do caminho, é

possível não ter esse arrependimento. E criando mais espaço em sua vida, você se torna mais feliz e mais aberto a novas oportunidades;

3 - Muitas pessoas suprimiram seus sentimentos a fim de manter a paz com os outros. Como resultado, estabeleceram uma existência medíocre e nunca se tornaram quem poderia ser. Muita amargura e ressentimento é o resultado. Nós não podemos controlar as reações dos outros. As pessoas podem, inicialmente, reagir quando você fala honestamente, mas no final, a relação só melhora e se torna mais saudável com sinceridade. Não segure suas opiniões ou sentimentos. Se por acaso alguém não gostar de você como você é, você tem a chance de se libertar de algo que não lhe faz bem;

4 - Muitas vezes as pessoas não percebem verdadeiramente os benefícios de velhos amigos até à semana de sua morte. Muitos se tornam tão ocupados em suas próprias vidas que deixam amizades de ouro deslizar de vista ao longo dos anos. Depois, lamentam profundamente não ter dado a essas amizades o tempo e o esforço que elas mereciam. Todo mundo sente falta de seus amigos quando está morrendo. Não é dinheiro ou status que mantém a verdadeira importância da vida para quem chegou ao fim. Naquele momento, o que você quer mesmo é fazer coisas em benefício daqueles que você ama. No final, tudo se resume a amor e relacionamentos.

5 - Surpreendentemente comum, muitas pessoas no leito de morte não perceberam, até ao final de suas vidas, que a felicidade é uma escolha. Elas haviam ficado presas em velhos padrões e hábitos: o “conforto” da familiaridade. O medo da mudança fez com que elas fingissem para todos e para si mesmas que estavam satisfeitas quando, lá no fundo, queriam mesmo é rir verdadeiramente. Quando você está em seu leito de morte, você esquece o que os outros pensam de você e é capaz de deixar para lá e sorrir com sinceridade. Seria bom poder fazer isso bem antes do momento final, não?

(Com base nos relatos desta enfermeira, será que não poderíamos perguntar: A busca pela felicidade não seria, também, procurar alcançar a meta de ‘arrependimento zero’ quando estivermos em nossos dias finais?).

Epílogo de nossa viagem: ‘De volta para o futuro’

Como dissemos inicialmente, todos nós queremos ter as nossas próprias experiências. Entretanto, pessoas mais sábias e espertas não hesitam em, pelo menos, ouvir a experiência de outras pessoas sobre um mesmo assunto de seu interesse. Assim, antes de tomar uma decisão importante ou alterar um estilo de comportamento, estas pessoas somam à sua base de conhecimentos estas experiências e conselhos de outras pessoas. Assim,

acabamos de registrar 100 relatos, semelhantes ou assemelhados, de 500 pessoas que concordaram em dividir suas experiências conosco. Estes relatos são um verdadeiro tesouro de sabedoria e filosofia de vida. Tenho a certeza de que, muitos deles, servirão de exemplos. Alguns, poderão não se aplicar, como o caso do nosso frustrado amigo que se dedicou ao hobby de ter aquário. Mas, você pode muito bem ter este hobby de ter e manter aquários em casa sem maiores problemas. Outros, terão aplicação restrita em suas ações e decisões. Porém, creio eu, uma maioria poderá ser aplicada à sua filosofia e sabedoria de vida, fazendo com que você seja mais assertivo em ações e decisões.

Com base nos relatos apresentados, podemos deduzir as seguintes ‘máximas’ de sabedoria e filosofia de vida, originadas de experiência reais:

1. Antes de se lançar como empresário para fabricar algo que imagina genial e útil, faça análise de mercado junto aos potenciais compradores para ter certeza da necessidade e viabilidade do produto. Isto poderá evitar que você sofra grandes prejuízos e frustrações.
2. Não mantenha relacionamentos com homens casados. Isto poderá lhe trazer muito mais frustrações e amarguras do que prazeres na vida, além de você perder reais oportunidades de felicidade, como constituir uma família, ser mãe.
3. Não se deixe dominar por ciúme doentio. Você poderá perder grandes oportunidades de relacionamentos amorosos.
4. Não contraia dívidas além de suas possibilidades. Isto lhe tirará todo o prazer das coisas adquiridas e infernizará sua vida e prejudicará sua saúde.
5. Não se deixe levar por embalos de amigos e colocar sua vida e a vida dos outros em perigo.
6. Não se envolva em casamentos sucessivos, principalmente em sua fase de juventude. Isto poderá lhe trazer grandes decepções e tristezas na vida.
7. Evite dar nome ao seu filho muito comum, onde a possibilidade de ter muitos homônimos é evidente. Isto poderá significar para ele muitos transtornos e ônus.
8. Cuidado com as ofertas de excursões para o exterior onde muitos países serão visitados em um período curto de tempo. Isto poderá fazer com que você não veja os pontos turísticos mais importantes dos países visitados, além do cansaço de estadas em vários hotéis e viagens.
9. Se resolver ter um sítio de lazer, evite investimentos muito altos. Se resolver vender um dia, estes investimentos não serão ressarcidos no

- preço de venda para sua frustração. Dê preferência para compra de áreas de proteção ambiental.
10. Cuidado quando resolver se dedicar a um hobby. Ele poderá, com o tempo, consumir muito tempo seu e se tornar uma rotina cansativa e frustrante.
 11. Não leve muito a sério as dietas e regimes, se isto estiver fazendo com que você fique infeliz e perca bons momentos de sua vida, principalmente, na fase de adolescência e juventude.
 12. Não deixe que os seus compromissos profissionais o afastem de seus melhores amigos. Mais tarde, velho e aposentado, você sentirá solidão e vai ressentir a falta deles, mas, muito provavelmente, será tarde demais.
 13. Os laços de amizade com parentes são muito importantes para a família. Não deixe que seus compromissos familiares o afastem dos contatos que costumava manter com seus primos, tios e avós. Um dia, você poderá sentir muita falta deles, porém será um arrependimento tardio demais.
 14. Se você é um jovem universitário e está prestes a se formar, considere a possibilidade de fazer um intercâmbio internacional de estudante. Isto seria bom para você aprender a cultura de outro país, adquirir novos conhecimentos em sua área de atuação, aprender o idioma inglês.
 15. Pense como será a sua aposentadoria e os recursos financeiros que precisará no futuro. Assim, um plano de previdência privada desde o começo de sua vida profissional poderá lhe assegurar a renda que você vai precisar.
 16. Não se preocupe muito com o seu futuro. Viva mais os momentos de seu presente. Você poderá ver problemas que não existem em detrimento de sua felicidade de cada momento.
 17. Se você é um profissional liberal e pensa em se estabelecer em uma cidade do interior, analise bem se esta cidade lhe dará condições de localização para que você realize outros projetos importantes de sua vida.
 18. Mesmo que seus pais não fizeram com que desenvolvesse sua religiosidade, supere isto e envolva sua família nesta rotina sadia. Seu exemplo é muito importante e você não terá uma decepção no futuro de ver seus filhos apáticos aos assuntos religiosos e com baixa espiritualidade.
 19. Se resolver apostar em jogos da loteria, evite jogar sempre os mesmos números. Jogue aleatoriamente. Assim você estaria tornando estes jogos mais prazerosos, evitando um compromisso e um fardo para você.

20. Muito cuidado ao pensar em criar uma empresa própria na fase de sua aposentadoria. Você poderá desperdiçar o tesouro de tempo que ela lhe garante para viver a vida e montar uma armadilha que o atormentará nesta fase final de sua vida.
21. O vício do alcoolismo pode deixá-lo cego e fazê-lo perder uma esposa maravilhosa.
22. Relacionamento amoroso paralelo a um casamento pode ser mais destruidor do que, inicialmente, você imaginava e, no final, você pode ser o mais destruído.
23. Se, eventualmente, receber um dia um convite para uma oportunidade de emprego no exterior, não deixe que o conservadorismo e a insegurança prejudiquem uma análise racional da oferta. Isto poderá significar a perda de melhores condições de vida para você e sua família.
24. Se você está prestes a entrar na fase de adolescência, fique ciente de que experimentará uma mudança em seu comportamento, visando encontrar o seu destino e o seu espaço. Entretanto, cuidado para que esta fase não seja de sofrimento para os seus pais. Prefira o diálogo e o entendimento no lugar de uma adolescência rebelde. Seus pais são as pessoas mais importantes de sua vida.
25. Antes de se decidir morar em um sítio na zona rural, vindo de uma cidade grande, procure analisar bem este passo na vida. Não raras vezes, as pessoas não se acostumam com esta nova vida 'excessivamente bucólica' e perdem dinheiro quando decidem voltar.
26. As mulheres que pensam em retardar a gravidez devem se acautelar para confirmar sua fertilidade e, conforme a idade e planos, tomar o cuidado de preservar óvulos para garantir a gravidez no futuro, caso surjam complicações e os processos naturais não deem resultado, além de procurar tratamento com especialistas quando de dificuldade de engravidar naturalmente.
27. Não entre na tentação do vício de fumar. Isto poderá prejudicar em muito sua saúde, seu futuro e sua vida profissional. Afaste-se do cigarro!
28. Ao decidir pela compra de imóveis através de leilão público da CEF, analise bem todas as condições oferecidas, checar o contrato e a realidade do apartamento, se tem pendências judiciais com inquilino, para evitar de entrar em uma fria.
29. No esgotamento nervoso por morar em uma cidade grande como São Paulo, com todos os seus problemas, mudar-se para o Nordeste pode ser uma boa alternativa de dar a volta por cima e ser mais feliz e alegre.

30. Muitas vezes nos deixamos envolver pela vida material que esquecemos os verdadeiros valores espirituais que podem, verdadeiramente, dar uma verdadeira razão às nossas vidas.
31. Adiar a formação escolar, não fazendo um curso superior logo em seguida à conclusão do 2.º ciclo, pode tornar inviável este objetivo por outros compromissos, com repercussões negativas na carreira profissional.
32. A perda do espírito de luta pela vida e desenvolvimento pessoal pode levar um homem a uma prostração, levando-o a buscar refúgio na bebida e na comida, afastando-o de amigos e parentes, fazendo-os perder as grandes oportunidades que a vida oferece.
33. Um casamento na base do ‘amor cego’, sem uma devida avaliação das reais qualidades do homem, pode levar a mulher a uma grande frustração e a manter uma indesejada relação a dois em vista dos filhos e outros constrangimentos.
34. Cuidado ao se aventurar em empreendimentos no qual você não tem a experiência e não conhece as regras do jogo. Vender um imóvel para comprar um caminhão, pensando em elevar os ganhos, pode significar dor de cabeça e prejuízos.
35. Aceitar convite de pessoas viciada em jogo, sob o estímulo que o jogo é uma forma de diversão e ganhar muito dinheiro, pode ser o começo de um vício que lhe trará grandes prejuízos morais e financeiros em sua vida.
36. Não raras vezes, o casamento entre duas pessoas sozinhas e na fase madura de suas vidas pode significar mais o fim de um namoro romântico e mais um casamento entediante que não dá certo.
37. A carreira profissional deve ser orientada mais pela felicidade e prazer que ela pode oferecer, do que o dinheiro que possibilitará ganhar. Optar pelo consumismo imposto pelo capitalismo insensível pode significar a perda de muitos anos de vida em prazer e felicidade.
38. Iniciar nas drogas, mesmo como uma simples brincadeira, pode torná-lo um viciado e iniciar um calvário de sofrimentos para você e seus pais, além de comprometer o seu futuro.
39. Curta seus pais enquanto eles estão vivos e oferecendo seus conselhos e proteção. Mesmo que isto possa significar uma ‘intromissão’ em sua vida. Você pode descobrir muito tardiamente o quanto eles o amavam e queriam o seu bem. Faça com que eles partam sem que você tenha dívidas com eles.
40. As mazelas do governo, a corrupção e violência generalizadas que encontramos neste belo e rico país chamado Brasil têm levado muitos brasileiros a um profundo descontentamento e frustração. Alguns a ponto de querer nascer em outro país, se isto fosse possível e se pudessem voltar no tempo.

41. Uma pressão no companheiro feita com insistência, em um mesmo sentido, pode minar suas emoções afetivas, sem prévios diálogos de entendimentos e fazer com que ele tome uma atitude drástica que surpreenda.
42. A falta de maturidade faz com que aprendamos na dura realidade da vida, com sofrimento e dor. Mas, estes erros do passado nos orientam até os dias de hoje.
43. Não ajudar um irmão em um momento de necessidade, e podendo fazê-lo, pode lhe causar um arrependimento pelo resto de sua vida, em razão da decepção e tristeza com que o irmão recebeu sua recusa.
44. Não raras vezes deixamos de planejar nossa carreira profissional atentando para os nossos valores e sentimentos mais profundos. Assim, perdemos a oportunidade de seguir uma carreira harmoniosa com estes valores e sentimentos e uma vida mais feliz em com maior paz interior.
45. Nunca se deve interferir no processo natural de controle do número de espécies animais, eliminando o predador. A natureza tem um equilíbrio perfeito e quando interferimos os resultados são sempre desastrosos.
46. Não permita que o seu lado protetor paterno se transforme somente no acúmulo de propriedades e riqueza para garantir o futuro de seus filhos. Não faça isto em detrimento dos momentos importantes da vida de seus filhos, como acompanhá-los nas lições de casa, levá-los às aulas de natação, assistir as competições esportivas na escola, emocionar-se nas comemorações do Dia dos Pais, passear com eles de bicicleta. Eles ressentirão isto no futuro e não valorização somente a herança recebida.
47. Quando decidir parar de trabalhar, avalie bem seu planejamento de vida, quer quanto à idade apropriada, quer com relação aos recursos financeiros acumulados, quer com relação ao estilo de vida que irá adotar. Decisões erradas podem levá-lo a um período de vida difícil e com carências no futuro. E isto será muito deprimente e frustrante.
48. Focar demasiadamente os valores de vida no sucesso profissional, em detrimento da presença e contato com os pais, pode se tornar um tardio lamento quando eles partirem desta vida.
49. Colocar o emprego como única prioridade de vida, em detrimentos de uma maior convivência com a família e ignorância quanto ao desenvolvimento dos filhos, pode ser tornar um amargo prêmio e uma frustração nos esforços de recuperar estes importantes valores no final da vida.
50. Aventurar-se em uma viagem a um lugar selvagem, por mais atraente que possa parecer, sem as informações mínimas importantes sobre os

- perigos potenciais, hospedagem e meios de transporte, pode expor você e sua família a sérios riscos de vida.
51. Abandonar uma carreira bem sucedida e bem remunerada em uma empresa de primeira linha para aventurar-se em um negócio próprio pode ser uma decisão que trará enormes prejuízos, decepções e perdas de oportunidades na vida.
 52. Aceitar um desafio profissional e assumir um cargo de comando que não se coaduna com a personalidade e limitações do profissional simplesmente pelas vantagens materiais da nova posição, pode representar um inferno astral para o profissional e um risco sério aos relacionamentos e à própria saúde.
 53. Não raras vezes, a falta de confiança própria e excesso de timidez não nos permitem enxergar nossas próprias qualidades, fazendo-nos perder grandes oportunidades na vida, como um grande amor.
 54. A pessoa deve viver de maneira coerente com suas crenças religiosas mais profundas para não ter desequilíbrios, reais ou imaginários, em sua vida.
 55. Talvez, em alguns raros momentos de nossas vidas, quando estamos diante de um parente querido próximo de partir desta vida, tenhamos que ser irreverentes com os médicos e atender uma solicitação sua, como alguns goles finais de água fresca.
 56. A educação de berço deve ser levada em consideração quanto padrões morais estabelecidos são confrontados por críticas e influência de amigas, sob pena de arrependimentos tardios quando contrariados.
 57. O profissional em cargos de comando em recursos humanos deve ter a sensibilidade e percepção para identificar e reagir às transformações sociais que afetam as suas responsabilidades pelas relações ‘capital x trabalho’, sob pena de se tornar ultrapassado e perder o emprego.
 58. Não raras vezes, a falta de coragem de uma pessoa casada para enfrentar a família e a sociedade em uma situação de separação conjugal, pode fazer com que um grande e verdadeiro amor se perca no tempo e no espaço, ficando as lembranças e uma solidão a dois.
 59. Transferir valores e objetivos de vida a uma fanática dedicação a um time de futebol, gastar horas em rodas de amigos regadas à cerveja, podem fazer com que você se esqueça de traçar objetivos e metas mais importantes para a sua vida.
 60. O vício de se automedicar pode tornar a pessoa dependente de remédio até nas enfermidades mais comuns, além de se constituir em grave ameaça à vida, quando de ingestão de remédios com altos efeitos colaterais, como choque anafilático.

61. Em paralelo aos esforços de estudo e trabalho para alcançar o sucesso profissional e material, deve ser considerado como fator igualmente ou até mais importante o cuidado com a saúde.
62. Quando você tiver um objetivo muito definido e importante em sua vida, como fazer uma aventura para conhecer outros países e civilizações, não deixe que o comodismo o leve a desistir. Isto poderá marcar sua vida negativamente para sempre.
63. Muitas vezes implicamos e mantemos discussões com nossos entes queridos, que somente vamos perceber que eram tolas e desnecessárias quando eles se forem desta vida. Tardiamente.
64. A adoção de crianças é um ato de amor e esperança, não devendo ser protelada por comodismo e egoísmo dos potenciais adotantes, sob pena de amargarem solidão e desamparo no futuro.
65. Não perca a oportunidade, enquanto seus pais ainda estiverem vivos, para se interessar sobre o seu passado, ouvindo suas histórias e vendo suas fotos que registraram suas memórias. Quando eles partirem, caso você se descuide deste aspecto, as fotos antigas serão mistérios quando à realidade que eles viveram, que não será mais possível resgatá-los.
66. Se por um lado pode ser sábio e prudente uma educação dos filhos voltada para a simplicidade e humildade, não os acostumando a um padrão de vida elevado que eles podem não conseguir manter no futuro, por outro lado o rigor desta educação deve ser bem ponderado para não prejudicar no seu desenvolvimento pessoal e social.
67. Desenvolver exclusivamente valores profissionais na vida, como forma de demonstrar dedicação e reconhecimento a uma empresa, pode ser uma armadilha no futuro para aqueles que não desenvolveram outros valores pessoais e de família, principalmente na fase de aposentadoria, onde se verão sem rumo e vazios em seus objetivos.
68. Analise com carinho fazer a inscrição de sua esposa no INSS para que ela receba uma aposentadoria no futuro, quando casal se aposentar. Este valor será de grande importância para garantir um bom usufruto do tesouro de tempo que esta fase da vida dá.
69. Segredos de túmulo, aqueles que envolvem aspectos graves sociais, legais e éticos, não devem ser revelados a ninguém. Se o fizer, poderá estar correndo o risco deste segredo ser revelado a outras pessoas e, entre elas, alguém que poderá lhe trazer graves e sérios prejuízos.
70. Quando o nível social e padrão de vida não forem coerentes com os recursos financeiros, tenha a coragem de promover um desapego material e mudança de hábitos para não perder sua paz e saúde. Lembre-se que não importa se o invólucro de sua cama é uma

- simples morada ou uma rica mansão. O que importa é a qualidade de seu sono! E lembre-se também que ‘dinheiro não aceita desaforo!’.
71. Dedicar-se a atividades paralelas extras profissionais pode provocar a perda do elemento principal da segurança e bem estar da família – o emprego, em razão da política de conflito de interesses das empresas.
 72. Quando você estiver diante do dilema entre optar por uma carreira que diz mais respeito aos seus valores e vocação por outra que, mesmo vantajosa, não lhe traz motivação e realização, não hesite em optar pela primeira.
 73. Criar filhos com excesso de recursos e regalias, mesmo sendo um bem sucedido empresário, poderá significar a acomodação deles quanto ao desenvolvimento pessoal e profissional, trazer grandes frustrações como pai, além de criar problemas de relacionamentos em família.
 74. Buscar progresso profissional tornando-se um especialista em enrolar com classe não é o melhor caminho para uma boa carreira profissional. Assim, opte sempre pelo caminho mais comum – dedicação ao trabalho, fidelidade à empresa, atingimento de bons resultados e contínuo aprendizado.
 75. O desnível intelectual entre a esposa e o marido pode, eventualmente, prejudicar o relacionamento conjugal e trazer sérios comprometimentos à vida a dois.
 76. Acumular bens imóveis, mantendo elevadas despesas com administração, obras e manutenção, valorizando mais o Ter, pode se revelar como não apropriado e dificultando o Ser.
 77. Fazer piadas em público, que envolvam nacionalidades, religião, gostos, cor da pele, entre outros aspectos que possam mostrar uma discriminação, pode se constituir em uma grave gafe, com consequências até da perda de emprego.
 78. Casar muito cedo, sem estar preparado financeira e psicologicamente, pode apagar o brilho e a alegria deste momento tão importante, além de provocar problemas de relacionamentos prematuros entre o casal e dificultar a educação de filhos.
 79. Envolvimentos amorosos no ambiente de trabalho considerados não apropriados podem trazer momentos de emoções, satisfações e alegrias. Mas, com o passar do tempo, se mostram desastrosos para a imagem profissional e os prejuízos nas relações conjugais, tornando-se um erro geralmente tardio de ser reconhecido.
 80. Pautar uma decisão de casamento única e exclusivamente nas condições de riqueza do parceiro, pode não ser a melhor opção para uma vida de felicidade e harmonia conjugal. O amor deve sempre imperar nesta decisão.

81. Casar com um estrangeiro, morar fora do Brasil, enfrentar diferentes culturas nacionais e diferentes níveis de educação entre o casal, pode não corresponder ao sonho original e se tornar em uma grande frustração.
82. Realizar cirurgias importantes e recomendadas pelos médicos quando se tem boas condições de saúde e idade apropriada, pode significar uma velhice mais ativa e tranqüila.
83. Nunca coloque um cigarro na boca e, se um dia o fizer, não dê prosseguimento a este terrível vício. Não tenha dúvidas que a doença, incapacitação e a morte o esperam se você não parar com este vício. Esta é uma realidade médica e científica comprovada.
84. Tenha uma boa noção de sua verdadeira capacidade profissional e não deixe que a arrogância e falsas pretensões o afastem do aprendizado com profissionais mais experientes. Isto pode significar para você a perda de oportunidade de carreira e até o seu emprego.
85. Os filhos crescem, têm sua própria família, desenvolvem novos valores e costumes. Os pais têm que entender esta situação para não cometer pequenos erros, que causam grandes problemas de relacionamentos em família.
86. Modernamente, considerar a possibilidade de ter um filho, mesmo mantendo a condição de mãe solteira, pode ser uma decisão acertada para as pessoas que optaram por uma vida alheia a um casamento, assegurando a companhia e amparo de um filho na fase de velhice.
87. Na abertura de um negócio, onde a compra de imóvel em shopping é considerada, há que se ter muito cuidados com as cláusulas impostas pela administração do shopping, analisando-as cuidadosamente e reconhecendo sua exata compreensão e sua capacidade de atendimento. A vaidade (que chique ter uma loja em um shopping!) não deve cegar o pretendente neste aspecto.
88. A decisão de deixar o Brasil para viver no exterior, por mais que se tenha sucesso nesta iniciativa e se construa uma nova vida, pode levar a grandes momentos de saudades e frustrações pelas raízes, relacionamentos e culturas deixadas para trás.
89. O excesso de insegurança, timidez e falta de confiança podem fazer com que a pessoa perca as melhores oportunidades e momentos de sua vida. Aceitar esta situação sem tentar uma reviravolta, mesmo com ajuda de um terapeuta, é condenar a um futuro negativo a sua existência.
90. Não definir uma idade para parar de trabalhar, quando se tem ainda saúde e condições para usufruir os prazeres da vida, o convívio com a família e amigos, optando por continuar trabalhando até uma idade avançada, pode ser uma decisão que trará grandes e tardios arrependimentos.

91. Ser excessivamente responsável e preocupar-se em demasia com os problemas, sentimentos e opiniões dos outros, em especial de filhos, netos e marido, pode resultar em frustração pela falta de reconhecimento e experiência com isolamentos da parte deles, pelas interferências e atitudes para evitar que tenham problemas e sofrimentos..
92. Casamento é um ato dos mais importantes na vida de uma pessoa. E quem não tem, definitivamente, vocação para o casamento, para ser marido e ser pai, deveria refletir muito sobre as consequências de criar uma família. Isto poderá levá-lo a uma ausência e negligenciar em seus compromissos familiares, criando uma família desunida e isolada, com comprometimentos afetivos no amor e amizade.
93. Amparar uma família somente no lado material e somente prover recursos financeiros para uma boa educação, negligenciando uma educação espiritual e religiosa, pode ser altamente prejudicial ao desenvolvimento dos filhos, levando-os a uma situação de falta de espiritualidade e de falta de rumo quanto às crenças religiosas.
94. Fazer um aborto, além de uma atitude abominável, ilegal, imoral e pecaminosa, pode fazer com que você mate o único filho que o Destino havia lhe reservado, fazendo com que você tenha grandes arrependimentos e remorsos no futuro.
95. O excesso de vaidade e insegurança pode levar uma pessoa a fazer sucessivas plásticas que podem culminar com a transfiguração de sua aparência e corpo, trazendo mais malefícios do que benefícios, além dos invariáveis problemas psicológicos com o avançar da idade.
96. Não raras vezes, direcionamos nossa arrogância, nossa raiva e o nosso poder de maldade contra pessoas inocentes para nos vingar de outras pessoas de nossos relacionamentos, procurando feri-las indiretamente com este nosso comportamento. Porém, isto pode trazer profundos remorsos e tardios arrependimentos pela sensação da injustiça praticada.
97. Se você se sente atraído por uma atividade, como escrever livros por exemplo, não deixe que o fator idade o faça desistir. A jornada da aprendizagem e maturação é longa em qualquer atividade. Mesmo que completar este ciclo tornar-se inviável por sua idade, não desista. Vá em frente e procure motivação no prazer e realização que isto lhe trará.
98. Pessoas controladoras se esquecem que não estão mais no controle do navio da família quando seus filhos crescem, têm seus próprios filhos e família. Assim, continuam interferindo e criando problemas de relacionamentos. Com isto, podem passar a sofrer isolamento e agressões desnecessárias.

99. A nossa experiência e sabedoria podem ser enriquecidas e otimizadas através de vários exemplos de experiências negativas das outras pessoas.
100. As pessoas devem viver de forma coerente com seus valores e princípios, sonhar e procurar realizar seus sonhos, valorizar as amizades e a família, sob pena de terem irreversíveis arrependimento em seu leito de morte.

Um fato interessante, observado no decorrer da pesquisa, foi que os relatos serviram de desabafo para muitos depoentes, que se sentiram aliviados em expor segredos guardados de arrependimentos amargos de sua vida. Assim, este trabalho serviu para estes colaboradores como um alívio psicológico e um conforto aos seus corações. Que bom, não é mesmo? Foi uma retribuição, não planejada, pela colaboração de todos!

Um ponto que é preciso salientar com muita ênfase é que as experiências aqui relatadas não são, necessariamente, paradigmas para situações semelhantes vividas por outras pessoas. É óbvio que situações iguais ou assemelhadas por outras pessoas podem, com certeza, ter resultados diversos e favoráveis, contrariando uma experiência negativa aqui reportada.

O que torna útil este trabalho é a reflexão que os casos relatados podem provocar no leitor e ajudá-los a aumentar seu grau e profundidade de análise, quando estiver diante de situações que demandem um alto grau de assertividade de sua decisão.

Como exemplo, citamos o caso número 51. Um relato muito sério, cujas consequências vão além do âmbito pessoal, atingindo a segurança e o bem estar da família, além das frustrações e danos morais ao personagem. Casos semelhantes e com os mesmos resultados negativos acontecem às centenas. Assim, se um dia você estiver diante de uma decisão de vida parecida pondere bem os pontos positivos e negativos, as vantagens e desvantagens, os riscos e oportunidades que o esperam!

E como o caso 51, os demais podem ser de extrema utilidade quando você vivenciar experiências semelhantes, evitando uma decisão errada, modificando uma decisão precipitada ou mesmo provocando reflexões que podem confirmar a sua decisão, culminando com uma melhor assertividade da decisão final, mesmo que diferente da experiência relatada.

Foi com este intuito que este trabalho foi proposto.

Muito pouco você poderá fazer a respeito das oportunidades perdidas no passado. Porém, você poderá ficar alerta e aprender com as oportunidades perdidas e experiências negativas experimentadas por outras pessoas.

Com relação às oportunidades perdidas, use o sentimento de frustração para motivar-se a fazer algo com relação a isto. Desenvolva outros objetivos e enfrente novos desafios. Ninguém vive uma vida perfeita e ninguém consegue tudo o que se propôs a fazer.

Algumas pessoas estão em constante movimento para trabalhar em novas conquistas no presente, ao invés de refletir e se lamentar sobre as oportunidades perdidas no passado. Não tema em lhe dar uma nova chance. Você poderá se sentir pior por não ter tentado do que tentar e fracassar.

Não há como viver uma vida sem arrependimentos. No entanto, o arrependimento pode tornar-se um obstáculo e interferir em sua felicidade no presente e restringir o seu futuro ou motivação para seguir em frente.

Você pode querer considerar alguns passos importantes neste sentido, tais como:

- Determine e especifique o seu real arrependimento. Foi algo que você fez ou não fez? Algo que obrigou alguém a fazer ou não fazer? Alguma circunstância fora de seu controle? Controle seus sentimentos e identifique exatamente o seu arrependimento.
- Dê o perdão a você mesmo e faça as pazes consigo próprio. Nós pedimos desculpas por qualquer mal que causamos aos outros. Então, por que não se perdoar? Se perdoar o outro o fará mais feliz, perdoar a si próprio o fará, igualmente, feliz.
- Aceite as circunstâncias, evite culpar os outros. Assuma a responsabilidade por qualquer coisa que você poderia ter feito melhor.
- Cuidados com seus relacionamentos perniciosos. Às vezes, outras pessoas nos levam a fazer coisas que nos deixam com arrependimentos graves. Se tiver algum relacionamento pernicioso, livre-se dele!
- Procure esquecer suas experiências negativas. Veja o que ela lhe ensinou de bom. Quando sentimos arrependimentos, remoemos culpa, tristeza ou raiva. Beneficie-se destes sentimentos somente se forem úteis para você avançar.

- **Reconheça o que você aprendeu o adquiriu com a experiência negativa. Ao invés de remoer arrependimentos, volte seus pensamentos para as coisas que você aprendeu e as oportunidades que, agora, estão sob sua visualização. Há sempre uma lição a ser aprendida, mesmo na dor e na tristeza. Procure a lição aprendida e se concentre nela para desenvolver-se, ao invés de gastar tempo sobre o que poderia ter feito.**

- **Refleta e planeje como você poderia evitar esse tipo de arrependimento no futuro, através de suas experiências negativas e, igualmente, as experiências negativas de outras pessoas, algumas delas retratadas neste livro.**

Permitam-me reprisar um trecho já contemplado neste livro, que expressa muito bem o intuito e a utilidade deste nosso trabalho:

Você olhará para seus pais, sua esposa, seus filhos, seus irmãos, seus parentes, seus amigos, seu emprego, sua opção de carreira, sua igreja, seus hobbies, seu planejamento de futuro, seus valores pessoais, entre outros aspectos de sua vida, com novos olhos, aguçados sob um prisma complementar, após a leitura deste livro! E o que é mais importante - a tempo de refletir e rever conceitos para não cometer erros irreparáveis no tempo ou apurar as análises e a qualidade de suas decisões ao seguir em frente.

“Uma pessoa inteligente aprende com os seus próprios erros. Uma pessoa sábia aprende com os erros de outras pessoas!”.

FIM